ITINERÁRIO

LUDOVICO DE VARTHEMA

ITINERÁRIO

(Primeira tradução Portuguesa)

Tradução, Prefácio e Notas de

VICENZO SPINELLI

EDIÇÃO DO INSTITUTO
PARA A ALTA CULTURA
LISBOA

1949

PREFÁCIO

A 6 de Dezembro de 1510 do ano de Nosso Senhor apareceu em Roma, impresso por Mestre Stephano Guillireti de Loreno e Mestre Hercule de Nani Bolonhês, ad instantiam *de Mestre Ludovico de Henricis de Corneto Vicentino, a primeira edição de um livro intitulado:* Itinerario de Ludovico de Varthema Bolognese nello Egypto, nella Suria, nella Arabia deserta et felice, nella Persia, nella India et nella Ethiopia. La fede: el vivere et costumi de tutte le prefate provincie. Con Gratia et Privilegio.

O sucesso manifestou-se desde o princípio como verdadeiramente extraordinário: fizeram-se bem trinta e nove edições no século XVI; oito no século seguinte. Em 1511 foi traduzido em latim pelo cisterciense Arcangelo Madrignano e no ano seguinte impresso em Milão por Angelo Scinzenzeler; em 1515 apareceu em alemão; em 1520 em espanhol; em 1544 em flamengo; em 1566 em francês e em 1577 em inglês.

Numerosos extractos e resumos começaram a circular, juntamente com o livro, em todas as partes do mundo, surgindo aos olhos dos literatos e dos artistas a figura de Varthema como a do tipo clássico do viajante (1); *em bibliotecas, colecções, livros e relatos de viagens aparecem amplas referências à vida, à obra e ao nome do viajante Bolonhês; geógrafos, naturalistas, cronistas e historiadores fazem-se eco do que no* Itinerário *se diz, e reproduzem ou discutem factos, dados e juízos; finalmente, com Pellegrino Antonio Orlandi (1714), Varthema entra oficialmente no Olimpo dos escritores Bolonheses, e com Mazzucchelli (1758) e Tiraboschi (1774) no dos escritores Italianos.*

As edições mais recentes do Itinerário *são as italianas de 1884 (Bolonha, Tipografia Fratelli Merlani, com um artigo de Ernesto Masi), de 1885 (Bolonha, Editor Gaetano Romagnoli, na «Scelta di Curiosità Letterarie» dirigida por Francesco Zambrini, com introdução de A. Bacchi della Lega), 1928 (Milão, «Alpes» Editora, com Prefácio de Paolo Giudici) e a inglesa de 1929 (London, introdução de R. Temple, tradução de J. W. Yones).*

QUEM É LUDOVICO DE VARTHEMA

Pouco sabemos de Ludovico de Varthema, a não ser o que ele diz de si no Itinerário, *e que é mais de molde a aumentar a confusão do que a esclarecer-nos. De facto, enquanto no frontispício do livro se proclama Bolonhês e tal é dito no Privilégio, em dois lugares do texto* (2) *diz-se*

(1) Anton F. Doni, Zani, Robert Burton, por exemplo. (Ver Bibliografia).

(2) Págs. 41 e 53.

Romano, e o h *do seu apelido representa, certamente, uma interpolação de gosto humanístico: o mesmo gosto que transformou Petracco em Petrarca, Montepulciano em Poliziano.*

Passemos a vista pelas edições do livro. Além de Varthema, lemos: Vartema, Barthema, Bartema, Verthema, Vertema, Ludovico Bolognese e Ludovico Patrizio; nas edições latinas: Vartomannus, Vertomannus, Barthomeus, Ludovicus Patricius e Ludouicus de Bononia; na edição espanhola, Luis Patricio. Nem é — consequentemente — menos pitoresca a confusão nos textos que citam o seu nome ou o seu livro: até Mattaire lhe chamou Varonmicer (3), *interpretando duma forma tão curiosa o título da edição espanhola: «Itinerario del venerable* varon, micer *Luis Patricio», etc. Para nos limitarmos aos principais textos portugueses, enquanto Damião de Góis* (4) *fala de um Luis vuartmã natural de Bolonha, Fernão Lopes de Castanheda* (5) *di-lo natural de Roma e chama-lhe Luis patricio; denomina-o Ludovico Romano, sem indicação de nacionalidade, João de Barros* (6); *Osorio Lusitano chama-lhe Ludovicus Vartmanus* (7); *di-lo Milanês e chama-lhe Ludovico Vartomano, Garcia da Orta* (8).

(3) Ann. Typogr. II, 629. V. Intr. de Bacchi della Lega a *Itinerário*, Ed. 1885.

(4) «Cronica do Felicissimo Rei D. Manuel», Coimbra, 1926. Pág. 35.

(5) «Historia do Descobrimento e Conquista da India», Coimbra, 1924. Págs. 264 e 359.

(6) «Da Asia», Lisboa, 1628. Dec. I, Livro X, Fols. 199-200.

(7) «De Rebus Emmanuelis Regis», Lisboa, 1621. Págs. 172-173.

(8) «Colloquios dos simples e drogas da India», Lisboa, 1891. Vol. I, Colloquio IX, Do benjuy, pág. 106.

Seja como for, deve-se considerar definitivamente assente que Varthema nascera na Cidade de São Petrónio. Quanto à data, Amat di San Filippo (9) *julga podê-la fixar entre 1470 e 1472, baseando-se no facto que, tendo Varthema partido de Veneza, conforme a opinião da maior parte dos comentadores, em 1502* (10), *não devia ter, naquela altura, menos de trinta anos. Giuseppe Caraci, Professor em Pisa de História das Explorações, considera mais provável que o viajante tivesse nascido no período 1465-1470* (11).

No que se refere à vida, do passo em que Vaterma diz: «Na verdade, eu, nos meus dias, encontrei-me em algumas guerras» (12) *e do serviço prestado juntamente com os Mamelucos para a protecção da caravana com que viajou de Damasco a Meca, Amat* (13) *deduz que o autor de* Itinerário *exerceu o ofício das armas; mas nada está esclarecido sobre este ponto. Só se sabe com certeza, pelo testemunho do seu contemporâneo Marino Sanuto* (14), *que depois do seu regresso, em 6 de Novembro de 1508, Varthema se encontrava em Veneza* (15).

De Veneza, Varthema passou a Roma, onde foi muito bem acolhido pela nobreza da Cidade Eterna; é provável que, depois da publicação do Itinerário, *feita, como se disse, em 1510, a sua protectora, a quem o livro fora dedicado: Agnesina di Montefeltro Colonna, Duquessa de Tagliacozzo, filha de Federico Duca de Urbino e esposa de Fabrizio Colonna, lhe tivesse conseguido a inscrição entre os Patrícios, encontrando-se o título de Patrício Romano associado ao seu nome já na primeira edição latina, que é de 1512.*

Nem do ano da sua morte temos a certeza; só sabemos que em 10 de Junho de 1518, devia ter já passado para a outra vida, porquanto no Privilégio da edição de 1517, que tem precisamente a data de 10 de Junho do ano seguinte, o Cardeal Camarlengo diz que Ludovico, «familiaris noster dilectissimus», tinha já morrido, e declara que não deixara herdeiros que pudessem receber dano de uma reimpressão do livro: «neminem ex heredibus superesse qui ex nova impressione vel iactura vel iniuria afficiatur».

Também acerca da família de Varthema a confusão nasce das próprias palavras do misterioso viajante, que num ponto do Itinerário (16) *diz ter declarado ao Sultão de Adem*

---

(9) «Della vita e dei viaggi del Bolognese L. de V.», in «Giornale Ligustico», 1878, Vol. I.

(10) Só Amat (Obr. cit.) e Paolo Giudici (Prefácio à Edição de *Itinerário* de 1928, pág. 24), julgam ter Varthema partido de Veneza em 1500, especialmente em virtude do passo de *Itinerário* (pág. 234): «por causa de ter eu estado sete anos fora da minha casa...»; mas isso está em absoluta contradição com o que Varthema diz em outros pontos de *Itinerário:* «...havia quatro anos que eu não falava com Cristãos» (pág. 203); «Em mil quinhentos e três, no dia 8 de Abril, enquanto a caravana se aprontava para ir a Meca...» (pág. 16). Pelo que é muito mais provável que a «casa» de que falava seja Bolonha e não Veneza.

(11) In «Enciclopedia Italiana», Roma, 1938. Vol. XXXIV, pág. 1021.

(12) Pág. 288.

(13) Obr. cit., pág. 13.

(14) «Diarii», Tomo VII, Coluna 662.

(15) «......Depois do jantar houve audiência da Senhoria e dos Sábios. Neste dia interveio no Colégio um Bolonhês vindo de Calecute. Referiu ele muitas coisas daquelas partes do mundo. *Adeo* todos ficaram espantados com os ritos e os costumes da Índia. Pelo Colégio foram pagos 25 ducados por este relato».

(16) Pág. 62.

que «não tinha nem pai nem mãe, nem mulher nem filhos, nem irmãos nem irmãs», ao passo que, noutro, afirma precisamente o contrário: «...se eu não tivesse mulher e filhos teria ido com eles» [12]. Mas esta segunda afirmação é indubitàvelmente mais atendível do que as declarações feitas para suscitar compaixão no ânimo do Sultão, quando em tão triste situação se encontrava; e, por outro lado, devia ser demasiada conhecida também a sua situação familiar, especialmente em Roma, para se poder calar acerca da sua mulher e dos seus filhos. Explícito é, neste particular, o seu contemporâneo Cristoval de Arcos Clerigo, tradutor do Itinerário em espanhol, o qual afirma no Prefácio: «deve el prudente y sabio lector saber que este nombrado varon micer Luis de Varthema fue natural de Bolonia: y en la ciudad de Roma fue casado e tuuo hijos».

Teve, pois, mulher e filhos; mas, quantos foram os filhos e quando morreram eles e a mulher, não foi possível, até agora, esclarecê-lo.

Finalmente, no que se refere ao apelido do viajante, enquanto Schefer [18] crê que o nome de Varthema é uma corrupção dos nomes alemães Wartmann ou Wertheim, Amat, no estudo citado, julga estar definitivamente demonstrado que a forma originária era Vertema, e que a família do famoso viajante era oriunda de Génova. Fundamentos desta conclusão são o epitáfio sepulcral que existia na Igreja, agora destruída, de Santa Caterina dell'Acquasola: «SEPULCRUM JOANNIS BAPTISTAE VERTEMA, MATHEI FILIJ ET HEREDUM SUORUM, MDLXIII», citado nos «Monumenta Genuensia» de Piaggio; o brasão da família

(17) Pág. 201.
(18) Edição francesa de *Itinerário*, Paris, 1808. Pág. IX.

Vertema, registado na obra manuscrita de Giovanni Andrea Musso, existente no Arquivo de Estado de Génova, e a notícia registada nas folhas Secretorum do mesmo Arquivo, segundo as quais em 1655, no lugar dito «La Chiappella», existiam as casas de um Niccolò Vertema.

ECOS DA PASSAGEM DE VARTHEMA NAS CRÓNICAS PORTUGUESAS

Quanto aos contactos tidos por Varthema com os Portugueses e com o Mundo Português, além do que se diz no Itinerário acerca da apresentação de Ludovico a D. Lourenço, o filho valoroso do Vice-Rei D. Francisco d'Almeida em Cananor [19], dos encargos conseguidos, da participação na batalha naval de Cananor e no assalto de Panane, do título de cavaleiro recebido pela sua actuação neste último assalto, do seu regresso à Europa e do seu colóquio, em Almada, com o Rei D. Manuel [20], existem amplas notícias dos maiores cronistas portugueses do século XVI, que confirmam a exactidão e a veracidade do que o viajante Bolonhês relata.

Reza a «Cronica do Felicissimo Rei D. Manuel» [21]:

«Tornado dom Lourenço da ilha de Zeiland, ho Vicerei lhe mandou que com has mesmas naos, & outras mais fosse correr ha costa do Malabar, atte ha fortaleza de Anchediua, a qual proueo dalgũas cousas de que tinha necessidade. E despidido do capitão Emanuel paçanha, se tornou a Cananor, onde esteue algũs dias ajudando com sua gente ho capitão

(19) Pág. 216.
(20) Págs. 221, 229, 234, 245.
(21) Ed. citada, Cap. XII, pág. 35.

Lourenço de brito na obra da fortaleza. No qual tempo veo ter com elle hũ homem per nome Luis vuatmã natural de Bolonha em Lombardia, que andára por muitas partes do mundo, de que screueo hum trattado, ho qual dizendolhe quẽ era, & quomo vinha da Calecut pera auisar ho Vicerei, de quomo elRei de Calecut fazia hũa grossa armada pera guarda das naos que iham, & vinham a seus portos, a qual nam tardaria muito q̃ nam saisse pera acompanhar muitas naos de mercadores de Meca, que estauão de caminho, atte has poer em saluo das nossas armadas & que allem disto lhe trazia recado dos Milaneses, que andauam com elRei de Calecut, que arrependidos do que tinham feito, quomo Christãos q̃ eram se queriam reconciliar com Deos, & virse pera ho serviço delRei de Portugal, hos quaes deuia de mãdar vir, porque em quanto estiuessẽ em Calecut nam podiam deixar de fazer artelharia, da qual tinhã ja fundidas mais de quatrocentas peças grossas & meudas, & lhe fariam cada dia fundir mais, & que ho pior era q̃ per força lhes faziam ensinar ho modo da fundiçam ahos mouros, & malabares, & que pois elle alli estaua que tinha por escusado ir mais a diante buscar ho Vicerei seu pai, q̃ lhe pedia que prouesse com diligençia no que lhe dixera, porque assi cumpria a seruiço de Deos, & delRei de Portugal: dom Lourẽço lhe agradeceo muito ho trabalho que tomára & ho perigo em quese posera pera dar hum tã bom auiso, & lhe fez por isso merçe, & passados tres dias, que ho alli teue consigo, ho mandou a Cochim na galé de Ioão ferram pera dom Francisco dalmeida seu pai delle saber ho que passaua, dõde ho dom Francisco tornou ha mandar pera Cananor na mesma galé, & screueo a dom Lourenço, que se aperçebesse pera pelejar cõ ha armada de Calecut, & que a Luis vuartman desse todo ho dinheiro que houuesse mister pera tornar a Calecut a ver se podia trazer hos Milaneses de se vir pera hos nossos, mas ho tratto foi descuberto, & elles ambos mortos pelos mouros, & Luis vuartman se salvou, & acolheo pera a fortaleza de Cananor.»

O relato do cronista Português é substancialmente igual ao do viajante Italiano [22], *assim como são iguais os relatos referentes ao assalto de Paname* [23], *que Damião de Góis apresenta assim* [24]:

«Nesta pelleja morreram dezoito dos nossos, & foram muitos feridos, entre os quaes foi dom Lourenço, Nuno da cunha, Fernam perez dandrade, Pero barreto, Paio de sousa, George fogaça: Dos inimigos morreram mais de trezentos, afora muitos feridos: Ho Vicerei depois que ho fogo se ateou de todo na villa, se recolheo á praia, onde armou muitos caualleiros, entre hos quaes foi Luis vuartman Bolonhes, de que atras fallei, que se veo com Tristam da cunha a este regno, & screue esta batalha no seu Itenerario».

Mutatis mutandis, não difere do relatório de Damião de Góis o de Fernão Lopes de Castanheda [25]:

«E ja em Feuereiro de mil & quinhẽto & seis estãdo dõ Lourenço hũ dia despois de comer na sala da torre da menajem ẽtrou hũ dos nossos, & vinha coele hũ homẽ branco vestido como mouro q̃ se deytou aos pees de dom Lorenço, & lhos beyjou dizẽdo que ouuesse piedade dele q̃ era cristão. & q̃ lhe q̃ria falar aparte: porq̃ vinha de Calicut. Ouuido isto por dõ Lourenço meteose coele na sua camara, & metidos, ho homẽ lhe disse que auia nome Luis patricio, & era natural de Roma, dõde auia anos q̃ partira a ver mũdo; & despois de ter vista a mor parte Dasia tornãdose pera Europa fora ter a Calicut, onde lhe fora forçado deterse por amor da

---

[22] Pág. 216 e sgs.

[23] Pág. 234 e sgs.

[24] Obr. cit., pág. 76.

[25] «Historia do Descobrimento e Conquista da India», Coimbra, 1924. Pág. 264, Cap. XXIII.

guerra q̃ auia entre os nossos, & os de Calicut: & no tẽpo desta detẽça topara dous Milaneses q̃ lá andauão fugidos dos nossos auia algũs ãnos: & lhes vira insinar aos Malabares como fizessẽ hũa galeota que fizerão muyto bẽ feyta; & lhes vira fundir hũa bõbarda muyto grossa de metal q̃ lãçaua hũ pelouro muy furioso. E estes lhe disserão q̃ por saberẽ fundir artelharia erão muy estimados del rey de Calicut, & lhe tinhão fundido quatrocentas peças dartelharia, & tinhão insinado algũs gẽtios a fundila, & a serem Muyto bõs bõbardeiros. E q̃ el rey de Calicut cõ todos os da cidade esteuerão muy grãde medo quando ho visorey passou de caminho para Cochim q̃ cometesse Calicut: & coeste medo ajuntara muyta gẽte de peleja, & grãde armada. E vẽdo q̃ as não cometera, cobrara coração pera mãdar aos seus q̃ pelejassem cõ os nossos no mar, & esperauão de os catiuar todos: porq̃ sabião q̃ a nossa armada andaua espalhada, & que ele estaua em Cananor: & tomados os que andauão no mar parecialhe que seria muyto pouco tomar os da terra. E porque se isto não soubesse auia grandes goardas em calicut, & não deixauão sair pera fora a nhũ estrãgeiro ainda que fosse mouro: & ho mesmo fizerão a ele que cuydauão que ho era, ate que teuera maneira pera fugir scretamente, & ir dar auiso ao visorey do q̃ se ordenaua em Calicut: E enformado dõ Lourẽço, bẽ miudamente do que este Luiz dizia, mandou ho ao visorey na galee de Ioão serrão, que ẽformado dele ho tornou a mandar a Cananor na mesma galee, escreuendo a dom Lourenço que recolhesse a nossa armada: & pelejasse cõ a frota de Calicut & que lhe lembrasse q̃ pelejaua pola fe catholica, & por sua hõrra, porisso que fizesse como Christão, & como seu filho. E trabalhasse por uer os dous milaneses que ãdauão em Calicut. E que desse a Luis quanto dinheiro pedisse pera esta negociação, porque ele a auia de fazer. Porem não oue efeito porque estando os Milaneses demouidos per meyo de Luis pera tornar aos nossos forão sẽtidos dos mouros, & logo forão mortos muy cruelmente, & assi pagarão ho mal que fizerão».

A respeito do assalto de Panane, e da parte tomada naquele por Varthema, diz brevemente o Cronista (26):

«E por memoria daq̃le feyto armou algũs caualeyros, ãtre os quais foy Nuno da cunha, & Luis patricio Romano de q̃ a tras fiz menção».

Osorio Lusitano (27) *relata, no seu elegante latim, o episódio da apresentação de Varthema (Ludovicus Vartmanus) a D. Lourenço e o episódio dos dois renegados, confirmando as afirmações do viajante Bolonhês:*

«Interim dum tempus in his negotiis teritur, venit ad Laurentium vir quidam Italus, nomine Ludouicus Vuartmanus, patria Bononiensis, qui studio orbis terrarum cognoscendi, multas regiones peragrarat, atque tandem sub mercatoris habitu, cùm se Saracenũ esse simularet, Calecutium peruenerat. Ibi cùm multi multa de Portugalẽsibus cõmemorarẽt, nomine gẽtis excitatus, quasi quae gẽs esset ignoraret, qui mores et instituta illius essent, quam religionis sectã sequeretur, quo casu fuisset in Indiam delata quaesivit. Saraceni gentem esse maleficam & sceleratam narrant, cuius omne studium in latrocinio & crudelitate consumeretur, multáque iam detrimenta Saracenis in partibus illis intulisse. Tum Ludouicus simulat se indignissime pati, tantam gentis impurissimae audaciam & temeritatem tandiu impunitam esse, quae iam interitu funestissimo debuisset meritas facinorum & scelerum poenas exolvere. Inde cum se in familiaritatem eorum, qui plurimum poterant, insinuaret, & consilia Regis explorat, & quo animo classem ingentem compararet, quibus auxilijs se in nominis Lusitani perniciem sepiret, intelligit. Interim spem maximam concipit, fore

---

(26) Obr. cit., Pág. 359. Livro II, Cap. LXV.

(27) «De rebus Eman.», Lisboa, 1621. Págs. 172-173.

ut brevi Lusitanorumque ope sese à Saracenorum familiaritate impurissima vendicaret. Cum mediolanensibus autem consilia communicat, & eos adhortatur ut, relicto Calecutio, se ad Lusitanos conferant. Respondent illi se Christianos esse, scelerum tamen suorum conscientia perterreri, ne ad Christianos confugiant. Ludouicus bono illos animo esse iubet, séque operam daturum pollicetur, ne illis fraudi esset facinus, quod in Christianum nomen consciuerant. His ita constitutis, quam primum occasionem oblatam vidit, arripuit, atque ad Almeidam se contulit. In eo cursu in Laurentium incidit. Ibi tunc quas copias Rex Calecutiensis pararet, quam classem instrueret, illi nunciauit. Docuit praeterea, valde Mediolanenses facti sui poenitere. Eosque si veniam impetrarent, libentissime ad Lusitanos redituros. Quod ut confestim fieret, Laurentium vehementer adhortari coepit. Illorum namque opera quamplurima tormenta apud Calecutiensem Regem conflari, multósque idem artificium ad illis inuitissimis perdiscere. Laurentius illum laudat, et muneribus afficit, atque promissis excitat, ad patrémque deduci iubet. Pater confestim filium per litteras admonuit ut se ad dimicandum cum hoste pararet. Et Ludouicum dimisit, ut Calecutium reversus, Mediolanenses data fide Cochimum perduceret. Id Mediolanenses laetissimis animis acceperunt. Sed dum fugam parant, fuit eorum consilium enunciatum: deprehensique poenas morte crudelissima luerunt. Ludouicus vix se fuga à periculo caedis proripuit.»

Mais sóbrio e mais cauto é João de Barros ([28]):

«Nestes dias que se ali deteve, veio ter com ele (D. Lourenço De Almeida) hum Italiano per nome Ludouico Romano, dizendo que escondidamente saira da cidade Calecut a lhe dar noua da grande armada que estaua prestes pera sair, & o muito resguardo que se tinha aos rios onde se fazia prestes que não se soubesse per os Portugueses. & assi disse

([28]) «Da Asia», Lisboa, 1628. Década I, Livro X, Fols. 199-120.

como lá andauão dous leuantiscos artilheiros offerecendose aos tirar daquella parte, os quaes erão aquelles de que já atras fizemos menção sobre que o Çamorij tantas vezes se desaueo nos contractos da paz. Contou maes este Ludouico outras cousas a dom Lourenço que lhe conueo mandalo a seu pae em a galè de Ioão Serrão: & ouuindo o VisoRey o que dizia o tornou logo espedir pera trabalhar de trazer consigo os dous fundidores. O qual negocio não ouue effeito, porque sendo elles sentidos que se querião vir a nòs, forão mortos: & toda via elle Ludouico veo ter a este Reyno na armada de Tristão da Cunha, & daqui se foi pera Italia, & lâ escreueo em lingua vulgar toda sua perigrinação, & estas cousas que passou com dom Lourenço em muitas daqueles partes, o qual tractado despois se trasladou em latim, & anda encorporado em hum volume intitulado Nouus Orbis. Da escriptura do qual acerca do que elle diz da sua ida e vinda a dom Lourenço & a seu pae: tomamos somente o que sabemos pelos nossos o maes leixamos na fê do auctor.»

Os cronistas Portugueses tiveram presente, pois, uns mais, outros menos, o famoso livro de Varthema, expressamente citado por Damião de Góis e João de Barros; o que constitui uma prova mais que evidente do prestígio de que o viajante Italiano gozava e da veracidade do que, no seu livro, ele afirmava da sua vida e das coisas que tinha visto e ouvido.

LUDOVICO DE VARTHEMA AO SERVIÇO DE PORTUGAL

Ludovico de Varthema chegou à Índia só seis anos depois do regresso glorioso de Vasco da Gama a Lisboa, quando os Portugueses combatiam para firmar o seu domínio naqueles mares afastados, deixando da Índia de então uma

descrição sumamente fiel, inteligente, cheia de pormenores pitorescos e sugestivos; descrição tanto mais preciosa porquanto «embora os Portugueses há seis anos antes navegassem pelos mares da Índia e frequentassem os portos do Malabar quando chegou Varthema, visitou este, antes deles, Diu, Cambaia, Goa, e precedeu-os também em Ceilão (em que apenas em 1506 dom Lourenço de Almeida aproou) e na navegação do Mar de Bengala e da Malésia» ([29]).

«A importância do seu livro», afirmou J. B. Amâncio Gracias ([30]), *«consiste precisamente neste facto: que, tendo Varthema estado na Índia pouco antes dos Portugueses firmarem o seu domínio, conseguiu deixar nota do estado do tráfego que ali existia por vias terrestres».*

Mas não apenas nisso, no que se refere a Portugal e aos Portugueses, consiste o interesse do livro: ele representa um testemunho vivo, sincero, apaixonado, feito por um estrangeiro, das façanhas daqueles homens denodados que, com uma coragem sobre-humana e um valor que quase tocava as raias da loucura, ousavam levar a luta a terras desconhecidas, a anos de caminho da mãe Pátria, e que sabiam vencer ou morrer em nome de Cristo e de Portugal.

A admiração de Varthema por aquele punhado de semi-deuses que fizeram a grandeza e a glória da sua pátria e da cristandade é tal que se sente, neles, Cristão e Português, e fala e obra como Português e como Cristão, numa solidariedade que transcende todas as possíveis considerações de sangue e de raça.

«O Senhor D. Lourenço estava a comer. Logo ajoelhei

([29]) Paolo Giudici, obr. cit., pág. 52.
([30]) in «Oriente Português», Vol. 7, pág. 107.

aos pés de sua Senhoria e disse: «Senhor, me recomiendo *a* Vostra *Senhoria que me* salvais, *porque sou Crsitão»* ([31]), *e «desejoso da vitória dos Cristãos, informei-o sobre tudo o que se fazia em Calecut»* ([32]).

Quando se refere aos Portugueses, Varthema não deixa nunca de se manifestar em palavras de elogio: «o valentíssimo Cavaleiro Capitão de Armada, filho de D. Francisco d'Almeida ([33]); *«o nosso Capitão»* ([34]); *«Um valentíssimo Capitão chamado João Serrano»* ([35]); *«o valente Capitão chamado Simão Martins»* ([36]); *«o Valentíssimo Capitão Tristão da Cunha»* ([37]).

Comentando a batalha de Cananor, ([38]) *o seu entusiasmo não tem limites: «Na verdade, eu, nos meus dias, encontrei-me em algumas guerras; mas não vi nunca gente tão corajosa como estes Portugueses», e aprestando-se a relatar a incrível resistência dos duzentos heróis de Lourenço de Brito* ([39]), *«agora entenderão», diz, «o que é a fé Cristã e que homens são os Portugueses», chegando até a reconhecer a presença física de Cristo entre os combatentes.*

Relata, assim ([40]), *que à pergunta de dois mercadores sobre quem seria «aquele homem que é uma braça maior do que nós e um dia matou dez, quinze, vinte de nós, enquanto*

([31]) Pág. 216.
([32]) Pág. 217.
([33]) Pág. 222.
([34]) Págs. 223-224.
([35]) Pág. 225.
([36]) Pág. 225.
([37]) Pág. 236.
([38]) Pág. 228.
([39]) Págs. 229-230.
([40]) Pág. 233.

os Naires eram quatrocentos e quinhentos, e atiravam sobre ele sem o poderem alcançar nem uma só vez», primeiro responde: «Aquele homem não está aqui; foi a Cochim; mas depois, pensando melhor, conclui que «aquele homem era bem outra coisa do que um simples Cristão», dizendo então: «Aquele cavaleiro, meu amigo, não é Português mas é o Deus dos Portugueses e de todo o mundo.»

E quando está já na viagem de regresso, considerando o que os Portugueses ousavam naqueles tempos, nota ([41]) *: «Creio que o Rei de Portugal, com a ajuda de Deus, e continuando a ter vitórias como teve no passado, será o Rei mais rico do mundo. E ele merece na verdade todos os bens, porque na Índia, e especialmente em Cochim, em cada dia de festa se baptizam dez e doze Gentios e Mouros na fé Cristã, que todos os dias por causa do dito Rei vai aumentando, por isso é de crer que Deus lhe deu vitória e que* in futurum *continuamente fá-lo-á prosperar».*

O augúrio, que aquelas palavras latinas enchem de solenidade, conferindo-lhe como que uma misteriosa certeza, é a expressão do anelo solene e comovido do Cristão que reconhece, no Rei de Portugal, o seu Rei, e o enviado da Providência para uma missão em que todos não podem deixar de colaborar.

Uma afectuosa despedida do Rei de Portugal — do seu Senhor el Rei — ([42]) *e da Nação Portuguesa, que ele tinha servido com sinceridade e simplicidade de coração, e aos quais se sentiria ligado para todo o sempre, fecha solenemente o seu livro* ([43]) *:*

([41]) Pág. 243.
([42]) Pág. 238.
([43]) Págs. 245-246.

«Não estando o Rei em Lisboa, pus-me imediatamente a caminho e fui visitá-lo a uma cidade chamada Almada, que é em frente de Lisboa. Logo que cheguei, fui beijar a mão de sua Majestade, que me dispensou muitas gentilezas e me fez demorar alguns dias na sua corte para saber as coisas da Índia. Passados alguns dias, mostrei a Sua Majestade a carta de cavalaria que me fizera o Vice-Rei da Índia, pedindo-lhe (se assim queria) que ma quisesse confirmar, assinar de sua própria mão e pôr o selo das suas armas. Depois de ler a dita carta, disse que o faria, e assim mandou que me fizessem um privilégio em pergaminho assinado por sua mão, com as suas armas, e registado. Depois pedi licença a Sua Majestade e fui para a cidade de Roma.»

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Chancelaria de Dom Manuel, Livro V, fol. 15, v.) guarda o texto do Privilégio com que foram honrados e premiados os leais serviços do viajante Bolonhês:

«Dom Manuel ... A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber que por parte de Lodobyco bolambres nos foi apresentado hum aluara do qual ho theor tal he. Dom Francisquo Dalmeyda Viso Rey das Indias por el Rey meu senhor faço saber a todos os juizes e justiças & aos que este meu aluara virem que pelos serviços que Lodovjco blambres que nestas partes andava & se pera mym veeo tem feytos do dito senhor na destruiçam & queimamento das naaos & casas de Panane eu o fiz Cavaleiro pella causa ser tal & tam homrada que ho bem mereceo & notificoho asy que ho compram e guardem. Feyto em Cananor a IIII dias de dezembro de mil & V° VII. Garçia Gonçalvez a fez. Pedindonos por merce o dito Lodoviço bolambres que lhe confirmassemos ho dito aluara & o ouvessemos por bom, & visto por nos seu requerimento querendolhe fazer graça & merce avendo respecto aos serviços que nos tem feito nas ditas partes da India, temos por bem & lho confirmamos e avemos por

bom & queremos que ele goze de todos os privylegios & liberdades & franquezas de que gozam os cavaleiros de nossa casa & porem mandamos a todos os nossos corregedores, juizes & justiças ofiçaes & pessoas a quem esta nossa carta for mostrada & o conhecimento dela pertencer per qualquer gisa que seja que lhe cumpram e guardem e façam comprer e guardar asy e tam inteiramente como nela he conteudo sem duvida nem embarguo que a elo ponham por quanto asy he nossa merce. Dada em Cintra a XIX dias de Julho. Luiz Correia a fez anno de nosso senhor Jesus Cristo de mil V° VIII».

CARÁCTER E IMPORTÂNCIA DA OBRA DE VARTHEMA

Ludovico de Varthema foi o primeiro europeu que realizou a viagem de Damasco a Meca, dando-nos dos lugares e dos ritos maometanos uma fiel, exacta e feliz descrição (44)*; o primeiro a visitar o Yemen, ou seja, os territórios da Arábia feliz* (45)*; o primeiro europeu que explorou a península de Malaca e que se referiu à existência da Austrália* (46).

Varthema pertence à longa lista de exploradores Italianos que, depois de Marco Polo, se aventuraram pelas terras afastadas do oriente e do continente africano, deixando-nos cuidadosos relatórios das terras e das coisas vistas. Mas ele não foi a terras estranhas para servir a sua pátria, como o fizeram por exemplo os embaixadores Ambrogio Contarini e Giosafatte Barbaro, enviados pela Sereníssima a fim de alentar Huzum Hassan na guerra contra os Turcos; não para propagar a fé de Cristo, como o Dominicano Ricoldo da Monte Groce, ou os Franciscanos Odorico da Pordenone, fra Giovanni Marignolli e os outros missionários que foram à Índia, à Pérsia, a Samatra e a Java; não para perseguir, mercando, a fugitiva riqueza, como Niccolò de Conti, do que fala a famosa relação das viagens à Índia registada por Poggio Bracciolini (47)*, ou Girolamo da Santo Stefano. Varthema foi impelido simplesmente «pela curiosidade de ver e a ambição da glória de ter visto», como bem sintetizou Amâncio Gracias* (48) *e como deixou claramente assente o viajante Bolonhês na carta introdutória do* Itinerário.

Estamos pois em frente de um autêntico filho daquele Renascimento que lançava o homem, ansioso de conhecer e de descobrir novos mundos, em todos os campos: desde as maravilhas inesgotáveis da antiguidade clássica à imensidade dos abismos dos céus povoados de estrelas, à Terra multiforme, eternamente reflorescente; ao abismo não menos inatingível da alma humana. Não que o espírito do Renascimento não operasse, antes dele, nos viajantes que o tinham precedido, suscitando e alimentando a sua curiosidade; impelindo-os a olhar para as coisas com olhos novos, como se só então o homem tivesse sido posto sobre a face da Terra, vivendo uma nova infância prodigiosa, liberta das trevas, das fantasias e dos pesadelos da idade média; criando, enfim, a necessidade de chamar outros ao prazer de participar no que se descobria. Filhos do Renascimento são todos: Marco Polo, com quem o Renascimento se anuncia, e Contarini, e Barbaro, e Odorico, e Niccolò, e Varthema; como

(44) Pág. 24 e segs.
(45) Pág. 65 e segs.
(46) Pág. 196.

(47) «De varietate fortunae», Livro IV.
(48) Art. citado.

também o é Filippo Sacchetti, que no período de 1583 a 1588 enviou, da costa do Malabar, para onde se transferira por razões de negócios, cartas que constituem documentos preciosíssimos do estado daqueles lugares no seu tempo, e — o primeiro entre os europeus — deu notícias importantes sobre as línguas da Índia. Mas Varthema não se encontrou, *por uma razão qualquer, em lugares desconhecidos que observa e descreve: ele* foi à procura *daqueles lugares, defrontando fadigas, incómodos, necessidades, perigos sem número. Para poder viajar faz de guardião de caravanas, nem lhe importa disfarçar-se em Mameluco, e muito sèriamente cumpre o seu papel; tão sèriamente que quase se considera Mameluco* (49); *aproveita todas as oportunidades que se lhe apresentam; não passando sequer pelo seu espírito a cobiça da riqueza, num ambiente em que não se fala senão em mercadorias, dinheiro, pedrarias, especiarias e ouro, como se ele fosse o puro espírito da aventura. O que lhe interessa é só saber onde aquelas mercadorias «nascem», como são os lugares e os povos, qual é a sua religião, quais as maneiras de viver e de pensar, quais os animais, quais são os frutos e as flores das terras que pode alcançar. Por isso se preocupa, como primeiríssima coisa, de aprender a língua dos Árabes; lança-se depois, corajosamente, ao encontro do desconhecido. Em frente do perigo mimetiza-se, mente, torna-se um «Mouro santo»* (50), *e quando a riqueza se lhe oferece com rosto tentador, despreza-a e foge, para poder continuar a ver mundo, sempre com a mente voltada para o*

(49) «Nós, sessenta mamelucos» (pág. 19); «nós, os Mamelucos» (pág. 21), etc.

(50) Pág. 206.

regresso, ou seja, para a glória que lhe caberia como consequência da sua peregrinação maravilhosa.

E como sabe ver, induzir, recordar!

Exactíssimo em notar lugares, distâncias, aspectos panorâmicos, condições de vida, costumes, as suas observações correspondem de tal forma à realidade efectiva que os geógrafos dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX se utilizaram das suas observações e dos seus dados, desde Abramo Oertel (Ortelius), e os viajantes que estiveram nos lugares visitados por ele não puderam senão repetir o que ele escrevera, como amplamente demonstraram os seus mais apaixonados comentadores, compulsando especialmente relatórios de missionários, geógrafos, mercadores e navegadores.

Dotado de elevadíssimo gosto estético, Varthema sabe dizer e sabe calar também, quando calar é necessário; e se faz alguma concessão ao gosto do tempo — muitíssimo modesta, na verdade — deve-se conceder esta licença ao autor, porquanto era indispensável que fizesse também as suas contas com a classe movediça e caprichosa dos leitores.

Os erros geográficos em que cai (pense-se que ele escrevia em 1509, isto é, só dezassete anos depois da viagem famosa de Cristóvão Colombo e dez do regresso de Vasco da Gama) são insignificantes: o estreito de Malaca — chamado pelos indígenas Gaza — que ele opina seja o Ganges; a ilha de Samatra, por ele também considerada como a de Taprobana — erro, de resto, então quase geral; e o rio que passa perto de Chiraz, pelo rio Eufrates. E também nesta ocasião, o viajante Bolonhês é duma discrição e duma probidade exemplares. Ele não diz: «Vi o rio Ganges, vi o Eufrates, vi a ilha de Taprobana»; mas: «cheguei à beira dum grande rio que a gente de lá chama Eufra, mas que, pelo que eu

posso julgar, acredito que, pela sua grandeza, seja o Eufrates» (51); *«Perto da cidade (Malaca), encontrámos um rio imenso, grande como nunca tínhamos visto nenhum, a que chamam Gaza», e só no título do capítulo diz: «Do rio Gaza, aliás Ganges, como creio»* (52); *«Segundo o meu parecer, e o parecer de muitos outros, creio que (Samatra) é a Taprobana»* (53). *Coisa esta, bem diferente do «Sumatra Insula, sive Taprobana» registada, sem mais nada, no Theatrum, mais de sessenta anos depois* (54)!

Apesar destas suposições erradas, três de número, que pròpriamente erros não são, temos contudo um tesouro de notícias, todas escrupulosamente exactas e fàcilmente verificáveis por nós, que temos a comodidade dos mapas e de meios incomparàvelmente maiores do que os apetrechos de que dispunha o misterioso viajante, e que se poderiam concretizar apenas nas pernas para andar e nos olhos para ver.

«Varthema», escreve Paolo Giudici, «seja dito de uma vez para sempre, não tinha e não podia ter um diário de viagem, e quando, depois de bastantes anos, quis pôr no papel o que fez e viu, teve de confiar na memória, a qual, tratando-se de tanto mundo, de tantos nomes e de tantas vicissitudes, pelo espaço de sete anos, era natural que algumas vezes o atraiçoasse». E continua: «sem embargo, quando tem tempo e calma, ela é de uma exactidão maravilhosa, como

(51) Pág. 85.
(52) Pág. 180.
(53) Pág. 182.
(54) «Theatrum Orbis Terrarum» de Abrahamo Ortelius. Antuérpia, 1570. Fol. 111.
(55) Obr. cit., pág. 41.

quando se encontra com os Portugueses, e anota, então, nomes e datas.»

Em suma, se se procura com os olhos desconfiados e suspeitosos de quem quer encontrar falhas, falhas se encontram até no domínio da física e das matemáticas, e não apenas num campo tão fluido como é o dos relatos de viagem. Mas devemos admitir que aquelas que se apontam a Varthema são tão poucas e de tão escassa importância que, francamente, se precisa de muita boa vontade para as notar, num panorama tão vasto. São apenas as originadas pela deformação da distância, por compreensíveis enganos da memória, pela falta de meios adequados de verificação e pela necessidade de se fiar na palavra alheia, pois o Bolonhês nem tinha um avião para voar, nem o anel encantado que o tornasse invisível, permitindo-lhe ir para qualquer parte.

Todavia temos de admitir tais falhas, pequenas ou grandes, pois que é tão condenável o feiticismo exagerado que persevera na afirmação da absoluta veracidade de tudo o que o viajante Bolonhês diz, como o outro excesso, que nega todo o valor à sua palavra, por causa duma indicação que pareça — ou mesmo que seja — inexacta.

Como poderíamos acreditar na realidade — embora mil outros viajantes afirmem o mesmo, chamando como testemunhas todos os Santos do Paraíso — de episódios como, por exemplo, o do feroz Sultão Machamuth (56), *que todos os dias come veneno e mata as pessoas bufando em cima delas o veneno que engolira? Evidentemente, Varthema não assistiu a nenhum homicídio desses (teria dito: eu vi!):*

(56) Pág. 92.

limitou-se a repetir o que ouvira. E se ele registou como verdadeiro um facto tão extraordinário, não teria influído nisso a necessidade subconsciente de apresentar um tipo que fosse a própria personificação da perversidade, em contraposição com a simplicidade e bondade dos súbditos que ele tiranizava e que «se tivessem baptismo seriam todos salvos por causa das suas boas obras, nunca fazendo eles aos outros o que não queriam que lhes fizessem» ([57])?

Itinerário *é uma obra de arte, além de tudo, e como tal não apresenta uma série de fotografias mas de quadros, em que a realidade é vista através do complexo mundo da alma do artista. Deve-se, pois, conceder à arte a sua «aequa potestas», como os antigos advertiram e a própria lógica das coisas confirma.*

VARTHEMA E GARCIA DA ORTA

Tem aqui o seu lugar lógico a acusação de Garcia da Orta, que fundamentou as afirmações de H. Yule e de Arthur Burnell ([58]) *e contra cuja acusação, de resto, já em 1602 Antoine Collin, o tradutor dos «Dialogos dos Simples» em francês, se insurge, concluindo: «Para dizer isso Garcia da Orta devia certamente ter sido informado por «quelqu'un qui n'estoit gueres amis de Louis Romain», ou deve ter consultado — como efectivamente se demonstrou que consultara — algum exemplar erróneo de* Itinerário» ([59]).

([57]) Pág. 91.

([58]) «Marco Polo», II, 270; «Glossary», XLV.

([59]) «Histoire des drogues, epiceries et de certains medicaments simples qui naissent ès Inde», Lyon, 1619. Pág. 38.

Diz, pois, Garcia da Orta ([60]):

«Vós credes a esse Milanês, que eu nam lhe quero crer nem aos Macedonios o que disseram, pois cá vem tantos Rumes e Turcos cada dia, e levam o benjuy por mercadoria. E quanto é ao que dizeis de Ludovico Vartomano, eu falei, cá e em Portugal, com homens que o conheceram cá na India, e me disseram que andava cá em trajos de Mouro, e que se tornou para nós, fazendo penitencia de seus peccados e que este homem nunca passou de Calecut e de Cochim, nem nós naquelle tempo navegávamos os mares que agora navegâmos. E quanto he ao dizer que o ha em Çamatra, e que nam vem cá, he verdade que o bom val na propria terra muito; e porém todavia vem cá agora, e he o que chamamos benjuy de boninas. *E eu tinha este Ludovico que aleguais, por homem de verdade; e depois, vendo o seu livro, acho que escreveu nelle o que á vontade lhe veo; porque, falando em Ormuz, dixe que era huma ilha, ou cidade, a mais rica que podia ser, e tinha as mais suaves agoas do mundo; e em Ormuz não ha outra cousa mais que sal, e todos os comeres e a agoa que vem de fora. E falando este Ludovico em Malaca, diz que nam tem agoa nem madeira alguma; e tudo isto é falso, porque em Malaca ha muito boa madeira e muyto boa agoa. E por aqui vereis quam mal testemunha esse autor nas cousas da India.»*

Na nota 3, posta depois da última palavra do trecho por nós reproduzido (pág. 111), o anotador, Conde de Ficalho, começa a fazer justiça ao viajante Italiano: «Aquella affirmação do celebre viajante Luis Varthema relativa ás aguas da ilha de Hormuz, e que tanto indignou o nosso Orta, não se encontra no texto italiano, pelo menos em uma das antigas edições que consultei, e na que publicou Ramusio.

([60]) «Colloquios dos simples», ed. cit., Vol. I, pág. 106.

Diz-se ali exactamente o contrário: nella detta isola non si trova acqua *...Parece, porém que na versão latina se introduziram por engano as palavras:* aquarum potu suavium, *como já advertiu Varnhagen. E na edição espanhola de Sevilha repete-se o mesmo:* Las aguas en ella son muy suaves... *Vê-se, pois, que Orta teve entre mãos a versão latina, ou a hespanhola, e naturalmente fez obra pelo que leu».*

E ainda, numa nota à nota, o comentador avisa: «Mesmo que Varthema tivesse dito que em Hormuz havia boa agua, não teria faltado á verdade. Na ilha encontrava-se pouca agua e não chegava para o consumo, tendo de ser transportada da terra firme, mas alguma era boa...» ([61]).

De resto, o tom de franca hostilidade e a inusitada violência com que o naturalista Português se refere ao viajante Italiano, não são decerto índices de um juízo sereno; no que diz respeito à parte mais grave desse juízo, isto é, à acusação de ser Varthema um «homem que se tornou para nós fazendo penitência dos seus peccados», fala bem claramente o alvará de D. Francisco de Almeida e o solene diploma de Dom Manuel «pella causa ser tal e tam honrada que bem o mereceo... avendo respecto aos serviços que nos tem feito na dita parte da India», o acolhimento que teve em Roma, por parte daquela grande aristocracia, o título de Patrício Romano, e finalmente as palavras com que o Camarlengo da Santa Igreja Romana, Cardeal Raffaele Sansoni Riario di San Filippo, sobrinho de Sisto IV, se refere ao viajante Bolonhês, palavras que não são certamente as que mereceria um renegado arrependido dos próprios pecados ([62])!

([61]) O Capítulo de Ormuz é a pág. 78 desta edição.

([62]) Diz o Privilégio Pontifício à 1.ª edição de *Itinerário: «Nós,* Rafael, pela Misericórdia Divina Bispo de Porto d'Anzio, Cardeal de S. Giorgio, Camareiro do SS. Pontífice Nosso Senhor e da Santa Igreja Romana, aderimos ao desejo de Ludovico de Varthema Bolonhês, *familiaris noster dilectissimus,* o qual, como nos consta, tem percorrido por sete anos as mais afastadas regiões da Ásia e da África, fez conhecer em língua vulgar a situação daquelas regiões, os costumes, os rios, os lagos, as florestas, os montes, e descreveu os usos e as leis e outras coisas dignas de ser conhecidas. Todas essas coisas ele viu-as e não as aprendeu por outros; corrigiu numerosíssimos passos e Ptolomeu, Estrabão, Plínio e outros famosos autores e muito acrescentou ao que por outros fora escrito até agora. Tendo ele narrado num volume, seguindo os nossos conselhos e os de muitos cardeais da Sé Apostólica, as suas viagens, porquanto, publicando a sua obra pela comum utilidade destes estudos, ele torna-se merecedor de louvor, de fama e de merecidos prémios, nós queremos justamente ser-lhe útil em tudo o que podemos e conceder ao seu merecimento os devidos favores. Segundo as ordens do Sumo Pontífice, e pela autoridade que nos provém do nosso cargo de Camareiro, autorizamos os impressores que do dito Ludovico o dos seus herdeiros sejam solicitados, a publicar a presente obra». No final da tradução latina de Madrignano, lê-se: «Operi suprema manus imposita est auspitiis cultissimi celebratissimique Carvajal hispani Episcopi Sabinensi».

Acerca da acusação de não ter nunca passado de Calecute e Cochim, falam, além do alvará do Vice-Rei da Índia e do Diploma Real, o ano e meio gasto por Varthema como inspector de caravanas ao serviço de D. Francisco de Almeida ([63])*, o que ele obrou à vista de todos, e o que os maiores cronistas Portugueses deixaram assente. A menos que os que informaram Garcia da Orta não tivessem confundido Varthema com um dos dois desgraçados trânsfugas Milaneses (o naturalista português designou Varthema por «Milanês»), não se compreende um juízo tão contrário a toda a verdade, formulado por um Português contra um estran-*

([63]) Pág. 229.

geiro, que amara e servira Portugal como se fosse a sua própria pátria.

COM VARTHEMA PELO MUNDO FORA

Basta um relance ao caminho percorrido para julgar da importância do livro de Varthema no que se refere a valor documentário.

Desde Veneza, donde partiu em 1502 — ou em 1500 — ([64]) Varthema esteve sucessivamente em Alexandria do Egipto, no Cairo, em Beirute, Trípolis da Síria, Alepo, Aman e Damasco, saindo de lá para a Arábia deserta. Daqui passa por El Mezeribe, Medina, Meca, Gidá, deixando-nos uma descrição magnífica de tudo o que viu, e especialmente dos ritos mais solenes da religião maometana. Da Arábia feliz, visita Adem e uma série de cidades até então desconhecidas: Rada, Sana, Lage, Aiaz, Dante, Alcamarana, Reame, Taesa, Zibit, Damar; pára ligeiramente em Zeila e Berbera, no extremo da África Oriental, e de lá vai para a Pérsia, visitando sucessivamente Diu, Gogo, Giulfar, Meschet, Ormuz, Eri na região de Coraçani, e Sciraz; de Ormuz vai para a Índia, percorrendo a costa do Malabar até ao Cabo Comorim, e sucessivamente a costa de Coromandel, depois de ter visitado a ilha de Ceilão; de Palecate passa a Tenasserim, no Sião, toca Bengala, Pegu, e sucessivamente Malaca, Samatra, as Molucas, Borneu e Java, donde volta a Calecute. Deste momento em diante, Varthema, reintegrado na família Cristã, vive e combate como um soldado de Cristo e de Portugal até merecer, pelo seu valor, a recompensa

([64]) V. Nota a pág. V.

altíssima de que ele justamente é orgulhoso. Na viagem de regresso, realiza o périplo da África, tocando vários portos já sòlidamente ocupados pelos Portugueses e passando pelo arquipélago dos Açores.

Assim como Varthema é fiel na descrição dos lugares e dos costumes, é escrupulosíssimo também nas referências aos acontecimentos e às pessoas. D. Lourenço de Almeida, que ele profundamente admirava, está apresentado com raro vigor, assim como são admiràvelmente descritos os episódios guerreiros a que ele assistiu e em que participou, especialmente a batalha naval em frente de Cananor ([65]) e o assalto a Panane ([66]). João Serrano, o Capitão do navio «S. João», Simão Martim, o Capitão do «Boaventura», Lourenço de Brito, Tristão da Cunha, são esboçados em poucas linhas, como só os grandes artistas e os grandes estilistas conseguem.

A narração, sempre rápida, clara, concisa, interessante, despreza artifícios inúteis, fazendo que o interesse resida única e exclusivamente nas coisas que ele relata com simplicidade exemplar, nunca recorrendo a artifícios retóricos, deformações e ampliações. Aqui e acolá brota alguma discreta veia de humorismo, como no irresistível episódio da troca das esposas ([67]) e nos da visita dos médicos aos doentes em Calecute ([68]) e da sua fingida loucura em Adem ([69]); cenas que se perfilam amiúde com uma força e uma evidência inimitáveis, como no episódio da viúva que é queimada

([65]) Pág. 221.
([66]) Pág. 234.
([67]) Pág. 123.
([68]) Pág. 142.
([69]) Pág. 55 e sgs.

viva aos Manes do defunto marido (70)*: «A mulher vai muitas vezes para cima e para baixo, dançando» ... depois, «correndo com fúria vai na direcção daquele fosso, rasga os panos de seda e atira-se ao meio do fogo, enquanto os parentes mais chegados a empurram com paus e com bolas de pez acesas, e isto para que morra mais depressa».*

Às vezes, o seu escrúpulo de dizer apenas como as coisas são, fá-lo-á parecer insensível e desapiedado, como por exemplo no episódio dos velhos que são vendidos pelos filhos para serem mortos e comidos (71)*; noutras ocasiões faz ouvir, pelo contrário, a sua palavra severa de reprovação, embora sem sair da serenidade que a si próprio impusera, como no espisódio dos dois renegados* (72)*: «queriam salvar, ainda, sete espingardas, três macacos, dois gatos de algalia e a rota para trabalhar as jóias, e foi assim que a sua miséria os fez morrer.»*

Nem faltam as notas patéticas. «Levantámos os olhos» diz, relatando o que acontecera na longínqua ilha de Java, nunca antes tocada por pés de europeus «e vimos que o sol nos fazia à mão direita uma sombra de mais de um palmo. Por isso compreendemos que estávamos muito longe da nossa pátria, do que ficámos muito maravilhados» (73).

Este tormento da Pátria não o deixa nunca, e renova-se sempre mais forte no seu espírito. Quando, em Calecute, encontra os dois renegados italianos, a sua comoção vibra profunda em todas as palavras: que importa se eles eram, sob o ponto de vista moral, como europeus e como Cristãos,

(70) Pág. 166.
(71) Pág. 198.
(72) Pág. 219.
(73) Pág. 199.

uns trânsfugas? Cada um é juiz em sua casa. «Começámos a abraçarmo-nos uns aos outros e a beijarmo-nos e a chorar. Na verdade eu não podia falar Cristão, parecendo-me ter a língua grossa e impedida, porque havia quatro anos que eu não falava com Cristãos» (74). *Parece, quase, ouvir-se o eco da comoção de Sordello, quando se encontrou, no Purgatório, com o Mantuano Virgílio* (75):

> *......«O Mantovano, io son Sordello*
> *Della tua terra!» e l'un l'altro abbracciava.*

Incrível é a variedade das coisas que descreve, nunca se descuidando de advertir, quando não teve experiência directa dos factos que relata.

Eis a região tremenda de Sodoma e Gomorra, em que «ainda parece haver sangue» (76)*, e depois a montanha dos Judeus* (77)*, os lugares onde foram sepultados Mafoma e os seus companheiros* (78)*, e eis Meca, numa série de frescos magníficos: toda a vida religiosa dos povos muçulmanos se agita e palpita ante os olhos atónitos do leitor.*

Na Arábia feliz desenvolve-se o romance do viajante Bolonhês e da Rainha de Adem, sucedendo-se os episódios e os lugares como por efeito de toques sucessivos num mágico caleidoscópio.

Daqui em diante, num «crescendo» ininterrupto, procura, na sua viagem aventurosa, lugares sempre mais afas-

(74) Pág. 203
(75) Dante, «Purgatório», VI, 74-75.
(76) Pág. 20.
(77) Pág. 22.
(78) Pág. 24.

tados e estranhos, continua passando duma a outra maravilha, sem um instante de cansaço, sem que esfrie alguma vez o interesse do leitor ávido e atento, até chegar às páginas magistrais da Índia, com que o livro inimitável se conclui.

Animais, plantas que produzem especiarias e frutos estranhos, covas de pedras preciosas, povos, lugares, fenómenos atmosféricos e magnéticos, tudo desperta o interesse e a curiosidade do viajante, tudo ele nos sabe apresentar com a força da arte e da verdade.

«Não foi um cientista no sentido que hoje se atribui à palavra», diz Amat di San Filippo (79)*, «nem podia sê-lo, quando não poucos ramos da árvore enciclopédica ou não existiam, ou começavam apenas a rebentar. Mas nem por isso é menos certo que a agudeza, o engenho compreensivo e uma extraordinária intuição, a mesma de que foram dotados Marco Polo, Colombo, Vespúcio e o próprio Varthema, tenham de qualquer maneira suprido a ciência».*

E Giudici, retomando o argumento de Amat (80) *: «Não é um naturalista, mas é diligentíssimo no enumerar e descrever plantas e animais e em mostrar-nos as características, as variedades, os usos. As páginas, e às vezes os capítulos inteiros, que dedica aos cavalos, aos camelos, aos elefantes, às serpentes, aos pássaros, à árvore da noz moscada, do cravo, do coco, aos vários frutos indianos, dão prova da sua finura de observação e da sua escrupulosa diligência e conseguem interessar-nos para além de toda a palavra».*

«O estilo claro, rápido, cheio de vivacidade e de evidência, parece» — é Giudici que assim se exprime — «uma

(79) «Giornale Ligustico», págs. 48 49.
(80) Obr. cit., pág. 59.

sucessão rápida de notas e apontamentos tomados durante as paragens, debaixo duma tenda no deserto, sobre a ponte dum navio ou debaixo do tecto de folhas duma casa indiana» (81)*. Despojada de todos os artifícios e de toda a retórica, a prosa de Varthema só a uma arte, a um estilo e a um exemplo pode comparar-se: ao estilo, ao exemplo e à arte de Marco Polo.*

SINAIS DOS TEMPOS

E de Marco Polo igualmente se aproxima Varthema pela atitude e o estado particular de ânimo que ele, Cristão, manifesta relativamente aos factos da sua religião.

É verdade: tudo o que possa denotar a passagem de Cristo e do seu Verbo sobre a terra, suscita a atenção ávida de ambos, e ambos obram e sentem sinceríssimamente, em frente dos «cães» infiéis, como bons cidadãos da grande Família Cristã, registando e apontando cuidadosamente qualquer coisa que possa interessar ao mundo católico. Mas a atenção que lhes merecem esses argumentos não sai do âmbito da atenção desinteressada, científica, quase, de quem persegue só um fim: ver e dizer o que vê; escutar e repetir o que escuta, procurando servir quanto possível a verdade. Tudo, por isso, está no mesmo plano, enquanto tudo é igualmente digno de curiosidade; e nesse plano em nada diferem, enquanto a interesse, o sepulcro de Mafoma (82)*, as cerimónias religiosas de Calecute* (83) *e o que se diz acerca do*

(81) Ibid., pág. 60.
(82) Pág. 25.
(83) Pág. 149.

sepulcro de S. Tomé Apóstolo (84). *Às vezes, esta febre de novidades é tão forte que parece abafar até os sentimentos mais vivos e mais elementares.*

Reparem no acento com que Marco Polo se refere ao sepulcro de que falámos (85):

«O corpo de S. Tomé o apóstolo está na província de mabar (Malabar), numa pequena terra em que não há muitos homens nem vão mercadores, por não haver mercadorias e por ser o lugar muito apartado. Mas vão ali muitos Cristãos e muitos Sarracenos em romaria, porque também os Sarracenos daquelas redondezas têm grande fé nele, e dizem que foi sarraceno e é um grande profeta, chamando-o Varria (Avarian), isto é, «santo homem». Saibam, agora, esta coisa maravilhosa: os Cristãos que ali vão em romaria, tiram um pouco de terra do lugar onde foi morto S. Tomé e dão um pouco a beber aos que têm febre quartã ou terçã, e imediatamente ficam curados. Aquela terra é vermelha. Direi ainda um milagre que aconteceu no ano do Senhor 1288. Havia naquela terra um barão que tinha feito encher todos os compartimentos da igreja de arroz, de forma que nenhum peregrino ali podia ficar. E os Cristãos que cuidavam da igreja tinham grande ira com isso, e não conseguiam que esse barão fizesse esvaziar a igreja. Até que, uma noite, apareceu a este barão S. Tomé com uma forca na mão, e pondo-lha na boca, disse: — Se não fazes esvaziar a minha igreja far-te-ei morrer de má morte — e com essa forca apertou-lhe a garganta de tal forma, que aquele sentiu grande pena. S. Tomé partiu, e na manhã seguinte o barão fez esvaziar as dependências da igreja, e disse o que lhe tinha acontecido. Os Cristãos receberam grande alegria, e grande reverência renderam a S. Tomé. E saibam que ele

(84) Págs. 151 e 153.

(85) «Il Milione», Bari, 1912. Pág. 215.

cura todos os Cristãos que têm lepra. Agora vos direi como foi morto, segundo o que ouvi, embora a sua lenda diga doutra forma; mas agora ouçam o que eu ouvi. Micer S. Tomé estava num ermitério num bosque dizendo as suas orações, e em volta dele havia muitos pavões, encontrando-se mais pavões naquela terra do que em qualquer outra parte do mundo. E quando S. Tomé orava, um idólatra da raça de gavi (govi) que ia à caça de pavões, atirando uma seta a um pavão, atingiu S. Tomé nas costas, estando ele virado e não o vendo. E estando ferido, rezou docemente, e assim rezando morreu. Antes que viesse para este ermitério, converteu muita gente à fé de Cristo na Índia (na Núbia). Agora deixemos de falar em S. Tomé para passar às coisas da terra. Saibam que os meninos e as raparigas nascem negros, mas não tão negros como são depois, untando-se contìnuamente, todas as semanas, com óleo de gergelim, a fim de se tornarem bem negros, porque naquelas redondezas quem é mais negro é mais prezado. Dir-vos-ei ainda que esta gente faz pintar todos os seus ídolos de preto e os demónios de branco como a neve, porque dizem que o seu deus e os seus santos são negros. E é tão grande a fé e a esperança que têm no boi que, quando vão para a guerra, o cavaleiro traz pêlo de boi no freio do cavalo e o soldado a pé traz no escudo, e fá-lo amarrar nos cabelos. E fazem isso para serem salvos de todos os perigos que pudessem encontrar em combate.»

S. Tomé, os meninos e as raparigas que querem ser muito negros; Deus e os Santos negros com os demónios brancos como a neve, o pêlo de boi contra os perigos militares, tudo em Marco Polo, assim como em Varthema, fica no mesmo plano. E é tal a identidade desse estado fundamental de espírito que, se se substituísse este trecho que extraímos do Milione *pelo que Varthema diz a propósito do mesmo sepulcro de S. Tomé, a interpolação passaria certamente desapercebida.*

Desde quando, entre 1298 e 1299, Marco Polo, nas prisões de Pisa, ditava as recordações da sua vida a Rusticiano, até ao ano em que Varthema escrevia as suas: 1509, tinham passado 210 anos; mas a linguagem é a mesma, tendo ambos permanecido criaturas dum idêntico clima histórico: o Renascimento, na sua fase de formação e na sua fase de maturidade. Só a Contra-Reforma perturbaria profundamente aquele espírito e aquela serenidade, conferindo nova tragicidade ao sentimento cristão, e enchendo as coisas da religião de sentidos, presságios, necessidades, anelos que deviam levar à grande, embora efémera demonstração de renovada solidariedade do mundo cristão que teve a sua jornada máxima em Lepanto e o seu poema na primeira «Gerusalemme» de Tasso; ao passo que o espírito do Renascimento permaneceria intacto em Camões, que cantaria a glória eterna de Portugal com modos e formas e acentos em que aquela gloriosa idade que morria encontra a sua expressão última e a sua eternidade.

Depois de Varthema, a contemplação desinteressada dos factos do mundo e da vida tornar-se-ia impossível, e um absurdo viajar só para conseguir a glória [86]*: a vida humana apareceria como uma milícia destinada a servir uma ideia que merecesse ser servida. E se ainda como dantes, espíritos curiosos como o de Sassetti, se dedicarão a procurar e estudar novidades, continuando a observar pelo mundo*

[86] Não teria também influído este novo estado de espírito no juízo de Garcia da Orta sobre Varthema? Isso de «ir pelo mundo em trajo de Mouro» só pela quimera de ver e a glória de dizer o que se viu devia parecer demasiado fútil, mais do que fútil, suspeito, aos olhos severos do naturalista, no qual, todavia, bastante obrava o poder da curiosidade!

fora, não o farão senão como actividade secundária; quase como um meio para fugir à rotina aborrecida da vida cotidiana.

Comparem a carta elegante, mas inerte e fria com que começa o Itinerário, *com as páginas angustiosas como se inicia a* Peregrinação. *Bem outra atmosfera se respira nelas, bem outro drama! A introdução de Varthema é um toque alegre e solene de clarim: venham ver quantas coisas novas; a de Fernão Mendes Pinto uma sinfonia dolorosa, em que os motivos se fundem numa tristeza coral e pensativa:*

«Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos e grãdes trabalhos & infortunios q̃ por mim passarão, começados no principio da minha primeira idade, & continuados pella maior parte, & milhor tẽpo da minha vida, acho q̃ com muita razão me posso queixar a vẽtura que parece q̃ tomou por particular tenção & empreza sua perseguirme, & maltratarme, como se isso lhe ouvera de ser materia de grande nome, & de grande gloria, porque vejo que não contente de me por na minha patria logo no começo da minha mocidade em tal estado q̃ nella vivi sempre em miserias, & em pobreza, & não sem alguns sobresaltos & perigos da vida que quis tambẽ levar às partes da India, onde em lugar do remedio q̃ eu hia buscar a ellas, me foram crescendo com a idade os trabalhos, & os perigos. Mas por outra parte, quãdo vejo que do meyo de todos estes perigos & trabalhos me quis Deos tirar sempre em salvo, & porme em seguro, acho que não tenho razão de me queixar por todos os males passados, quãta de lhe dar graças por este só bẽ presente, pois me quis conservar a vida, para q̃ eu pudesse fazer esta rude & tosca escritura, que por erança deixo a meus filhos (porq̃ só para elles he minha tenção escrevella) paraque elles vejão nella estes meus trabalhos, & perigos da vida q̃ passei no discurso de vinte & hũ ãnos em q̃ fuy treze vezes cativo, & dezasete vendido, nas partes da India, Etiopia, Arabia felix, China,

Tartaria, Macassar, Samatra & outras muitas provincias daquelle oriental arcipelago, dos confins da Asia, a q̃ os escritores Chins, Siames, Gueos, Elequios, nomeão nas suas geografias por pestanha do mũdo, como ao diante espero tratar muito particular, & muito difusamente, e daqui pos hũa parte tomem os homẽs motivo de se não desanimarem com trabalhos da vida para deixarem de fazer o q̃ devem, porque não há nenhũs, por grandes que sejão, com q̃ não possa a natureza humana, ajudada do favor divino & por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente por usar comigo da sua infinita misericordia, a pesar de todos meus pecados, porq̃ eu entendo & confesso que delles me nascerão todos os males q̃ por mim passarão, & della as forças, & o animo para os poder passar, & escapar delles com vida.»

Também Fernão Mendes Pinto fala do Sepulcro de S. Tomé Apóstolo. Mas ao passo que, na primeira referência, logo no princípio da Peregrinação [87], *se apresentam simplesmente os factos* [88], *no fim do livro, como se os tempos se tivessem manifestado sucessivamente e se tivessem encarnado na sua vida como na sua obra, se perfila o drama pungente do Cristão que se encontra isolado, no meio dos idólatras:*

«Em hũa destas achamos hũa molher Portuguesa, de que ficamos muyto mais espantados q̃ de tudo quãto aly tinhamos visto, & querendo nòs saber della a razão de tão estranha novidade, nos disse cõ muytas lagrimas quẽ era, & o modo como aly viera, & se casara cõ hũ jogue que peregrinava naquellas cabildas cõ q̃ fora casada 23 anos, & ao presente estava já viuva delle. E porque não se atrevia a viver entre Christãos cõtinuava naq̃lla desavẽtura atè que Deos a levasse a terra onde acabasse seus dias cõ fazer penitencia da vida passada. Mas q̃ ainda q̃ vissemos aly daquella maneyra, & naqueles trajos do diabo, nunca deixara de ser verdadeira

Christã. Assaz espãtados ficamos todos de hũ caso tão novo como este & tambẽ assaz tristes de vermos o desavẽturado estado em q̃ estava esta pobre molher, & lhe dissemos então o q̃ nos pareceo razão, & o q̃ se nos entẽdia, & por fim da pratica assentou cõ nosco de yr dahy a dez dias ter a cidade de Timpltão, para se vir em nossa cõpanhia para Pegù, & dahy se embarcar para Choromandel, & acabar seus dias na povoação do Apostolo S. Tomè» [89].

O tempo tinha começado a correr precipitadamente, como precipitadamente corre nos nossos dias, sem nós o sabermos. E assim como acontece quando se anda muito depressa, o panorama continuamente mudava: montes, vales, casas, planícies, desertos; os descobrimentos, a Reforma, a Contra-Reforma, o Concílio de Trento, Lepanto.

Pena é que tivesse morrido tão novo, Ludovico de Varthema, sem ter podido realizar o seu grande sonho de explorar as terras setentrionais [90]! *Certamente o novo clima histórico teria deixado também na sua obra o sinal da sua passagem, fornecendo-nos novos elementos de compreensão e de meditação. Mas nem por isso o seu livro tem menos valor como documento histórico e como obra de arte, especialmente para os Portugueses que ele amou e com os quais se identificou. Nem apenas para os especialistas que se dedicam ao estudo do glorioso período dos Descobrimentos, como também para quem queira, através das palavras im-*

---

[87] Porto, 1946. Vol. I, Pág. 10.

[88] «Aly fizemos nossa agoada, & ouvemos algum refresco, que por nosso resgate compramos aos Cristãos da terra, que antigamente o Apostolo São Tomé converteu nas partes da India, & Choromandel».

[89] Ed. citada. Vol. V., pág. 92, Cap. CLXII.

[90] Pág. 4.

parciais e insuspeitas dum estrangeiro, conhecer-se a si próprio e reconhecer-se nos que fizeram a grandeza da nação, quase que voltando atrás no tempo e no espaço, para uma viagem fantástica da mais alta beleza e verdade.

Nem o tempo que passou em nada incide sobre o interesse e a actualidade do livro, como acontece com todas as autênticas obras de arte, que são realidade e são sonho, eternamente vivas e eternamente actuais.

AS EDIÇÕES DO «ITINERÁRIO»

A nossa tradução — a primeira em língua Portuguesa — foi conduzida sobre o texto da edição milanesa de 1928, que por sua vez segue o texto da primeira edição romana, a de 1510. Para os lugares duvidosos, compulsámos a edição bolonhesa de 1885, feita sobre a edição de 1517 e com o auxílio das de 1523 e 1535.

Como dissemos, as edições do Itinerário *foram trinta e nove em 1500 e oito no século seguinte, enquanto no século XVIII nenhuma edição foi feita. No século XIX refloresceram, porém, os estudos acerca de Varthema, e reimprimiu-se ainda o seu* Itinerário, *que reapareceu sempre vivo e interessante, fresco de eterna juventude.*

Pela ordem do tempo, as edições do livro foram as seguintes:

Edições Italianas:

1. *Itinerário* de LUDOVICO DE VARTHEMA Bolognese nello Egypto, nella Suria, nella Arabia deserta et felice, nella Persia, nella India & nella Ethiopia. La fede: el vivere & costumi de tutte le prefate provincie. Con Gratia & Privilegio infra notato.

(*No fim*) Stampato in Roma per Maestro Stephano Guillireti ad istantia de maestro Lodovico de Henricis de Corneto Vicentino. Nel anno MDX a di VI de Decembrio.

2. *Itinerário* de LUDOVICO DE VARTHEMA Bolognese nello Egypto, nella Suria, nella Arabia deserta & felice, nella Persia, nella India e nella Ethiopia. La fede: el vivere & costumi de tutte le prefate provincie. Cum privilegio. (*No fim*) Impresso in Roma per Maestro Stephano Guillireti De Lorenno. Nel anno M.D.XVIJ adi XVI de Junio. Cum gratia & Privilegio del S. Signore N. S. Leone pp. X in suo anno quinto.
3. *Itinerário*, etc. (*No fim*) Stampato in Venetia per Zorzi de Rusconi Milanese: Regnando linclito Principe Miser Leonardo Loredano: Della incarnatione del nostro Signore Jesu Xpo MDXVII, adi VI del mese di Marzo.
4. *Itinerario* de LUDOVICO DE VARTHEMA Bolognese, etc. (*No fim*) Stampato in Venetia per Zorzi di Rusconi MDXVIII ai XX del mese de Decembrio.
5. *Itinerário*, etc. (*No fim*) Stampata in Milano per Joanne Angelo Scinzenzeler nel Anno del Signor MCCCCCXIX. Adì ultimo de Marzo.
6. *Itinerario*, etc. (*No fim*) In Venetia per Zorzi di Rusconi Milanese nell'anno della Incarnazione del Nostro Signore Juesu Christo M.D.XX adì III de Marzo. Regnando lo inclito principe duca di Venetia.
7. *Itinerário*, etc. (*No fim*) Stampato in Venetia nell'anno M.D.XXI adì XVII de Septembrio.
8. *Itinerario*, etc. (*No fim*) Stampata in Milano per Joanne Angelo Scinzenzeler nel Anno del Signore MCCCCCXXIII adì XXX de Aprile.
9. *Itinerário* de LUDOVICO DE VARTHEMA Bolognese ... & al presente agiontovi alcune isole novamente ritrovate ... (*No fim*) Impresso in Venetia nell'anno della incarnatione del nostro Signore Jesu Christo M.D.XXVI adì XVI aprile regnando lo inclito principe Andrea Griti.
10. *Itinerário* ...et al presente agiontovi alcune Isole novamente ritrovate. (*No fim*) Stampato in Venetia per Francesco di Alessandro

Bindone et Mapheo Pasini compani a Santo Moyse al segno de Langelo Raphael nel M.D.XXXV del mese d'Aprile.

11. *Itinerario*, etc., agiontovi, etc. (*No fim*) In Venetia per Matthio Pagan in Frezzaria al segno della Fede (*sem data*).
12. *Itinerario* de LUDOVICO DE VARTHEMA ... In Milano, Scinzenzeler 1525.
13. *Itineràrio* de LUDOVICO DE VARTHEMA. Venezia, 1589.
14. *Itineràrio* de LUDOVICO DE VARTHEMA (*Em* RAMUSIO: *Delle Navigationi & Viaggi..*), Venetia, 1550, I. (*O texto é a tradução, feita por Ramusio, da tradução espanhola, corrigida sobre a tradução latina de Madrignano*).
15. *Itinerario..... (Em* RAMUSIO: *Delle Navigationi*, etc.) Venetia, 1554, I.
16. *Itinerario..... (Em* RAMUSIO: *Delle Navigationi*, etc.) Venetia, 1563, I.
17. *Itinerario..... (Em* RAMUSIO: *Delle Navigationi*, etc.) Venetia, 1606, I.
18. *Itinerario..... (Em* RAMUSIO: *Delle Navigationi*, etc.) Venetia, 1613, I.
19. *Viaggio di* VARTHEMA *in Oriente*. Bologna, Regia Tipografia Fratelli Merlani, 1884, 1 Giugno. (*Com um artigo de* ERNESTO MASI).
20. *Itineràrio* di LUDOVICO VARTHEMA nuovamente posto in luce da ALBERTO BACCHI DELLA LEGA. Bologna, presso Gaetano Romagnoli, 1885. (*Pertence à colecção* «Scelta di curiosità letterarie inedite o rare dal secolo XIII al XVII fondata e diretta da Francesco Zambrini»). *Reimpressão da edição de 1517.*
21. *Itinerario di* LUDOVICO DE VARTHEMA a cura di PAOLO GIUDICI. Milano, «Alpes», 1928. (*É o segundo volume da Colecção:* «Viaggi e scoperte di viaggiatori e esploratori italiani»). *Reimpressão da edição de 1510.*

Edições Latinas:

1. LUDOVICI PATRITII romani novum *Itinerarium* Aethiopiae: Aegypti: utriusque Arabiae: Persidis: Siriae ac Indiae intra et extra Gangem: ex vernacula lingua in latinum sermonem traductum, Interpetre ARCHANGELO MADRIGNANO monacho Caravalensi. (*No fim*) Operi suprema manus imposita est auspitiis cultissimi celebratissimique Bernardini Carvajal Episcopi Sabinensis S.R.E. Cardinalis cognomento Sanctae Crucis amplissimi quo tempore quibus nunquam antea bellis Italia crudelem in modum vexabatur. (*Sem data; traz a Carta dedicatória:* Madionali octavo calendis Juniis MDXI).
2. LUDOVICI ROMANI Patritii *navigationes* Ethiopiae, Egypti, utriusque Arabiae, Persidis, Sirias ac Indiae intra et extra Gangem, etc., Libri VII, ARCHANGELO MADRIGNANO interpetre. (*Na Colecção de* J. LUTTICH, *impressa por Simone Grynaeus:* «Novus Orbis regionum ac insularum veteribus incognitarum. «Basileae, apud Joannem Hervagium, 1532.
3. LUDOVICI ROMANI, Patritii *navigationes*, etc. (*In* «Novus Orbis, etc.», impressum Parisiis apud Antonium Augerellum (Laugellier) Impensis Joannis Parvi (Petit) et Galeoti a Prato (Du Pré) anno MDXXXII, VII calend. Novembris.
4. *Idem in* «Novus Orbis, etc.», Argentinae 1534.
5. *Idem in* «Novus Orbis, etc.», Basileae, 1537 (apud Joannem Hervagium).
6. *Idem in* «Novus Orbis, etc.», Basileae, 1555 (apud Joannem Hervagium).
7. *Idem in* «Novus Orbis, etc.», Nuremberg 1610.
8. *Idem in* «Novus Orbis, etc.», Francfort 1611

Edições Espanholas:

1. *Itinerario* del venerable varon micer LUIS PATRICIO ROMANO: en el cual cuenta mucha parte de la Ethiopia Egipto: y entrambas Arabias: Siria y la India. Buelto de latin en romance por CHRISTOVAL DE ARCOS CLERIGO. Nunca hasta aqui impresso en lengua castellana. (*No fim*) Foe impressa la presente obra en la muy noble y leal ciudad de Sevilla por Jacobo cromberger Aleman. En el año de la encarnacion del señor de Mill. y quinientos y veynte.
2. *Itinerario* del venerable varon micer, etc. Sevilla. Cromberger 1523.

3. *Itinerario* del venerable varon micer, etc. Sevilla. Cromberger 1576.

Edições Francesas:

1. *Les Voyages* de L. VARTHEMA. (Tom. II°, contenant les Navigations des capitaines Portugalais et autres, faites audit païs jusques aux Indes tant Orientales que Occidentales, parties de Perse, Arabie Hereuse, Pierreuse et Deserte, etc. À présent mis en français par Jean Temporal. *In* Historiale Description de l'Afrique tierce partie du monde, etc., escrite de nôtre temps par Jean Leon Africain. Lyon 1556.).
2. Segunda edição da dita obra, Vol. III, 1830.
3. *Les voyages* de LUDOVICO DI VARTHEMA ou le viateur en la plus grande partie d'Orient, traduits de l'Italien en Français par J. BALARIN DE RACONIS, commissaire de l'artillerie sous le roi François I^er^. Publié et annoté par M. CH. SCHEFER, membre de l'Institut. (*In* «Recueil de voyages et documents pour servir à l'histoire de la géografie depuis de XIII^e^ jusqu'à la fin du XVI^e^ siècle»). Paris, Ernest Leroux. M.D.CCCVIII.

Edições Inglesas:

1. *The navigation and vyages* of LEWES VERTOMANNUS, Gentleman, of the citie of Rome, to the regions of Arabia, Egypte, Persia, Syria, Ethiopia, and East India, both within and without the ryver of Ganges etc. In the yeare of our Lorde 1503: conteynyng many notable and strange thinges, both hystoricall and natural. Translated out oof latine into Englyshe by RICHARDE EDEN. In the yeare of our Lord 1576. (*Na colecção:* «The History of Travale in the west and East Indie») London 1577.
2. *In* «His Pilgrimages», *compêndio do Itinerário* por SAMUEL PURCHAS. London, 1625 — 1646.
3. *The Travels* of LUDOVICO DI VARTHEMA in Egypt, Syria, Arabia deserta and Arabia felix, in Persia, India and Ethiopia, A. D. 1503 to 1508. Translated from the original italian edition of 1510 with a preface by JOHN WINTER IONES, Esq., F. S. A., and edited with notes and an introduction, by GEORGE PERCY BADGER. With a map. London: Printed for the Hakluyt Society. M.DCCC.LXIII.
4. *The Travels* of LUDOVICO DI VARTHEMA. Translated from the original italian edition of 1510 with a preface by R. TEMPLE. London, 1929.

Edições Alemãs:

1. Die Ritterlich und lobwirdig *rayss* des gestrengen und über all ander wegt erfarnen ritters und landtfarers herren LUDOWICO VARTOMANS von Bolonia. Sagent von dem landen Egypto, Syria, von bayden Arabia, Persia, India und Ethiopia, von den gestalten sitten und dero Menschen leben und gelauben. Auch von manigerlay thieren vöglen und vil andern in den selben landen wunderbarlichen sachen. Das alles er selbs erfaren und geschen hat. (*No fim*) Auss welscher zungen in Teytsch transferiert und schicklichen volend worden in der kayserlichen stat Augspurg in kostung und verlegung des ersamen Hansen Millers des yar zal Christi 1515, anden sechzechen Tag des Monatz Junij.
2. Die ritterlich und lobwürdig *reisz* des gestrengen und über all ander wegt erfarnen Ritters und landtfarers herren LUDOWICO VARTOMANS, etc. (*No fim*) Auss welscher in Teutsch transferiert, etc. gedruckt in der Kayserlichen freistat Strassburg durch den Ersamen Johannem Knobloch MCCCCCXVI.
3. Die ritterlich und lobwürdig *raiss*, etc. Franckfurd MDXVII
4. Die ritterlich und lobwürdig *raiss*, etc. (*No fim*) Gedrucht in der Kaiserlichen stat Augspurg etc. MDXVIII.
5. Die ritterlich und lobwürdig *raiss*, etc. Augspurg MDXLIX.
6. Die ritterlich und lobwürdig *raiss*, etc. herren LUDOVICO VARTOMANS, etc. Franckfurd am Mayn, H. Gulferichen. MDXLVIII.
7. Die ritterlich, etc. Franckfurd am Mayn, MDXLIX.
8. Hodoeporicon Indiae Orientalis: das ist Warhafftige Beschreibung der ansehnlich Lobwürdigen Reisz welche der Edel gestreng und weiterfahrn Ritter H. LUDWIG DI BARTHEMA von Bononien

aus Italia bürtig inn die Orientalische und Indien etc. verdeutscht durch Hieronimum Megiserum Leipsig. MDCVIII.

9. Id., Leipsig, MDCX.
10. Id., Leipsig, MDCXV.
11. Die new Welt... Strasburg MDXXXIV. (É a tradução alemã do *Novus Orbis* feita por MIGUEL HERR. *Itinerario* é inserido numa tradução feita pelo próprio M. Herr da edição latina de Madrignano).

Edições Flamengas:

1. Die Ridd'lyche *reyse* van Heer LODEVIJCK V(or)TMANS van Bolonien, bescrivende die reyse en ghesteltnissen van den heyligen Landen, van beloften Egipten, Syrien, Arabien ... Ut Italiensche in duytsch getransl. Antwerpen, Jac. van Liesveldt en Symon Cock MDXLIV.
2. De Uytnemende en seer wonderlijcke Zee-en Landt-*Reyse* van de Heer LUDOWYCK DI BARTHEMA, van Bononien, Ridder, etc. gedaen Inde Morgenlanden Syrien, Vrughtbaer en woest Arabien, Perssen, Indien, Egypten, Ethiopen en andere. Uyt het Italiens in Hoogduyts vertaelt door Hieronymum Megiserium... En vyt den selven nu eerstmael in 't Nederduyts gebracht door F. S. Tot. Utrechet, Ger. Nieuwenhuysen en W. Snellaert 1654.
3. De Uytnemende en seer, etc. 1655.
4. *Itinerario*, traduzido livremente, encontra-se também na tradução holandesa do *Novus Orbis* de CORNELIUS ABLIN. Anversa, 1565.

ESBOÇO BIBLIOGRÁFICO

Já é possível dispor duma bibliografia bastante ampla sobre Ludovico de Varthema, especialmente em virtude das pacientes e inteligentes investigações feitas pelos seus mais

apaixonados cultores: Bagder, Temple, Masi, Amat, Bacchi della Lega e Giúdici.

a) *Escritos fundamentais para o estudo do «Itinerário» e da personalidade de Varthema:*

1. PERCY BAGDER, Prefácio à versão inglesa de John Winter Iones. London, 1863.
2. ANGELO DE GUBERNATIS, *Memoria intorno ai viaggiatori italiani delle Indie Orientali dal secolo XIII a tutto il secolo XVI.* Firenze, 1867. Págs. 53-62. Reproduzido com poucas modificações na sua «Storia dei viaggiatori italiani nelle Indie Orientali», Livorno, 1875.
3. PIETRO AMAT DI SAN FILIPPO, *Bibliografia dei Viaggiatori italiani ordinata cronologicamente ed illustrata*, Roma, 1874. Págs. 43-45.
4. *Studi bibliografici e biografici* in «Storia della Deputazione Ministeriale istituita presso la Società Geografica Italiana», Roma, 1875. Págs. 117-124.
5. *Catalogo ragionato delle più rare o più importanti opere geografiche a stampa che si conservano nella Biblioteca del Collegio Romano, compilato da* CARLO CASTELLANI, Roma, 1876. Págs. 183-187.
6. PIETRO AMAT DI SAN FILIPPO, *Della vita e dei viaggi del bolognese Lodovico de Varthema,* in «Giornale Ligustico di Archeologia, Storia e Belle Arti». Anno V, fascs. I e II, págs. 1-73.
7. ERNESTO MASI, in «Rassegna settimanale», Roma, 1878, Vol. II, págs. 196-99. Este estudo foi reproduzido como Prefácio à Edição de «*Viaggio di* VARTHEMA *in Oriente*», Bologna, 1884.
8. PIETRO AMAT DI SAN FILIPPO, *Biografia dei Viaggiatori italiani con la bibliografia delle relazioni di viaggio dai medesimi dettate.* Contribuzione di P. A. di S. F. al Congresso Internazionale Geografico riunito in Venezia. Roma, 1881. Págs. 224-238.
9. ALBERTO BACCHI DELLA LEGA, Introdução à Edição de *Itinerário,* Pág. XXVI. Bologna, 1885.
10. GUIDO MAZZONI, *Un viaggiatore del Secolo XVI (Ludovico de*

Varthema), in «In Biblioteca», appunti di G. M., Bologna, 1886. Págs. 281-305.

11. CH. SCHEFER, Prefácio à tradução francesa de J. Balarin De Raconis. Paris, 1888.
12. ALBERTO BACCHI DELLA LEGA, *Ludovico de Varthema, viaggiatore bolognese del Sec. XVI*. In «Atti e Memorie della R. Deputazione di Storia Patria, per le Romagne», Quarta serie, Vol. VII. Bologna, 1918.
13. PAOLO GIUDICI, Prefácio à edição do *Itinerário*. Pág. 77. Milano, 1928.
14. R. TEMPLE, Prefácio à edição inglesa do *Itinerário*, London, 1929.
15. *Varthema*, in *Encyclopaedia Britannica*, Vol. XXII, Pág. 996. London, 1936.
16. GIUSEPPE CARACI, *Varthema Ludovico*, in *Enciclopedia Italiana*, Vol. XXXIV, Pág. 1021. Roma, 1938.

b) *Notícias e dados sobre Varthema, a sua vida e a sua obra:*

17. MARINO SANUTO, *Diarii*. As citações são da edição de 1882, em Veneza, Tomo VII, Col. 662.
18. ANTON FRANCESCO DONI, *La libreria del Doni fiorentino* nella quale sono scritti tutti gli autori volgari. In Vinegia, MLXXX. Prima e seconda libreria.
19. BUMALDI ANTONII, *Minervalia Bononiensia seu Bibliotheca Bononiensis*. Bononiae, 1641.
20. ZANI. *Il genio vagante*, biblioteca curiosa di cento e più relazioni di viaggi stranieri de nostri tempi, raccolta dal signor Conte Aurelio degli Anzi (Zani). Parma, 1691. Tomo I, Pág. XXXII.
21. P. PELLEGRINO ANTONIO ORLANDI, *Notizie degli scrittori bolognesi* del P. Pellegrino Antonio Orlandi. Bologna, 1714, per Constantino Pisarri. Pág. 195.
22. *Notizie sugli scrittori Bolognesi* e dell'opere loro stampate e manoscritte. Bologna, 1714.
23. *Histoire des découvertes et conquestes des Portugais dans le Nouveau-Monde* par le R. P. IOSEPH FRANÇOIS LAFITAU, Paris, 1733. Págs. 222-23.

24. FOSCARINI, *Storia della Letteratura veneziana*, Libri Otto. Padova, 1752. Pág. 434.
25. G. M. MAZZUCCHELLI, *Gli scrittori d'Italia*, cioè notizie storiche e critiche intorno alle vite ed agli scritti dei letterati italiani. Brescia, 1758. Tomo II, pág. 427.
26. GIOVANNI FANTUZZI, *Notizie degli scrittori bolognesi*. Bologna, 1781. Tomo I, págs. 362-363.
27. G. TIRABOSCHI, *Storia della Letteratura Italiana antica e moderna*. Modena, 1787-1794. Tomo VII, pág. 211.
28. *Bibliothèque universelle de voyages*. Sob o título «Voyage de Louis Barthema dans les Indes Orientales» (en italien). Paris, 1808.
29. J. B. AMANCIO GRACIAS, in «Oriente Português», Vol. 7. Pág. 107.

c) *Obras em que há referências acerca de factos e juízos contidos em «Itinerário»:*

30. G. B. RAMUSIO, *Delle navigationi et viaggi*. In Venetia, presso Giunti. 1504. Tom. I.
31. JOÃO DE BARROS, *Da Asia*. Dec. I, Livro X, Fols. 199-200. Lisboa, 1628.
32. FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA, *História do Descobrimento e conquista da India pelos Portugueses*. Coimbra, 1924. Págs. 264 e 359.
33. DAMIÃO DE GOIS, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*. Coimbra, 1926. Pág. 35.
34. HIERONYMO OSORIO LUSITANO, *De rebus Emmanuelis Regis Lusitaniae invictissimi virtude et auspicio gestis libri duodecim*. Auctore Hieronymo Osorio Episcopo Sylvensi Olyssiponae — Apud Antonium Gondisaluũ Typographum. MDLXXJ. Págs. 172-173.
35. *L'Histoire des Indes Orientales et Occidentales* du R. P. JEAN PIERRE MAFFÉE, de la Compagnie de Iesus, traduit de Latin en Français par M. M. D. P., Paris, MDCLXV, Pág. 114.
36. GARCIA DA ORTA, *Colloquios dos simples e drogas da India*, Lisboa, 1891. V. também a tradução francesa de Antoine COLIN:

«Histoire des drogues, epicerie et de certains medicaments simples qui naissent ès Inde», Lyon, 1619, pág. 38.

d) *Autores e obras em que Varthema é citado ou em que se fazem referências ao «Itinerário» ou se utilizam as notícias nele contidas:*

37. *La Cosmografie universelle* contenant la situation de toutes les parties du monde, par SEBASTIEN MUNSTER. Trad. française. Bâle, 1552.
38. ABRAMO OERTEL (ORTELIUS), *Theatrum Orbis Terrarum*, Anversa, 1570.
39. GERARDI MERCATORI, *Nova et aucta Orbis terrae descriptio* ad usum navigantium emendate accomodata. 1570.
40. BELLEFOREST, *L'Histoire universelle du monde*. Paris, 1577.
41. *Bibliotheca* instituta et correcta primum a CONRADO GESNERO deinde in Epitomen redacta per JOSIAM SILMLERUM. Tiguri, anno MDLXXX, pág. 554.
42. M. LIVIO SANUTO, *Geografia*, distincta in XII Libri. Venezia, 1588.
43. GERARDI MERCATORIS, *Atlas*, sive meditationes de fabrica mundi et fabricati figura. Amsterdam, 1609.
44. ROBERT BURTON (1576-1639), *The Anatomy of Melancholy*, London, 1926. Vol. II, Pág. 352.
45. FRANCISCO HERRERA, Prefácio à edição espanhola da «Peregrinação»: *Historia oriental de las Peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto, Portugues*, Madrid, 1624.
46. GIULIO CESARE SCALIGERO, no Comento à História das Plantas de Teofrasto: «De historia plantarum libri X graece et latine in quibus textum graecum variis lectionibus, latinam Gazae versionem nova interpetratione, totum opus, cum notis tum commentariis, illustravit Io. BODAEUS: accesserunt IUL. CAES. SCALIGERI in eosdem libros animadversiones. Amsterdam, 1644.
47. PIERRE BERGERON, *Les voyages fameux du sieur Vincent Leblanc*. Lyon, 1649.
48. *Bibliotheca* vetus et nova ab prima mundi origine, de G. M. KOENING, Altdorf, 1678. Pág. 381.

49. *Universus terrarum orbis scriptorum calamo delineatus hoc est auctorum fere omnium qui de Europae, Asiae, Africae, et Americae regnis, provinciis, etc. scripserunt.* Studio et labore Alphonsi Lasor a Vareo. Patuae, 1713.
50. L. A. TIELE, *De Europeërs in den Maleischen Archipel.*, Amsterdão, 1875.

A ENCICLOEDIA ITALIANA, além do artigo citado de G. Caraci, cita Varthema em: Vol. III, pág. 888 (Arabia); Vol. IV, pág. 843 (Asia); Vol. VIII, pág. 412 (Calicut); Vol. XXI, pág. 978 (Malacca); Vol. XXII, pág. 738 (Medina); Vol. XXVI, pág. 807 (Persia); Vol. XXXI, pág. 618, (Siam); Vol. XXXII, pág. 985 (Sumatra); Vol. XXXV, pág. 914 (Zeila).

A ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, além do artigo sobre Varthema já por nós assinalado, tem uma referência ao viajante Bolonhês a pág. 170 do II Vol. (Arabia).

Fala-se de Varthema na ENCICLOPEDIA UNIVERSAL, Bilbao, 1929, Vol. 67, pág. 120: VARTOMANO (Luis Varthema ó Barthema). Mas que colecção de inexactidões! «Vartomano estudió pirotecnia y praticóse en la fundición de cañones, partiendo luego a oriente con el deseo de implantar allí aquela fabricación». E ainda: «La edición original, que data de 1510, se halla en la actualidad perdida, pero se conserva una tradución francesa de Luis (?) Temporal: «Voyage de Loys Vartheme, Bolognois» (Lyon, 1556) que constituye un documento geográfico muy interessante».

Os mesmos factos — com excepção da pirotecnia — repete o LAROUSSE XX^me^ SIÈCLE (Vol. 6, pág. 917, Edição 1933, Paris): «VARTOMANUS (Luigi Varthema ou Barthema) ....La relation originale de son voyage publiée en 1510 est aujourd'hui perdue; mais il en subsiste la traduction française de Louis (?) Temporal: «Voyages de Loys Barteme, Bolognais (1556).»

Mas já é tempo do leitor tomar contacto com o amável escritor Bolonhês.

Seja-me apenas permitido exprimir os meus agradecimentos à gentileza do senhor Director da Biblioteca Geral de Coimbra, o Sr. Dr. Manuel Lopes de Almeida e dos respectivos Bibliotecários, Licenciados César Pegado e Almeida e Sousa, e principalmente deixar testemunho do meu reconhecimento mais profundo e sincero ao Instituto para a Alta Cultura, por me ter dado o ensejo de apresentar pela primeira vez, ao grande público Português, a obra dum Italiano que amava Portugal.

Fique esta minha pequena, grata fadiga, como ainda outro penhor de afecto para este Portugal que, durante o mais amargo e atormentado período da minha vida, me foi generoso de compreensão, consolo e amparo.

VINCENZO SPINELLI

ITINERÁRIO

À Ilustríssima e Excelentíssima Senhora, a Senhora Condessa de Albi e Duquesa de Tagliacozzo, Dona Agnesina Feltria Colonna, LUDOVICO DE VARTHEMA S.

Muitos homens houve que se dedicaram à investigação das coisas desta Terra, e por diversos estudos, experiências e fidelíssimas relações, se esforçaram por conseguir o seu desejo. Outros, como os Caldeus e os Fenícios, de mais perspicaz engenho, não lhes bastando a Terra, começaram com solícitas observações e vigias a perscrutar as altíssimas regiões do Céu; pelo que conseguiram merecidamente, com respeito aos outros, digníssimos louvores, e com respeito a eles próprios, pleníssima satisfação. E assim eu, tendo grandíssimo desejo de conseguir efeitos parecidos, deixando estar os céus como peso conveniente aos ombros de Atlas e de Hércules, dispus-me a investigar algumas partículas deste círculo terrestre; e faltando-me ânimo (por me conhecer de fraquíssimo engenho) para conseguir tal desejo por meio de estudo ou conjecturas, deliberei procurar conhecer com a própria pessoa e com os próprios olhos, as

situações dos lugares, as qualidades das pessoas, as diversidades dos animais, as variedades das árvores frutíferas e odoríferas do Egipto, Síria, Arábia deserta e feliz, Pérsia, Índia, Etiópia, especialmente considerando que vale mais uma testemunha de vista do que dez de ouvido. Tendo, portanto, com o auxílio divino, satisfeito em parte o meu ânimo e procurado várias províncias e estranhas nações, parecia-me nada ter feito se guardasse escondidas em mim as coisas vistas e experimentadas e não as participasse aos outros homens e estudiosos. Pelo que procurei na medida das minhas fracas forças escrever esta minha viagem fidelìssimamente, julgando fazer coisa grata aos leitores que, sem dano ou perigo algum, poderão, lendo, receber o mesmo fruto e prazer que eu recebi vendo novos hábitos e costumes à custa de grandíssimos perigos e intoleráveis fadigas. Pensando, em seguida, a quem melhor pudesse dedicar esta minha suada obrinha, lembrei-me de V. Ilustríssima e Excelentíssima Senhoria, quase única cultora de coisas notáveis, e amante de todas as virtudes. Nem me parece vão o meu juízo, especialmente considerando a doutrina infusa pela radiante luz do Ilustríssimo e Ex.^mo^ Senhor Duque de Urbino seu pai, quase para nós um Sol em armas e ciências. Não falando do Ex.^mo^ Senhor seu irmão, que em estudos gregos e latinos (ainda moço) deu tal prova de si que hoje é tido quase por um Demóstenes e um Cícero. Pelo que, tendo V. S. Ilustríssima derivado todas as virtudes de tão amplos e claros rios, não pode senão deleitar-se com obras honestas, e ter delas grande sede, embora, a julgar pelo que de V. E. se conhece, gostosa andaria com os pés corpóreos por onde com as asas da mente voa, recordando-se que um dos louvores dados ao sapientíssimo e facundo Ulisses é o de ter visto muitos costumes

de homens e muitas terras. Mas, estando V. S. Ilustríssima ocupada nos cuidados do seu Ilustríssimo Consorte, que tal como uma nova Artemisa ama e venera, e da sua ínclita família, que admiràvelmente governa, enriquecendo-a de virtudes, julgarei ser já muito se o seu ânimo se pascer, entre as outras obras óptimas, nesta, embora inculta mas talvez frutífera lição. Nem fará como muitas outras que prestam ouvido a cantigas e palavras vãs, desperdiçando as horas, contràriamente à angélica mente de V. S. Ilustríssima, que não deixa passar um instante sem algum bom fruto. A sua benignidade poderá fàcilmente suprir onde faltar a inculta continuação da minha obra, só olhando para a verdade das coisas. E se estes meus labores lhe agradarem e os aprovar, mui grandes louvores e satisfação me parecerá ter recebido do meu longo peregrinar, ou mais pròpriamente espantoso exílio, em que infinitas vezes tolerei fome, sede, frio e calor, guerra, cativeiro e outros infinitos perigosos acidentes; animando-me ainda mais a esta outra viagem que brevemente espero fazer, porquanto, depois de haver percorrido partes das Terras e ilhas orientais, meridionais e ocidentais, estou disposto — com a ajuda de Nosso Senhor Deus — a ir à procura das setentrionais, e assim, não me vendo idóneo a outro estudo, expender, neste louvável exercício, o resto dos meus fugitivos dias.

Capítulo Primeiro de Alexandria

O desejo, que muitos outros levou à procura da diversidade dos reinos do mundo, incitou-me também à mesma empresa. Estando, porém, todas as outras terras muito bem esclarecidas pelos nossos, deliberei ir ver as menos frequentadas. Pelo que de Veneza, com o favor dos ventos, abrimos as velas e invocado o divino auxílio, nos confiámos ao mar. E, tendo chegado a Alexandria, cidade do Egipto, desejoso de coisas novas como um sedento de águas frescas, parti daqueles lugares que são conhecidos por todo o mundo e, entrando no Nilo, cheguei ao Cairo.

CAPÍTULO DO CAIRO

Chegando ao Cairo, espantado ao princípio por causa da sua grandeza, verifiquei depois não ser esta tão importante como se diz. O circuito da cidade é como o de Roma, embora muito mais habitada do que Roma, e consequente-

mente com muito mais gente. O erro de muitos é este, que nas vizinhanças do Cairo há algumas povoações que alguns julgam serem arrabaldes da cidade. O que não pode ser, por ficarem afastadas duas ou três milhas e por serem verdadeiras e próprias aldeias. Não me demorarei a falar da sua fé e costumes, sendo notório que estas terras são habitadas por Mouros e Mamelucos. Delas é senhor o Grão Sultão, o qual é servido pelos Mamelucos, que são senhores dos Mouros.

CAPÍTULO DE BEIRUTE [1] E ALEPO

Sendo demasiado conhecidas as riquezas e beleza do dito Cairo e a soberba dos Mamelucos, pus fim à minha permanência no Egipto e de lá fiz vela para a Síria. E primeiro toquei em Beirute, sendo a distância de um lugar ao outro, por mar, de quinhentas milhas. Nesta Beirute, que é terra de Mouros muito povoada e com abundância de tudo, fiquei bastantes dias. O mar bate contra os muros da cidade, e devem saber que esta não é toda circundada pelos muros, mas só em algumas partes: isto é, na parte de poente e à beira-mar. Ali não vi coisa digna de relevo, a não ser uma antiga muralha em ruínas onde dizem ter habitado a filha do Rei quando o Dragão a quis devorar e onde S. Jorge matou o dito Dragão [2]. De lá parti para Trípolis da Síria, que fica a dois dias na direcção do oriente. Trípolis está submetida ao Grão Sultão, e todos ali são Maometanos;

(1) Baruti, no texto.

(2) «A meia légua de Beirute, ao longo do mar, indo para Trípolis, há uma pequena capela no lugar onde S. Jorge matara o Dragão.» M. de Monconys, *Journal des Voyages*. Lyon, 1665, pág. 334.

na cidade há fartura de tudo. Parti desta cidade e fui a Alepo, que fica a oito dias de caminho em terra firme. E esta Alepo é uma lindíssima cidade, submetida ao Grão Sultão do Cairo e escala da Turquia e da Síria, sendo todos os seus habitantes Maometanos. É terra de grande tráfico de mercadorias, especialmente dos Persas e Arménios [3] que chegam até lá. E dali tomam o caminho para a Turquia e para a Síria os que vêm da Arménia [4].

CAPÍTULO DE HAMAH E DE MENIS

Parti dali para Damasco, que fica a dez jornadas pequenas. A meio caminho há uma cidade chamada Hamah [5] na qual há grandíssima quantidade de algodão e frutos muito bons Dezasseis milhas aquém de Damasco, encontrei outra terra chamada Menis [6], a qual fica em cima de um monte e é habitada por Cristãos à grega, estando todos submetidos ao Senhor de Damasco. Naquela terra há duas lindíssimas igrejas que dizem ter mandado fazer Santa Helena, mãe de Constantino. E ali há riquíssimos frutos e especialmente bons cachos. E há formosíssimos jardins e fontes. Saindo dessa terra, fui à nobilíssima cidade de Damasco.

CAPÍTULO PRIMEIRO DE DAMASCO

Seria verdadeiramente difícil descrever a beleza e bondade desta Damasco em que morei alguns meses para apren-

(3) No texto, *Azamini.*

(4) No texto, *Azemia.*

(5) No texto, *Aman.*

(6) No texto, *Menin.*

der a língua mourisca, sendo esta cidade habitada por Mouros, Mamelucos e muitos Cristãos gregos. Começarei por falar no governo do Senhor desta cidade, o qual Senhor está submetido ao Grão Sultão do Cairo. Saibam, pois, que na dita cidade de Damasco há um lindíssimo e forte castelo que dizem ter sido fundado por um Mameluco florentino à sua custa, sendo senhor da cidade. E ainda que, em todos os ângulos do castelo, estão esculpidas as armas de Florença em mármore. Tem em volta fossos grandíssimos, com quatro torres fortíssimas e ponte levadiças e boa artilharia grossa; e permanentemente estão ali cinquenta Mamelucos estipendiados junto do Castelão, por ordem do Grão Sultão. Aquele Florentino era Mameluco do Grão Sultão, e tendo o dito Sultão, (como é fama) sido envenenado no seu tempo sem encontrar quem o libertasse do veneno, quis Deus que fosse o Florentino quem o curasse; e foi por isso que recebeu a cidade de Damasco, na qual edificou o castelo. Depois ali morreu, e o povo tem-no em grande veneração, como se fosse um Santo, e faz-lhe grandes luminárias. Daquele tempo em diante o castelo ficou sempre ao dispor do Sultão, e quando se elege um Sultão novo, um dos seus senhores a quem chamam *Amirra*, diz: «Senhor, eu fui por tanto tempo teu escravo; dá-me Damasco, e eu dar-te-ei cem ou duzentos *serafos* (7) de ouro». E o Sultão concede-lhe a graça pedida. Mas saibam que, se no prazo de dois anos o dito Sultão não recebe vinte e cinco mil *serafos*, procurará fazê-lo morrer por força de armas ou de qualquer outra maneira; ao passo que, se o Senhor lhe faz o dito presente, fica na Senhoria. O Senhor tem sempre com ele dez ou doze

(7) Eskrefy (no texto, *serafi*), moeda de ouro.

Senhores e Barões da cidade, e quando o Sultão quer duzentos ou trezentos *serafos* dos Senhores ou dos Mercadores, os quais não conhecem justiça, mas roubam e assassinam o mais que podem, estando os Mouros debaixo dos Mamelucos como o cordeiro debaixo do lobo, envia duas cartas ao Castelão do dito Castelo, mandando com uma, escrita em teor simples, congregar no Castelo os Senhores ou os Mercadores, segundo lhe apetecer. Quando estão reunidos, lê-se, então, a segunda carta, sendo as ordens nelas contidas imediatamente executadas, a bem ou a mal, e esta é a maneira pela qual o dito Senhor Sultão procura arranjar dinheiro. Algumas vezes o Senhor da cidade torna-se tão poderoso que não quer ir para o Castelo, e por isso muitos Barões, sentindo-se ameaçados, montam a cavalo e tomam o caminho da Turquia. Não diremos mais nada acerca disto, a não ser que a guarnição do Castelo fica sempre vigilante em cada um dos quatro torreões. De noite não gritam nada; mas cada homem tem um tambor feito como um meio barril, e dá nele uma pancada com uma bengala, respondendo assim uns aos outros. Se demoram a responder, no termo de um *Padre nosso* levam-nos para a cadeia por um ano.

CAPÍTULO SEGUNDO DE DAMASCO

Tendo já visto os costumes do Senhor de Damasco, ocorre-me referir algumas coisas da cidade, que é muito povoada e muito rica. A riqueza e a gentileza dos trabalhos que ali se fazem é inestimável. Aqui há grande fartura de trigo e carne, e esta é a terra mais abundante de frutos que tenho visto, e especialmente de uvas, frescas em todas as épocas do ano. Falarei dos frutos bons e dos maus: romãs

e marmelos, bons; amêndoas e azeitonas grandes, óptimas, e rosas, brancas e encarnadas, tão bonitas como nunca tinha visto; e há lindas maçãs, peras e pêssegos, mas que são desagradáveis ao gosto, e a razão disso é que Damasco é muito rica em água. Um rio passa no meio da cidade; uma grande parte das casas tem fontes lindíssimas de mosaico, e as casas são feias da parte de fora, mas por dentro são magníficas, com lindos trabalhos de mármore pórfiro. Há muitas mesquitas, entre as quais uma, a principal, que é da grandeza de S. Pedro em Roma, mas está descoberta no meio e em volta, sendo coberta só debaixo da abóbada (8). Nela têm o corpo de S. Zacarias profeta, segundo reza a fama, e prestam-lhe grandes honras. A mesquita tem quatro portas principais de metal e no interior, muitas fontes. Vê-se ainda onde ficava a canónica, que já foi dos Cristãos, e tem muitos trabalhos antigos em mosaico. Vi ainda o lugar onde dizem ter dito Cristo a S. Paulo: *Saule, Saule, cur me persequeris?*, que fica aproximadamente uma milha fora das portas da cidade, e ali são sepultados todos os Cristãos que morrem na dita cidade. Há, ainda, sobre os muros da terra, aquela torre onde esteve preso (segundo dizem) S. Paulo. Os Mouros tentaram muitas vezes restaurá-la; mas logo na manhã seguinte encontravam-na rota e com o muro caído, como a deixara o Anjo quando tirou S. Paulo para fora da dita torre. Ainda vi a casa onde Caim (como é fama) matou a Abel seu irmão, que fica uma milha fora da cidade, da outra parte, numa encosta que dá para um grande vale. Agora passemos à liberdade que os Mamelucos de que falei têm na cidade de Damasco.

(8) A mesquita dos Omíadas, que fora, antes, uma igreja cristã dedicada a S. João Baptista.

CAPÍTULO TERCEIRO DOS MAMELUCOS DE DAMASCO

Os Mamelucos são Cristãos renegados e comprados pelo dito Senhor. Eles não perdem tempo, exercitando-se nas armas ou nas letras, até ficarem adestrados. E saibam que cada Mameluco, grande ou pequeno, tem um ordenado de seis *serafos* por mês e as despesas pagas para ele, o cavalo e um criado, e quanto maior é o valor que demonstram em guerra, mais compensados são. Os ditos Mamelucos vão sempre pela cidade em grupos de dois ou três, porque seria grande vergonha se andassem sòzinhos. Encontrando por acaso duas ou três mulheres têm esta liberdade, e se não a têm, tomam-na: vão esperar essas mulheres em certos lugares chamados *chanos*, que são como que grandes pousadas, e quando passam diante da porta, cada Mameluco pega numa delas pela mão, puxa-a para dentro e faz com ela o que quer. A mulher não opõe resistência a fim de não ser conhecida, tendo todas o rosto encoberto, de forma que elas conhecem-nos, mas nós não as conhecemos a elas. O Mameluco diz-lhe que quer conhecê-la, e ela responde: «Irmão, não estás contente com fazer de mim o que te agrada, e ainda pretendes conhecer-me?» E tanto suplica que ela deixa-a. Às vezes acontece que julgam possuir a filha do Senhor e possuem as próprias mulheres; e isto deu-se no meu tempo.

As mulheres andam muito bem vestidas de seda, e por cima trazem certos panos brancos de algodão, finos e luzidios como seda; usam todas botinas brancas e sapatos encarnados ou roxos, e trazem muitas jóias em volta da cabeça, nas orelhas e nas mãos. Casam a seu prazer, isto é, quando não querem ficar mais com o seu marido vão ao *Cadi* da sua religião, e ali se fazem *talacar*, ou seja,

separar do seu marido, e tomam outro, enquanto o marido toma outra mulher. Embora digam que os Mouros têm cinco ou seis mulheres, eu, por mim, não vi nunca nenhum que tivesse mais de duas ou três, o máximo. A maior parte destes Mouros comem na rua, isto é, onde se vendem as mercadorias, e aí fazem cozer a comida. Comem muitos cavalos, camelos, búfalos, carneiros e muitíssimos cabritos, tendo aqui abundância de bons queijos frescos, e se se quer comprar leite, andam todos os dias pela terra quarenta ou cinquenta cabras, que têm as orelhas com mais de um palmo de comprimento. O dono delas leva-as ao vosso quarto, embora a casa tenha três andares, e ali, na vossa presença, ordenha quanto leite se quer para um lindo recipiente estanhado. Aqui vendem-se grandes quantidades de trufas, das quais chegam às vezes das montanhas da Arménia e da Turquia vinte e cinco ou trinta camelos carregados, sendo vendidas em cinco ou seis dias. Os Mouros usam umas vestes longas e amplas, sem cintura, de seda ou de pano, e a maior parte usa calças de algodão e sapatos brancos. Quando um deles encontra um Mameluco, embora seja o principal mercador da terra, é obrigado a cumprimentá-lo e a dar-lhe passagem; não o fazendo, apanha. Há finalmente, muitas lojas de Cristãos onde se vendem fazendas, sedas, vasos, veludos, objectos de cobre, e toda a mercadoria que se precisar; mas eles são mal vistos.

Livro da Arábia deserta

CAPÍTULO COMO DE DAMASCO SE VAI A MECA, ONDE SÃO DESCRITOS ALGUNS ÁRABES

Declaradas aqui as coisas de Damasco, talvez mais pormenorizadamente do que devia ser, impele-me a oportunidade a recomeçar a minha viagem. Em mil quinhentos e três, no dia 8 de Abril, enquanto a caravana se aprontava para ir a Meca, tendo eu vontade de ver muitas coisas, e não sabendo como, uni-me em grande amizade com o Capitão dos Mamelucos da caravana, que era Cristão renegado, de forma que me vestiu de Mameluco, deu-me um bom cavalo, e pôs-me em companhia de outros Mamelucos; e isto aconteceu por causa de dinheiro e de outras coisas que lhe dei. Assim nos pusemos a caminho, e depois de três dias chegámos a um lugar chamado El Mezeribe, onde ficámos três dias para abastecer os mercadores e comprar camelos e quanto lhes era necessário. O Senhor deste Mezeribe chama-se

Zambei, e é senhor do campo, isto é, dos Árabes. Tem ele três irmãos e quatro filhos, e possui quarenta mil cavalos; na sua corte tem dez mil éguas, mais trezentos mil camelos, precisando-se de dois dias para atravessar o lugar onde pastam. Quando ele quer, este senhor Zambei faz guerra ao Sultão do Cairo, ao Senhor de Damasco e ao de Jerusalém, e no tempo das searas, quando julgam que ele está cem milhas afastado, anda ele, pela manhã, a fazer grandes correrias à procura das eiras das cidades, e onde encontra o trigo e a cevada ensacados, leva tudo. Algumas vezes corre um dia e uma noite com as ditas éguas que nunca param, e quando chegam dão-lhes a beber leite de camela, que é muito refrescante. Na verdade pareceu-me que não corriam mas voavam como falcões, quando eu estive com eles, e saibam que a maior parte vão a cavalo sem sela, e todos em camisa, salvo alguns homens principais, sendo a sua armadura uma lança de cana da Índia de dez ou doze braças de comprimento com um bocado de ferro no cimo, e quando vão fazer alguma correria, parecem bandos de estorninhos. Os ditos Árabes são homens muito pequenos e de cor aleonada escura, tem voz feminina e os cabelos compridos, corredios e pretos. São tão numerosos que seria impossível contá-los e combatem continuamente entre si. Moram todos na montanha; mas quando é o tempo em que as caravanas vão a Meca, descem para esperá-las nas passagens a fim de as roubar, e trazem consigo mulheres, filhos, móveis e também as casas sobre os camelos; as quais casas são como uma tenda de homem de armas, e são feitas de lã preta e ruim. No dia onze de Abril a nossa caravana partiu de Mezeribe com trinta e cinco mil camelos e cerca de quarenta mil pessoas; nós, os Mamelucos que devíamos defender a caravana, éramos sessenta, indo uma terceira parte, com

as bandeiras, à frente, outra terceira parte ao meio e a última atrás. A viagem decorreu como agora verão. De Damasco a Meca há quarenta dias e quarenta noites de caminho. Saímos pela manhã de Mezeribe e andámos até às vinte e duas horas; neste ponto o Capitão faz alguns sinais, e assim todos os componentes da bela companhia vão parando sucessivamente, ficando onde se encontram, e até às vinte e quatro horas descarregam os camelos, dão de comer a estes e comem também; depois fazem outros sinais, e logo carregam os ditos camelos. E saibam que não lhes dão para comer senão cinco pães de farinha de cevada, crus, tão grandes, cada um, como uma romã. Depois montam a cavalo e andam toda a noite e todo o dia seguinte, até às vinte e duas horas, para fazer, às vinte e quatro horas, como se disse. Cada oito dias conseguem água, quer cavando a terra, ou melhor a areia, quer buscando-a nos poços e cisternas que acharem; e cada oito dias param um ou dois dias, porque os camelos levam tanto peso como dois machos, e aos pobres animais apenas dão de beber uma vez em cada três dias.

Sempre que parávamos nos locais onde havia água, devíamos combater com uma enorme quantidade de Árabes; mas não nos mataram senão um homem e uma mulher, sendo tal a vileza dos seus ânimos que nós, sessenta Mamelucos, éramos suficientes para fazer frente a quarenta ou cinquenta mil Árabes, porque entre a gente pagã, não há melhor com as armas na mão, do que os Mamelucos. E eu vi magníficas façanhas destes Mamelucos durante esta viagem. Entre outras coisas, vi um Mameluco pôr uma laranja sobre a cabeça do seu escravo, afastar-se doze ou quinze passos dele, e ao segundo tiro de arco fazer cair a laranja. Vi ainda outro Mameluco, correndo a cavalo, tirar

a sela e pô-la na sua própria cabeça, para novamente a colocar no seu primeiro lugar, e isso sem cair e sempre correndo. Os arreios das selas deles são como os que nós usamos.

CAPÍTULO DAS CIDADES DE SODOMA E GOMORRA

Depois de ter andado doze dias, encontrámos o vale de Sodoma e Gomorra. Na verdade, a Escritura não mente, porque se vê como foram destruídas por milagre de Deus as três cidades que havia em cima de três montes, encontrando-se uma camada aproximadamente de três ou quatro braças de altura que parece ser sangue, ou melhor cera encarnada misturada com terra. Eu acredito, por ter visto, que ali viveu certamente gente viciosa, porque a terra em todas as redondezas é deserta e estéril, não produzindo coisa nenhuma, nem água, de maneira que as pessoas deviam alimentar-se com o maná. Por não reconhecerem o benefício que recebiam, foram punidos, e ainda, por milagre, viram-se todos em ruína. Atravessámos aquele vale que tem bem vinte milhas de comprimento, e ali morreram trinta e três pessoas à sede, e muitos que ainda não tinham acabado de morrer foram sepultados na areia e deixámo-los apenas com o rosto descoberto. Encontrámos, depois, um outeiro, ao pé do qual havia um fosso cheio de água; do que ficámos muito contentes. Apeámo-nos no dito outeiro; mas no outro dia, de madrugada, vieram vinte e quatro mil Árabes, os quais queriam que pagássemos a sua água. Respondemos que não queríamos pagar nada, porque aquela água fora dada por Deus; eles começaram então a combater connosco, dizendo que lhes havíamos tirado a sua água. Fortificámo-nos no dito outeiro, fazendo muros dos camelos e pondo no

meio os mercadores, ao mesmo tempo que estávamos continuadamente a escaramuçar. Depois de estarmos cercados dois dias e duas noites, chegámos ao ponto de não ter nem nós nem eles água para beber, mas eles tinham circundado todo o outeiro de gente, com a intenção de destruir a caravana. O nosso Capitão, para não ser obrigado a combater mais, de acordo com os mercadores Mouros, ofereceu aos Árabes mil e duzentos ducados de ouro; tomaram eles o dinheiro, mas disseram que nem dez mil ducados de ouro pagariam a sua água, e assim soubemos que antes queriam outra coisa do que dinheiro. O nosso Capitão, prudentemente, fez apregoar que todos os homens que estavam em condições de combater não montassem nos camelos, e que cada um pegasse na sua arma, e na manhã seguinte pusemos a caravana em marcha; nós, os Mamelucos, ficámos atrás. Éramos ao todo trezentas pessoas, e começámos cedo a combater. Foram mortos com os arcos um homem e uma mulher dos nossos, e não nos fizeram outro mal; nós, porém, matámos mil e seiscentos. Nem devem maravilhar-se se matámos tantos: o facto é que eles andavam todos nus e a cavalo sem sela, de forma que tiveram dificuldade em voltar ao seu caminho.

CAPÍTULO DE UMA MONTANHA HABITADA PELOS JUDEUS

Depois de mais oito jornadas, encontrámos uma montanha que parece ter dez ou doze milhas de circuito, na qual habitam quatro ou cinco mil Judeus. Eles andam nus, e a sua estatura é de cinco ou seis palmos; têm voz feminina e são mais negros do que de outra cor, não comendo senão carne de carneiro, e nada mais. São circuncisos e confessam

ser Judeus; se podem haver às mãos um Mouro, esfolam-no vivo. Ao pé da dita montanha encontrámos um depósito de água da chuva. Carregámos com a dita água vinte seis mil camelos, do que os Judeus ficaram muito descontentes, e iam por aquele monte como veados, e por nada queriam descer à planície, por serem inimigos mortais dos Mouros. Ao pé da dita água há seis ou oito lindos espinheiros, entre os quais encontrámos duas rolas, o que nos pareceu quase um milagre, tendo andado quinze dias e quinze noites sem nunca encontrar animais nem pássaros de espécie alguma. Saídos de lá, chegámos em duas jornadas a uma cidade que se chama Medina en-Nabi [9], ao pé da qual encontrámos um poço. Perto desse poço a caravana ficou um dia, e cada um se lavou e mudou a sua roupa, para entrar na dita cidade que é de aproximadamente trezentos fogos, tendo em volta muros feitos de terra; as casas, dentro dos muros, são de alvenaria e de pedras. Toda a região que fica em volta da cidade recebeu a maldição de Deus, porque a terra é estéril; só a dois tiros de pedra fora da cidade se vêem talvez cinquenta ou sessenta plantas de tâmaras, num jardim que tem ao pé um certo aqueduto que desce vinte e quatro degraus. Dessa água abasteceu-se a caravana quando chegou ali. Será ocasião de censurar os que dizem que o corpo de Mafoma está na área de Meca. Eu digo que não é verdade, porquanto vi a sua sepultura nesta cidade de Medina en-Nabi, na qual ficámos quatro dias e pudemos ver tudo. No primeiro dia em que estivemos na cidade, querendo entrar na sua mesquita, cada um de nós devia ser acompanhado por uma pessoa, pequena ou grande, que nos pegava pela mão e nos conduzia onde foi sepultado Mafoma.

(9) No texto, *Medinat al nabi.*

CAPÍTULO DE ONDE FORAM SEPULTADOS MAFOMA E OS SEUS COMPANHEIROS

A Mesquita está feita deste modo: é de forma rectangular, tendo aproximadamente cem passos de comprimento e oitenta de largo, com duas portas em três dos seus lados, e tecto em abóbada. Tem mais de quatrocentas colunas de pedra cozida, todas branqueadas, e mais de três mil lâmpadas acesas de um lado das abóbadas. Seguindo à direita, para o fundo da mesquita, há uma torre quadrada, aproximadamente de cinco passos de lado, e esta torre tem em volta um pano de seda. A dois passos da dita torre há uma lindíssima grade de metal, donde as pessoas miram a torre e ao lado esquerdo há uma portinhola para ir à mesma torre, e mais outra portinhola para entrar. A um lado da porta guardam-se vinte livros e ao outro lado vinte e cinco, sendo estes os livros de Mafoma e dos seus companheiros, e contendo a vida e os mandamentos da sua seita. Dentro está uma sepultura, isto é, a fossa debaixo da terra onde foram postos Mafoma, Alí, Abu Bekr, Osman, Omar, Fathma, que foi filha de Mafoma [10]. Abu Bekr foi o que nós diríamos Cardeal, e queria ser Papa. Osman foi um seu Capitão e Omar também foi outro Capitão dele. Os livros são de cada um deles, isto é, de cada um dos ditos Capitães. Por causa deles estes canalhas cortam-se em pedaços uns aos outros, pois há quem queira seguir os mandamentos de um, quem os de outro, e assim não conseguem conciliar-se, matando-se como animais por causa destas heresias, que são todas falsas.

(10) No texto: *Haly, Bubacher, Othman, Aumar, Fatoma.*

CAPÍTULO DO TEMPLO E DA SEPULTURA DE MAFOMA E DOS SEUS COMPANHEIROS

Para melhor conhecer a seita de Mafoma, deve-se saber que por cima da dita torre há uma cúpula, podendo-se lá ir pela parte externa, à volta dela. Ouvirão agora a malícia que usaram para com toda a caravana a primeira tarde que vimos a sepultura de Mafoma. O nosso Capitão fez chamar o Superior da mesquita e pediu-lhe que nos mostrasse o corpo do *Nabi* (Nabi quer dizer, o profeta Mafoma) prometendo-lhe três mil *serafos* de ouro, e dizendo-lhe que não tinha nem mãe, nem pai, nem irmãos, nem irmãs, nem mulher nem filhos, e que não viera para comprar especiarias nem jóias, mas para salvar a sua alma e para ver o corpo do Profeta. O Superior respondeu-lhe com ímpeto desenfreado, fúria e soberba, dizendo: «Como poderiam esses teus olhos, que tanto mal fizeram ao mundo, ver aquele pelo qual Deus criara o céu e a terra?» Respondeu então o nosso Capitão: «*Sidi intecate hel melie*»; isto é: «Senhor, tudo isso é verdade; mas faz-me uma graça: deixa que veja o corpo do Profeta, e logo depois de o ver, pelo seu amor, quero arrancar os olhos. O *sidi* respondeu: «ó Senhor, eu quero dizer-te a verdade: é certo que o nosso Profeta quis morrer aqui para nos dar o bom exemplo, porque podia morrer em Meca, se ele assim tivesse querido, e pelo contrário preferiu usar da pobreza para nos ensinar; mas após ter morrido foi levado para o céu pelos Anjos, e dizem que ele está tal como Deus». O nosso Capitão perguntou: «*Eise hebene mariam fion*», ou seja: «Jesus Cristo, o filho de Maria, onde está?» Respondeu o *sidi:* «*Azafel al nabi*», isto é, «aos pés de Mafoma». Disse o nosso Capitão: «*Besbes hiesi*», isto é: «Basta, basta, não quero saber mais». Depois veio cá

fora e disse-nos: «Olhem onde eu ia atirar três mil *serafos*!» E às três horas da noite vieram ter com a caravana dez ou doze daqueles velhos da seita, porque a caravana estava alojada a dois tiros de pedra da porta da cidade, e estes velhos começaram a gritar, um daqui, o outro de lá: «*Leila illala Mahometh resullala, Iam nabi hia rasullala stafforla*», isto é: «Deus, perdoa-me». *Leila illala* quer dizer: «Deus foi, Deus será»; e *Mahometh resullala* quer dizer: «Mafoma, mensageiro de Deus, ressuscitará». *Iam nabi* significa: «O Profeta, o Deus»; *hia resullala* quer dizer: «Mafoma ressuscitará»; *stafforla* significa: «Deus, perdoa-me». O nosso Capitão e nós, ouvindo essas vozes, aproximámo-nos correndo, com as armas na mão, julgando que fossem Árabes que quisessem roubar a caravana, e perguntámos àqueles: «Que aconteceu para gritarem dessa maneira?» Porque faziam um barulho como entre nós, Cristãos, quando um Santo faz algum milagre. Os velhos responderam: «*Inte ma absor mir ningimen elbeit el naby uramen el sama*», isto é: «Não vedes o esplendor que nasce fora da sepultura do Profeta? «Respondeu o nosso Capitão: «Eu não vejo nada», e perguntou a todos nós se tínhamos visto alguma coisa. Responderam-lhe que não. Disse um daqueles velhos: «Sois escravos, isto é, Mamelucos?» Respondeu o Capitão: «Sim, somos escravos». Retrucou o velho: «ó Senhores, vós não podeis ver estas coisas celestiais porque não estais ainda bem firmes na nossa fé». Respondeu o nosso Capitão: «*Iami ianon ancati telethe elfi serafi; Uualla anemaiati Chelp mencl chelp*» o que quer dizer: «ó doidos, eu queria-vos dar, por Deus, três mil ducados, mas não vos dou nada, cães e filhos de cães». Saibam que estes esplendores eram certos fogos artificiais que tinham acendido maliciosamente no cimo da torre, para nos darem a entender que eram esplendores saídos da sepultura

de Mafoma. Pelo que o nosso Capitão mandou que nenhum de nós entrasse na dita Mesquita por qualquer razão que fosse. E saibam que aqui (digo-o como coisa certa) não há nem arcas de ferro ou de aço, nem íman, nem montanha alguma por quatro milhas em redor. Ficámos ali três dias para fazer descansar os camelos. O povo da cidade é abastecido com as vitualhas que vêm da Arábia feliz, do Cairo e da Etiópia por mar, sendo, de lá até o Mar Vermelho, quatro jornadas.

CAPíTULO DA VIAGEM PARA IR DE MEDINA A MECA

Já fartos das coisas e da vaidade de Mafoma dispusemo-nos a seguir o nosso caminho, e guiados pelos nossos pilotos, grandes conhecedores das suas bússolas e das cartas necessárias para uso no mar, começámos a andar na direcção do meio-dia, e encontrámos uns poços magníficos com grande quantidade de água, que, segundo dizem os Mouros, fizera S. Marcos Evangelista por milagre de Deus, por causa da necessidade de água que há naquelas terras. Quando saímos, o poço ficou sequinho. Não quero esquecer-me de falar do mar de areia que deixámos antes de encontrar a montanha dos Judeus, e pelo qual andámos cinco dias e cinco noites. Agora direi como ele é: trata-se de uma imensa planície cheia de areia branca, miúda como farinha, onde, se por desgraça o vento tivesse vindo do Sul como veio do Norte, teríamos morrido todos. Apesar de termos o vento favorável, não nos víamos uns aos outros a dez passos de distância. Os homens viajam montados nos camelos em certas caixas de madeira, e ali dormem e comem; os pilotos vão na frente com a bússola, como se vai pelo mar. Morreu muita gente de sede, e muitos morreram também porque, quando cavámos a água, beberam tanta que estoiraram; e ali se faz o bálsamo [11]. Quando o vento vem do Norte, a areia acumula-se em volta de uma grandíssima montanha que fica do lado do monte Sinai. Quando chegámos ao cume da dita montanha, encontrámos uma porta feita à força de mãos. À esquerda, há uma caverna com uma porta de ferro. Dizem alguns que Mafoma ficou ali em adoração, e desta porta ouve-se um grandíssimo ruído [12]. Nós atravessámos a montanha com imenso perigo, tal que pensávamos não sairmos nunca desse lugar. Depois de termos partido do poço de que falámos andámos dez jornadas, e combatemos duas vezes com cinquenta mil Árabes, até chegar a Meca. E ali havia uma grande guerra por causa de quatro irmãos que se combatiam entre si por cada um deles pretender ser senhor de Meca.

CAPíTULO DE COMO ESTÁ FEITA MECA E PORQUE VÃO OS MOUROS À DITA CIDADE

Diremos finalmente da mui nobre cidade de Meca, o que ela é, onde fica, e quem a governa. A cidade é lindíssima e muito bem habitada, com cerca de seis mil fogos. As casas são muito boas, como as nossas, e há de três ou quatro mil ducados cada uma. A cidade não tem muros em volta. Um quarto de milha depois da cidade encontrámos uma montanha, na qual havia uma estrada cortada à força [13], e depois descemos à planície [14]. Os muros da cidade

---

(11) «Momia», no texto.

(12) Schefer julga ser este lugar *Bedr*, onde no ano segundo da Hégira se travou uma célebre batalha.

(13) Saniyah Kuda.

(14) Shek Mahmud.

são as montanhas, e há quatro estradas. O Governador é o Sultão, isto é, um dos quatro irmãos, e é da estirpe de Mafoma, estando submetido ao Sultão do Cairo; os seus três irmãos combatem continuamente com ele. No dia dezoito de Maio entrámos na dita cidade de Meca pela parte Norte, e depois descemos para a planície. Na direcção Sul há duas montanhas que quase se tocam, donde se vai para o porto; da parte onde se levanta o Sol há outra abertura de montanhas formando um vale, pelo qual se vai ao monte onde fazem o sacrifício de Abraão e Isaque (15). Este monte tem a altura de dois ou três tiros de pedra e é feito duma certa pedra como o mármore, mas de outra cor; no cume há uma Mesquita como eles usam, com três portas. Ao pé do dito monte há dois magníficos depósitos de água: um para as caravanas do Cairo, outro para as de Damasco. A dita água provém das chuvas e vem de muito longe. Agora voltemos à cidade; falaremos depois do sacrifício que fazem ao pé do dito monte. Quando nós entrámos na cidade, encontrámos a caravana do Cairo que chegara oito dias antes de nós, porque não seguiu o caminho seguido por nós. E na dita caravana havia sessenta e quatro mil camelos e cem Mamelucos. Creio que a dita cidade recebeu a maldição de Deus, porquanto a terra não produz nem ervas, nem árvores, nem coisa nenhuma, e têm muita carestia de água, de maneira que, se uma pessoa quisesse beber à vontade, não seriam suficientes quatro quatrins de água por dia. Eu direi de que modo vivem: uma grande parte das coisas que necessitam vem do Cairo, isto é, do Mar Vermelho, havendo a quarenta milhas da cidade um porto chamado Gidá (16);

(15) O monte Arafat.
(16) El Zida, no texto.

muitas vitualhas chegam ainda da Arábia feliz, e muitas também da Etiópia. Nós encontrámos grandíssimo número de peregrinos, dos quais uns vêm da Etiópia, outros da Índia maior, outros da menor, da Pérsia e da Síria. Na verdade, nunca vi tanto povo junto como nos vinte dias que fiquei ali. Dessa gente, uma parte tinha vindo para mercadejar, a outra em peregrinação para o seu perdão, por causa do qual perdão agora ouvirão o que fazem.

CAPÍTULO DAS MERCADORIAS EM MECA

Falarei, primeiro, das mercadorias que vêm das outras partes. Da Índia maior, vêm muitas jóias e grande quantidade de especiarias; parte destas vem da Etiópia e também da Índia menor; de uma cidade chamada Bengala (17) chega uma enorme quantidade de fazenda de algodão e de seda. Desta forma, na cidade faz-se um grande tráfico de mercadoria, e especialmente de jóias e especiarias de toda a classe em grande quantidade, muitíssimo algodão e cera e essências odoríferas na maior abundância.

CAPÍTULO DO PERDÃO EM MECA

Agora voltemos ao perdão dos ditos peregrinos. No meio da cidade está um templo magnífico (18), como o Coliseu de Roma, não sendo porém, feito com pedras grandes mas com pedras cozidas; é redondo também, tem noventa ou cem portas, sendo em abóbada. À entrada do templo descem-se dez ou doze degraus de mármore, e duma parte e da outra da dita entrada estão homens que vendem

(17) *Banghella* no texto.
(18) A grande Mesquita.

jóias e mais nada. Quando um homem desce os ditos degraus encontra-se num templo todo coberto em volta, com as paredes trabalhadas em ouro, e debaixo das abóbadas cerca de quatro ou cinco mil pessoas, uma parte homens, outra mulheres, a vender coisas odoríferas, sendo a maior parte dessa mercadoria pós para conservar os corpos humanos, indo dali para todas as terras dos pagãos. Na verdade, seria impossível dizer a suavidade dos perfumes que se aspiram neste templo; parece quase estar-se numa perfumaria cheia de musgos e de outros cheiros delicadíssimos. Em vinte e três de Março começou o perdão do dito templo, e o perdão é este: na parte central do templo, que é descoberta, há uma torre de cinco ou seis passos de lado, tendo em volta um pano de seda preta; há uma porta de prata, da altura de um homem, por meio da qual se entra na dita torre. E a cada lado da porta há uma botija que dizem cheia de bálsamo do tesouro do Sultão, que se mostra no dia da Pentecostes. Cada pilar da dita torre tem uma grossa argola de cada lado. No dia vinte e quatro de Março, antes que raiasse o dia, todo o povo começou a andar sete vezes à volta da torre, sempre tocando e beijando os pilares. A cerca de dez ou doze passos há outra torre que se parece com uma das nossas capelas, com três ou quatro portas. No meio desta segunda torre há um lindíssimo poço [10] que tem setenta braças de profundidade, com água salgada; seis ou sete homens estão ali, incumbidos de tirar água para o povo. E quando o povo acaba de andar as sete vezes em volta da primeira torre, vai a este poço e todos se encostam à beira do poço dizendo: «*Biz milei erachman erachin stoforla aladin*», isto é: «Em nome de Deus, Deus me perdoe

[10] O poço de Agar.

os meus pecados». E os que tiram a água entornam três baldes de água por cima de cada pessoa, molhando-os da cabeça aos pés, e todos se molham, embora o vestido seja de seda, e dizem que todos os seus pecados ficam ali, por causa daquela lavagem; com respeito à primeira torre, dizem que é a primeira casa que Abraão edificara. Assim molhados, vão todos para o monte de que já falei, e ali ficam dois dias e uma noite. Quando estão todos ao pé desse monte, fazem o sacrifício.

CAPÍTULO DA MANEIRA PELA QUAL FAZEM OS SACRIFÍCIOS EM MECA

Porque a novidade das coisas costuma deleitar os espíritos generosos e incitar às grandes empresas, a fim de satisfazer a muitos que são sequiosos de ouvir coisas novas, direi brevemente como se cumpre o dito sacrifício. Cada homem e mulher mata pelo menos dois carneiros, e há quem mate três, quatro, e até seis, de forma que no primeiro dia foram mortos mais de trinta mil carneiros, degolados na direcção do oriente, e cada um dava carne aos pobres pelo amor de Deus. Estes, que eram talvez trinta mil, faziam na terra uma enorme fossa, punham dentro esterco de camelo e assim faziam um pouco de lume para assar aquela carne e comê-la. Na verdade, acho que aqueles pobres homens vinham mais por causa da fome que do perdão; e que isso é verdade, prova-o o facto de nós termos grande quantidade de melancias que vinham da Arábia feliz, e eles até comerem as cascas que nós atirávamos para fora do nosso pavilhão. Apinhavam-se quarenta e cinquenta diante da porta do pavilhão, e travavam-se grandes questões por causa das ditas cascas, que recolhiam

cheias de areia. Por isso disse eu que nos parecia que viessem mais para comer que para lavar-se dos seus pecados. No segundo dia, o Cadí da sua fé, que é como um dos nossos pregadores, subiu a cima do dito monte ([20]) e fez um sermão a todo o povo, falando quase uma hora. E dizia na sua língua um certo lamento, e pedia que o povo chorasse os seus pecados. E ele dizia em voz alta: «ó Abraão, bem querido e amado por Deus!» e juntava: «ó Isaque, eleito por Deus, amigo de Deus, reza a Deus pelo povo do Naby». E seguiam-se grandíssimos prantos. Acabado que foi o sermão, todas as caravanas correram com enorme fúria a refugiar-se em Meca, estando aproximadamente a seis milhas de lá mais de vinte mil Árabes que queriam roubar as caravanas, e nós também chegámos a Meca. Mas, quando estávamos a meio caminho, isto é, entre Meca e o monte onde fazem o sacrifício, encontrámos um certo muro pequenino, com umas quatro braças de altura, e ao pé do dito muro uma grande quantidade de pedras que o povo atira quando passa por lá, pela razão que agora saberão: dizem que, quando Deus mandou Abraão fazer o sacrifício de seu filho, este foi primeiro e disse ao filho que fosse depois, porque era preciso executar os mandamentos de Deus. Respondeu o filho: — De bom grado obedecerei aos mandamentos de Deus. E quando Isaque chegou ao dito pequeno muro, dizem que lhe apareceu o diabo sob o aspecto dum seu amigo e lhe disse: — Para onde vais, amigo Isaque? Respondeu ele: — Vou ter com o meu pai que espera por mim em tal parte. O diabo retrucou: — Não vás, meu filho, porque o teu pai quer sacrificar-te a Deus e quer fazer-te morrer. Isaque respondeu: — Deixa estar; se assim é a

([20]) O monte Arafat.

vontade de Deus, assim se faça. Então o diabo desapareceu, mas pouco mais adiante apareceu sob a forma de outro amigo predilecto, e repetiu-lhe as mesmas palavras. Dizem que Isaque lhe respondeu com ira: — Deixa-o fazer! Pegou depois numa pedra e atirou-a à cara do diabo. Por causa disso, quando o povo chega ao dito lugar, cada um atira uma pedra contra o muro, e depois vão à cidade. Nas ruas dela nós encontrámos mais de quinze ou vinte mil pombos que dizem ser da raça daquela pomba que falava a Mafoma em forma de Espírito Santo. Esses pombos voam por toda a terra a seu prazer, visitando especialmente as lojas onde se vende trigo, milho, arroz e outros legumes, e os patrões da dita mercadoria não têm liberdade de matá-los nem de os agarrar; se alguém batesse naqueles pombos, logo teriam medo que a terra se desmoronasse. E saibam que lhes dão uma grande despesa no meio do templo.

CAPÍTULO DOS UNICÓRNIOS NO TEMPLO DE MECA, NÃO MUITO COMUNS EM OUTROS LUGARES

Num lado do templo de que se falou há uma construção na qual estão dois unicórnios ([21]) vivos, que eles mostram como coisa extraordinária, como de facto são. Agora direi

([21]) Esta história dos dois unicórnios foi, naturalmente, muito debatida entre os comentadores do «*Itinerário*». O que seriam: rinocerontes (rinocerontes são os unicórnios de que fala Marco Polo), antílopes de um só chifre, ou o que seria? Schefer diz (Nota, págs. 53-54) ter «entendu les Danqalis parler d'un animal à une corne vivant dans les forêts les plus épaisses des montagnes de l'Abyssinie. Ils lui donnaient le nom d'*abou-qarn* et ne le confondaient pas avec le rhinocéros qu'ils appellaient *baghal wahchy*». Eruditas são as notas de Amat e de Giudici; mas a questão fica ainda por resolver e nem temos elementos para uma solução certa.

como são: o maior parece um poldro de trinta meses, e tem na testa um corno de mais ou menos três braças de comprimento. O outro unicórnio é como um poldro de um ano: e tem um corno de quatro palmos mais ou menos. A cor do dito animal é parecida com a dum cavalo baio escuro, e tem a cabeça como um veado e o pescoço muito comprido, com algumas crinas raras e curtas que pendem de um lado, e tem as pernas finas e magras como as dos cervos; o pé é um pouco fendido na parte dianteira, e a unha é como a da cabra; as pernas têm pêlos por detrás. Parece na verdade um animal ferocíssimo e selvagem. Ambos foram mandados de presente ao Sultão de Meca como a mais linda coisa que hoje se encontra no mundo e o mais rico tesouro. Mandara-os um Rei da Etiópia, isto é, um rei Mouro, que fez esta oferta para estreitar relações com o Sultão de Meca.

CAPÍTULO DE ALGUMAS OCORRÊNCIAS ENTRE MECA E GIDÁ, PORTO DE MECA

Ocorre-me agora demonstrar como o engenho humano se manifesta nos casos da vida, quando é forçado pela necessidade, como foi na ocasião da minha fuga de Meca. Estando eu a comprar algumas coisas para o meu Capitão, fui reconhecido por um Mouro, o qual me fitou e disse: «*In te menaine*», isto é: «De onde és tu?» Eu respondi: «Sou Mouro». Disse ele: «*Inte chedeub*», isto é, que eu não dizia a verdade. Eu retruquei: «*Orazal nabi anezmuz lemma*», isto é: «Pela cabeça de Mafoma, eu sou Mouro». Ele disse: «*Thate beithane*», isto é: «Vem para a minha casa». E eu fui com ele. Quando estávamos em sua casa, falou-me em língua italiana, e disse donde eu era, e que me conhecia, e que eu não era Mouro, e que ele tinha estado

em Génova, e dava-me os sinais. Disse-lhe então que era Romano e que me fizera Mameluco no Cairo. Ele ficou muito contente com isso, e fez-me grandíssima honra. Sendo minha intenção seguir adiante, comecei a perguntar-lhe se esta era a cidade de Meca, tão nomeada pelo mundo fora, e perguntei-lhe onde estavam as joias, as especiarias e todas as mercadorias que se diz chegarem aqui, só com o objectivo de ele me dizer a razão pela qual já não chegavam em tanta quantidade como antes, e para não lhe perguntar directamente se essa razão não seria por acaso o Rei de Portugal que é dono do Mar Oceano e dos Golfos Pérsico e Arábico. Ele começou logo por me explicar a razão por que já não chegavam as ditas mercadorias, e quando nomeou o Rei de Portugal eu mostrei ter grandíssima mágoa com isso, e então eu disse muito mal do dito Rei, só para que ele não pensasse que eu estava contente que os Cristãos fizessem tal coisa. Vendo que eu me mostrava inimigo dos Cristãos, ele ainda mais me honrou e disse-me tudo, ponto por ponto. Estando, assim, muito bem informado, eu disse-lhe: «ó meu amigo, peço-te, *menaha menalhabi*, que me indiques a maneira ou o caminho para que possa fugir desta caravana, porque a minha intenção era a de ir ter com aqueles reis que são inimigos dos Cristãos; e asseguro-te que, se eles soubessem o meu engenho, mandar-me-iam buscar a Meca». Ele respondeu-me: «Pela fé do nosso Profeta, o que é que sabeis fazer?» Eu respondi que era o melhor mestre para fazer bombardas grossas que havia no mundo. Ouvindo isto, disse: «Mafoma sempre seja louvado, que nos mandou um tal homem para o serviço dos Mouros e de Deus!» De maneira que me escondeu na sua casa com a sua mulher, e pediu-me que eu conseguisse do meu Capitão levar para fora de Meca

quinze camelos carregados de especiarias, e isso para não pagar ao Sultão trinta *serafos* de gabela. Eu respondi que, se ele me salvava na sua casa, eu lhe faria levar cem camelos, se tantos possuisse, porque os Mamelucos podem fazer o que querem. E quando ouviu isso ficou muito contente; depois ensinou-me a maneira como me devia comportar e dirigiu-me a um Rei que está nas partes da Índia maior, e que se chama o Rei do Decão; quando for tempo falaremos do dito rei. Na véspera de sair a caravana, fez-me esconder em sua casa num lugar secreto. E um dia depois, duas horas antes de raiar o dia, ouviam-se pela cidade muitos instrumentos tocar segundo o costume deles, e trombetas apregoavam que todos os Mamelucos, sob pena de morte, deviam retomar a sua viagem para a Síria; pelo que grande perturbação apertou o meu coração ouvindo tal ordem, e não fazia senão recomendar-me, chorando, à mulher do mercador, e pedir a Deus que me salvasse de tanta fúria. Terça-feira, pela manhã, a caravana partiu; o mercador deixou-me em casa com a mulher e ele seguiu com a caravana, dizendo à mulher que na sexta-feira seguinte me mandasse acompanhar à caravana da Índia que ia a Gidá, isto é, ao porto de Meca, que fica a quarenta milhas. Seria impossível dizer a companhia que me fez a dita mulher, e especialmente a duma sua sobrinha de quinze anos, prometendo-me ambas fazer-me rico, se eu ficasse; mas eu, por causa do perigo presente, recusei todas as suas promessas. Sexta-feira, pelo meio-dia, saí com a caravana, não com pequeno desgosto e lamentação das mulheres, e à meia-noite chegámos a uma certa vila de Árabes, onde ficámos até ao meio-dia seguinte. No sábado partimos de lá, e andámos até à meia-noite, entrando, assim, na cidade de Gidá, o porto de que se falou.

CAPÍTULO DE GIDÁ PORTO DE MECA E DO MAR VERMELHO

Não tendo esta cidade muros em volta, mas lindíssimas casas segundo o uso da Itália, faremos muito brevemente a sua descrição. É ela uma cidade de grandíssimo tráfico, porque vem aqui grande número de gente pagã, e não podem lá ir nem Cristãos nem Judeus. Quando cheguei à cidade, fui logo à Mesquita, isto é, ao templo, onde havia mais de vinte e cinco mil pobres que queriam voltar à sua terra; escondi-me num canto do dito templo e ali fiquei catorze dias. Durante o dia ficava prostrado no chão, coberto com os meus vestidos, e contìnuamente queixava-me, como se tivesse grandíssimas dores no estômago ou pelo corpo. Os mercadores diziam: «Quem é aquele que assim se queixa?» Respondiam os pobres que estavam ao meu lado: «É um pobre Mouro que está a morrer». Logo à noite saía e ia comprar de comer. Podem calcular se eu tinha apetite, porquanto não comia senão uma vez por dia e bem mal. Esta cidade é governada por conta do Senhor do Cairo, sendo senhor dela um que é irmão de *Barachet*, isto é, Sultão de Meca, todos submetidos ao Sultão do Cairo. Sendo aqui todos Mouros, não temos muito a dizer. A terra não produz coisa alguma, e tem muita falta de água doce; o mar bate contra os muros das casas. Encontram-se aqui todas as coisas necessárias; mas vêm do Cairo, da Arábia feliz e de outros lugares. Nesta cidade há sempre muita gente doente, e dizem que isso acontece por causa do seu mau ar. Tem quinhentos fogos. Depois de catorze dias, fui contratado pelo patrão dum barco que ia à Pérsia, encontrando-se no porto mais de quinhentos navios entre grandes e pequenos. Dali a três dias

levantámos velas e começámos a navegar pelo Mar Vermelho.

CAPíTULO SOBRE PORQUE NÃO É NAVEGÁVEL O MAR VERMELHO

Deve-se notar, pois é mesmo assim, que o dito mar não é vermelho, mas tem a água como os outros mares; nele navegámos durante um dia, até ao pôr do Sol, porque no dito mar não se pode navegar de noite. Isso acontece até chegar a uma ilha chamada Camarão; da dita ilha em diante vai-se sem perigo. A razão de não se poder navegar de noite é que há muitas ilhas e escolhos, e é preciso que um homem esteja sempre no cimo do mastro do navio para ver o caminho; não se podendo fazer isso de noite, compreende-se por que não se pode navegar senão de dia.

Livro Segundo da Arábia feliz

CAPíTULO DA CIDADE DE GEZAN E DA SUA FERTILIDADE

Depois de ter falado dos lugares, cidades e costumes da Arábia deserta pelo que nos foi concedido ver, parece-me ser conveniente que em breve e mais felizmente entremos na Arábia feliz. No fim de seis dias chegámos a uma cidade que se chama Gezan, e tem um lindíssimo porto; ali encontrámos quarenta e cinco navios de vários países. Esta cidade fica à beira-mar e está submetida a um Senhor Mouro, sendo uma terra muito frutífera e boa, como as dos Cristãos. Aqui há lindíssimas uvas, pêssegos, marmelos, romãs, alhos enormes, cebolas de mediana grandeza, nozes muitíssimo boas, melões, rosas, flores, figos, damascos, abóboras, cidras, limões e laranjas, de tal modo que é um paraíso. Os habitantes desta cidade andam na maior parte nús e vivem também à mourisca. Aqui há abundância de carne, trigo, cevada e milho branco, que chamam *dora*, fazendo-se com ele bom pão. Ficámos lá três dias, com o fim de nos abastecermos.

CAPÍTULO DUMAS GENTES CHAMADAS BEDUINS

Depois de deixarmos a dita cidade de Gezan andámos cinco dias, sempre à vista de terra, que ficava à nossa mão esquerda. Vendo algumas habitações à beira-mar, catorze de nós desembarcámos para comprar com o nosso dinheiro alguma coisa para comer. A resposta que nos deram foi começarem a atirar pedras com as suas fundas. Estes pertencem a uma raça que se chama Beduins, e eram mais de cem, enquanto nós éramos apenas catorze. Combatemos quase uma hora, de forma que deles ficaram vinte e quatro mortos, e os outros fugiram todos, porque estavam nus e não tinham outras armas a não ser as ditas fundas. Nós tomámos tudo o que pudemos, isto é, galinhas, bons bezerros e outras coisas para comer. Dali a duas ou três horas a turba começou a multiplicar-se, juntando-se a ela os habitantes da terra, tanto que subiram a mais de seiscentos, e fomos obrigados a voltar ao nosso navio.

CAPÍTULO DA ILHA CHAMADA CAMARÃO DO MAR VERMELHO

No mesmo dia seguimos para uma ilha chamada Camarão, que tem dez ou doze milhas de circuito e tem uma povoação aproximadamente de duzentos fogos, habitada por Mouros. Na dita ilha encontra-se água doce e carne, e faz-se o sal mais lindo que eu tenho visto; tem um porto na direcção da terra firme, cerca de oito milhas distante desta. A ilha está submetida ao Sultão dos Iemenitas [22], isto é, ao Sultão da Arábia feliz, e ali ficámos

---

[22] «Amanni» no texto.

THEATRUM de Ortelius

ARABIA FELIX

(Págs.113 - 65).

Ormuz
Mecca
Gidá
Sana
Rada
Reame
Taesa
Almacharaina
Zibith
Dante
Acaz
I. Camoran
Lagh
Dancale
Adem
I. Barbora
Zeila
Barbora

dois dias. Depois tomámos o nosso caminho para a boca do Mar Vermelho, duas jornadas distante, e onde se pode navegar seguramente de noite e de dia, ao passo que, da ilha até Gidá não se pode navegar de noite. Quando chegámos à dita boca, parecia verdadeiramente que estávamos numa coisa fechada, porque aquela boca tem aproximadamente duas ou três milhas de largura. Para a direita há uma terra alta, de mais ou menos dez passos, e é desabitada, pelo que se pode julgar de longe; à esquerda vê-se uma montanha altíssima ([23]), de pedra, e no meio da dita boca uma certa ilhota deserta que se chama Bebmendo ([24]). Quem quer ir a Zélia toma para a direita, enquanto, quem quer ir a Adem, toma para a esquerda. Nós assim o fizemos, indo dirigidos a Adem, e navegámos sempre à vista da terra. Da dita Bebmendo chegámos à cidade de Adem em pouco menos de dois dias e meio.

CAPÍTULO DA CIDADE DE ADEM E DE ALGUNS COSTUMES COM RESPEITO AOS MERCADORES

Adem é a cidade mais forte que eu tenho visto em terra plana; tem muros de dois lados, e dos outros montanhas altíssimas, no cimo das quais há cinco castelos. A terra é plana, e tem aproximadamente cinco ou seis mil fogos. O mercado faz-se às duas horas da noite, por causa do extremo calor que durante o dia se sente na cidade. A um tiro de pedra desta está uma montanha, e em cima dela um castelo; os navios fundeam ao pé da mesma. A cidade é lindíssima, sendo a principal da Arábia feliz. Aqui

---

([23]) Gebel Haikah.
([24]) De *Bab el-mandeb*. A ilha é a de Perim.

fazem escala todos os navios que vêm da Índia maior e da menor, da Etiópia e da Pérsia. Todos os navios que querem ir a Meca vêm parar aqui, e assim que chega um navio ao porto apresentam-se os oficiais do Sultão da dita cidade para saber donde vem, o que traz, há quanto tempo saiu das suas terras, e quantas pessoas vão em cada navio; depois de terem sabido tudo, tiram aos navios os mastros, as velas, os lemes e as âncoras, levando estas coisas todas para a cidade, e fazem isso para que as ditas pessoas não saiam de lá sem pagar a gabela ao Sultão. No segundo dia que cheguei à dita cidade fui preso e posto a ferros; isto por causa de um companheiro que me disse: «cão Cristão e filho de cão». Alguns Mouros ouviram aquelas palavras, e por causa disto fui empurrado com grande fúria para o palácio do Vice Sultão, não estando o Sultão na cidade, onde discutiram em conselho se me deviam fazer morrer imediatamente. Diziam que eu era espião dos Cristãos. E, como o Sultão daquela terra nunca mandara matar ninguém, eles tiveram respeito, mas tiveram-me bem sessenta e cinco dias com dezoito libras de ferro aos pés. Três dias depois de termos sido presos, correram para o palácio quarenta ou sessenta Mouros, que faziam parte da tripulação de dois ou três navios capturados pelos Portugueses; estes Mouros, que se tinham salvo a nado, diziam que nós éramos dum dos navios de Portugal e que viéramos ali como espiões. Por esta razão correram para o palácio com as armas na mão para nos matarem; mas Deus fez-nos a graça de o homem que estava de guarda fechar a porta do lado de dentro. Seguiu-se uma grande barafunda, e havia quem queria que morrêssemos e quem não queria; finalmente o Vice-Sultão conseguiu que fôssemos deixados vivos. Depois de sessenta e cinco dias, o Sultão mandou-nos procurar; e fomos levados num camelo, com os ferros aos pés, sete jornadas de caminho; finalmente fomos apresentados ao Sultão numa cidade chamada Rada. Quando chegámos à cidade, o Sultão passava revista a oitenta mil homens, tendo intenção de ir combater contra outro Sultão de uma cidade chamada Sana, que fica afastada de Rada três jornadas, e esta cidade, situada parte na costa, parte num plano, é lindíssima, antiga, populosa e rica. Logo que fui apresentado ao Sultão, perguntou-me de que parte eu era; respondi: «*Anabletro Jasidi, anaigi assalem menel Cairo anegi Medinath al naby ue Mecha ue badanigi bledech cul ragel calen Inte sidi seick hiasidi ane abdech. In te maafr sidi ane musolimin*». Isto é, o Sultão disse: «Donde és tu e que fazes?» Eu respondi que era Romano, que tinha sido feito Mameluco no Cairo, e que estivera em Medina en-Nabi onde está sepultado Mafoma e em Meca; finalmente tinha ido ver a Sua Senhoria, porque por toda a Síria, em Meca e em Medina, se dizia que ele era um santo; e se ele era santo (como eu julgava) devia saber muito bem que eu não era um espião dos Cristãos, e que era bem Mouro, e seu escravo. Disse o Sultão: «*Leila illala Mahometh resullala*». E eu não pude dizer palavra, fosse por vontade de Deus, fosse por causa do medo que tinha. O Sultão, visto que eu não podia pronunciar aquelas palavras, mandou que me metessem no cárcere com uma grande guarda de homens tirada de dezoito castelos na razão de quatro por castelo: estavam quatro dias, e depois eram substituidos por outros quatro, de quatro outros castelos. E assim, guardaram-me três meses com um pão de milho pela manhã e um pela tarde, tão pequeninos que seis daqueles pães não teriam sido suficientes para um dia, e algumas vezes, se tivesse bebido água bastante, teria ficado contente. Dali a dois

dias, o Sultão partiu contra a dita cidade de Sana, à cabeça do seu exército, entre o qual havia quatro mil cavaleiros filhos de Cristãos, negros como Mouros, dos do Prestes João, que ele comprara pequeninos, de oito ou nove anos, e fizera exercitar no manejo das armas. Estes constituíam a sua guarda, e valiam mais do que todo o resto dos oitenta mil. Os outros iam nus, com meio lençol em vez de capa sobre os ombros. Quando entram no combate usam umas rodelas feitas com duas peles de vaca ou de boi coladas umas às outras, e no meio das ditas rodelas há quatro varinhas para que fiquem direitas. Essas rodelas estão pintadas de tal maneira que, quem as vê, julga serem as mais lindas e melhores que se podem fazer; o seu tamanho é como um fundo de barril grande, e o cabo é uma tabuínha segura por dois pregos que se pode pegar com a mão. Têm ainda um dardo e uma espada curta e larga, e usam uma veste de tela encarnada ou de outra cor, cheia de algodão, para se defenderem do frio e dos inimigos. Usam isto quando vão combater. Têm ainda, quase todos, uma funda para atirar pedras enroladas em volta da cabeça, e debaixo da dita funda um pauzinho dum palmo de comprimento, chamado *mesuek*, com o qual limpam os dentes. Geralmente, dos quarenta ou cinquenta anos para baixo, usam dois cornos feitos com os seus próprios cabelos, parecendo cabritos. O dito Sultão levou ainda, no seu exército, cinco mil camelos carregados com pavilhões de algodão e também cordas de algodão.

CAPÍTULO DO DESEJO QUE AS MULHERES DA ARÁBIA FELIZ TÊM DOS HOMENS BRANCOS

Enquanto o exército saía, fomos levados para a prisão. No mesmo palácio estava uma das três mulheres do Sultão, com doze ou treze donzelas lindíssimas e mais pretas do que de outra cor. Esta rainha prestou-me um óptimo serviço. Estando eu, o meu companheiro e um Mouro na prisão, deliberámos que um de nós fingisse estar doido, para melhor nos podermos ajudar uns aos outros. Tendo a sorte decidido que fosse eu a fingir-me doido, era preciso que fizesse coisas próprias de quem perdeu o juízo, e na verdade, nunca me cansei e fatiguei tanto como durante os primeiros três dias em que me fingia doido, e a causa disso era que tinha contìnuamente atrás cinquenta ou sessenta garotos que me atiravam pedras, e eu a eles. Diziam eles: «*Iami ianum*», isto é, «O doido, o doido»! E eu tinha contìnuamente a camisa cheia de pedras e fazia como fazem os doidos. A Rainha, com as suas donzelas, estavam à janela de manhã até à noite para me verem e falarem comigo. Eu, escarnecido pelos homens, tirava a camisa, e assim despido apresentava-me à Rainha, que gostava tanto de me ver que não queria que me fosse embora, dando-me bons e delicados alimentos para comer. Eu comia, e ela dizia-me: «Dá naquelas bestas, e se os matares pior para eles». Andava pela corte do Rei um carneiro cuja cauda pesava quarenta libras; eu peguei nele e perguntei-lhe se era Mouro ou Cristão ou Judeu, e repetindo estas palavras e outras dizia-lhe depois: «Faz-te Mouro, e diz: *leila illala, Mahometh resullata*». E como ele ficava, como paciente animal que era, e não sabia falar, peguei num pau e parti-lhe as quatro pernas. A Rainha pôs-se a rir e depois deu-me durante três

dias daquela carne para comer, a melhor carne que eu tenho comido. Passados três dias, matei um burro que trazia água para o palácio, da mesma maneira que matei o carneiro, porque não se queria fazer Mouro. E estava fazendo a mesma coisa com um Judeu, moendo-o de tal maneira que o deixei quase morto. Um dia, porém, querendo fazer como costumava, encontrei entre os que me guardavam um que era muito mais doido do que eu, e me dizia: «Cão Cristão, filho de cão». Eu atirei-lhe muitas pedras, e ele veio contra mim com todos os garotos, alcançando-me com uma pedra no peito que me fez um péssimo serviço. Não o podendo seguir por causa dos ferros que tinha nos pés, corri para a prisão; mas antes que lá chegasse ele deu-me outra pedrada nos rins que doeu muito mais do que a primeira. Se tivesse querido, podia muito bem tê-las evitado; mas para dar cor à minha loucura, quis recebê-las. Entrei assim na prisão, e murando-me por dentro com enormes pedras, estive assim dois dias e duas noites sem comer nem beber, de modo que a Rainha e os outros, receando que eu ali morresse, fizeram abater a porta e aqueles cães trouxeram-me alguns troços de mármore dizendo: «Come, que isto é açúcar». Outros davam-me uns bagos de uvas cheios de areia, dizendo que era sal, e eu comia mármore, uvas e areia juntos. Naquele mesmo dia alguns mercadores da cidade mandaram vir dois homens que entre eles eram considerados como o seriam entre nós, dois ermitas, e habitavam numas montanhas. Mostraram-me a estes, e os mercadores começaram a perguntar se eu lhes parecia santo ou doido. Um deles dizia: «Parece-me que é santo»; e o outro dizia que lhe parecia que eu era doido. Estando nesta disputa mais duma hora, eu, para me ver livre deles, levantei a camisa e mijei para cima de ambos. Os homens desataram a fugir gritando: «*Migenon, migenos-*

suffi maffis», isto é: «É doido, é doido, não é santo». A Rainha estava à janela com as suas donzelas, e vendo todas o que fizera, começaram a rir, dizendo: «*O achala oraza al naby, ade ragel mafe do nia methalon*», isto é: «Pelo amor de Deus, pela cabeça de Mafoma, este é o melhor homem do mundo!» Na manhã seguinte, o que me tinha atirado as duas pedradas estava a dormir. Eu agarrei-o pelos chifres, pus-lhe os joelhos sobre a boca do estômago e dei-lhe tantos murros no focinho que todo ele chovia sangue, deixando-o ali como morto. A Rainha também estava à janela naquela ocasião, e dizia: «Mata-os, esses animais!» O Governador da cidade descobriu, por muitos sinais, que os meus companheiros queriam fugir pèrfidamente, tendo cavado um grande buraco na prisão e tirado as grilhetas, enquanto eu nada tinha feito. Sabendo que a Rainha gostava de mim, o Governador nada quis fazer sem falar antes com ela, e a Rainha, depois de saber tudo, pensou consigo que eu não devia ser doido, e mandou-me procurar, fazendo-me encerrar numa das lojas do palácio. Essa loja não tinha porta; todavia deixaram-me as grilhetas nos pés.

CAPÍTULO DA LIBERALIDADE DA RAINHA

Na noite seguinte, a Rainha veio-me visitar com cinco ou seis donzelas para me examinar, e eu procurei fazer-lhe compreender que não estava nada doido. Ela, que era prudente, conheceu que efectivamente eu não estava doido, e assim começou a fazer-me carícias e a mandar-me um bom leito dos que eles usam, juntamente com uma comida muitíssimo boa. No outro dia fez-me tomar um banho com muitos perfumes, como eles costumam, e continuou estas atenções por doze dias; começou, depois, a descer a visitar-

-me todas as noites, pelas vinte e duas ou vinte e três horas, e sempre trazia coisas muito boas para comer. Entrando onde eu estava, chamava-se: «*Iunus, tale, inte iohan*», isto é: «Ludovico, vem aqui, tens fome?» Eu respondia: «e *Uualla*», isto é: «Sim», pela fome que ainda poderia vir a ter; levantava-me em pé e em camisa aproximava-me. Dizia ela: «*Leis, leis camis foch*», isto é: «Assim não, tira a camisa». Eu respondia: «*Iaseti ane mao migenon delain*», isto é: «Ó Senhora, agora não estou doido». Ela retrucava: «*Uualla ancarf in te habedeinin te migenon inte mafdunia metalon*», isto é: «Por Deus, sei bem que tu não foste nunca doido; pelo contrário, és o homem mais ajuizado que eu tenho visto». E eu, para contentá-la, tirava a camisa e pondo-a diante por honestidade ficava horas e horas ao pé dela, que me contemplava como se eu fosse uma Ninfa; e fazia uma lamentação a Deus desta maneira: «*Ialla inte stacal ade abiat metelsamps. Inte stacal ane asuet. Ialla, Ianabay iosane assiet. Villet ane asuet ade ragel abiath, Insalla ade ragel Iosane. Insalla oe te biuth mit lade*», isto é: «Ó Deus, tu criaste este branco como o Sol, e o meu marido criaste negro, e o meu filho negro também, e a mim negra; oxalá que este homem fosse o meu marido! Oxalá que eu fizesse um filho como este é!» E dizendo estas palavras chorava contìnuamente, e suspirava acariciando de contínuo a minha pessoa e prometendo-me que, logo que chegasse o Sultão, me faria tirar as algemas. Na outra noite a Rainha veio com duas donzelas trazendo-me muito boa comida, e disse: «*Tale, Iunus*», isto é: «Vem aqui, Ludovico». «*Ane igi andech*», respondi eu. «*Leis setti ane mochaet isch fio*», isto é, disse a Rainha: «Queres, Ludovico, que eu volte para ficar contigo um bocado?» Eu respondi que não queria, e que já não era pouco eu estar algemado, sem que me mandas-

sem cortar a cabeça. Disse ela então: «*Let caffane darchi alarazane*», isto é: «Não tenhas medo, pois eu garanto-te sobre a minha cabeça». «*Incane inte mayrith ane Gazella in sich ulle Tegia in sich ulle Galzerana in sich*», isto é: «Se tu não queres que eu venha, virão Gazela, ou Tegia, ou Galzerana». Isto dizia; mas no lugar duma destas três queria ela vir ter comigo, e eu não quis nunca consentir, porque isso decidi desde princípio, quando ela me começara a fazer tantas carícias, e também porque considerava que, depois que ela conseguisse o que queria, me daria ouro, prata, cavalos, escravos e tudo o que eu quisesse; mas depois dar-me-ia também dez escravos negros que constituiriam a minha guarda e nunca me deixariam fugir do País, porquanto toda a Arábia feliz estaria avisada acerca de mim e dos lugares onde eu quisesse ir. E, se fugisse, não me faltaria a morte, ou os ferros para toda a minha vida. Por causa disso nunca quis consentir no que ela me pedia, e também porque não queria perder a minha alma juntamente com o corpo. Toda a noite chorava, recomendando-me a Deus. E quando, dali a três dias, chegou o Sultão, a Rainha mandou-me dizer que, se eu quisesse estar com ela, me faria rico. Eu respondi que me fizesse tirar as algemas e satisfazer à promessa que fizera a Deus e a Mafoma, e que depois satisfaria ao que Sua Senhoria quisesse mandar. Logo ela me fez conduzir diante do Sultão, e este perguntou onde queria eu ir depois de me tirarem os ferros. Respondi: «*Iasidi habu mafis, una mafis, meret mafis, uuellet mafis, ochu mafis, octa mafis alla al naby, Inte bes sidi inte iati iacul ane abdee*». Isto é: «Ó Senhor, eu não tenho pai, nem mãe, nem mulher, nem filhos, nem irmãos, nem irmãs; não tenho senão a Deus, ao Profeta e a ti, ó Senhor; apraz-te dar-me de comer, e eu quero ser teu escravo durante toda a minha

vida». E continuamente chorava. A Rainha, que estava sempre presente, disse ao Sultão: «Tu darás conta a Deus deste pobre homem que tiveste algemado por tanto tempo: tem cuidado com a ira de Deus». Disse o Sultão: «Vai onde tu quiseres, porque eu dou-te a liberdade», e fez-me logo tirar as algemas. Eu ajoelhei-me e beijei os pés dele; beijei depois a mão à Rainha, que me tomou pela mão, dizendo: «Vem, pobrezito, porque eu sei que tu estás a morrer de fome». E, como fôssemos para o seu quarto, beijou-me mais de cem vezes e depois deu-me muito boa comida; mas eu não tinha nenhuma vontade de comer, e a razão era que vira a Rainha falar em segredo ao Sultão, e eu pensava que me tivesse pedido como seu escravo. Por isso disse à Rainha: «Eu nunca mais comerei se tu não me prometes dar-me a liberdade. Ela respondeu: «*Scut mi Ianu, inte maarf esiati alla*», isto é: «Tu estás doido, não sabendo o que Deus te mandou». «*Incane inte milie inte amirra*», isto é: «Se tu fores bom, serás Senhor». Eu já sabia a Senhoria que me queria dar; mas respondi que me deixasse engordar um bocado e recobrar o sangue, porque, por causa do grande medo que apanhara, tinha no peito outros pensamentos que não os do amor. Ela respondeu: «*Vualla inte calem milie ane iaticullion beit ue digege ue aman ue filfil ue cherfa e gromfil iosindi*», isto é: «Por Deus, tu tens razão; mas eu dar-te-ei todos os dias ovos, galinhas, borrachos, pimenta, canela, cravos e nozes moscadas». Alegrei-me bastante, por causa daquelas boas palavras e promessas e, para me restaurar melhor, fiquei quinze ou vinte dias no seu palácio. Um dia chamou-me e pediu-me se queria ir à caça com ela. Eu respondi que queria, e fui. À volta, fingi estar doente por causa do cansaço, e fiquei nesta simulação oito dias, durante os quais ela continuamente me mandava visitar.

Um dia mandei-lhe dizer que tinha feito promessa a Mafoma de ir visitar um santo homem que estava em Adem e que se dizia que fazia milagres, o que eu afirmava ser verdade, para conseguir o que desejava; ela mandou-me dizer que estava muito contente com isso, e fez-me dar um camelo e vinte e cinco *serafos* de ouro, do que fiquei muito satisfeito. No dia seguinte montei no camelo e cheguei a Adem depois de oito dias de caminho, indo imediatamente visitar aquele santo que era adorado pelo facto de viver em pobreza e castidade, fazendo uma vida de ermita. Destes tais há muitos naquela terra, que vivem assim; mas estão enganados por não terem baptismo. Depois de fazer a minha oração, no dia seguinte, fingi ter sido libertado por causa da virtude daquele santo, e mandei dizer à Rainha que, tendo-me Deus e aquele santo restituido a saúde, queria, depois duma graça tão grande, ir ver todo o seu reino. Fiz isso porque naquele lugar estava uma armada que não podia fazer-se ao mar antes de um mês, e eu tinha falado secretamente ao Capitão dum navio e pedido que me levasse à Índia, com a promessa de um lindo presente. Ele tinha respondido que, antes de ir à Índia, queria tocar na Pérsia, e eu tinha concordado com isso.

CAPÍTULO DE LAGI, CIDADE DA ARABIA FELIZ, E DE AIAZ, E DO MERCADO EM AIAZ E DO CASTELO DANTE

No dia seguinte montei a cavalo e depois de quinze milhas de caminho encontrei uma cidade que se chama Lagi, a qual está situada na planície e é muito bem povoada. Cria-se aqui grande quantidade de tâmaras, e há muita carne e trigo como é costume entre nós; mas não há uvas

e há grande falta de lenha. Esta cidade não é civilizada e é habitada por Árabes não muito ricos. Saí de lá e fui a outra cidade que fica a uma jornada de caminho, e se chama Aiaz; fica por cima de duas montanhas, entre as quais há um vale lindíssimo e uma linda fonte. Neste vale fazem o mercado ao qual concorrem os homens de ambas as montanhas, e raras são as vezes em que não rebentem violentas brigas. A razão é que os que habitam na montanha da parte do Norte querem que os da montanha do Sul creiam, como eles, em Mafoma e em todos os seus companheiros, ao passo que estes crêem apenas em Mafoma e Ali, e dizem que os outros califas são falsos; por isso se matam como cães. Voltemos ao mercado, ao qual chegam muitas qualidades de especiarias miúdas e grandes quantidades de panos de algodão e de seda, com frutos excelentes, como pêssegos, romãs, marmelos, figos, nozes e boas uvas. Saibam que sobre cada uma destas montanhas há um fortíssimo castelo. Depois de ver estas coisas, saí de lá e fui a outra cidade que fica a duas jornadas de caminho e se chama Dante; fortíssima cidade, esta, situada sobre uma altíssima montanha, também habitada por Árabes pobres, sendo a terra muito estéril.

CAPÍTULO DE ALMACARANA, CIDADE DA ARÁBIA FELIZ, E DA SUA ABUNDÂNCIA

Para seguir os desejos já concebidos no nosso ânimo, de procurar a novidade das coisas, saí de lá para ir a outra cidade, dela afastada duas jornadas, que se chama Almacarana e fica em cima dum monte, sendo necessário, para lá chegar, subir por um caminho de sete milhas e tão estreito que não poderiam ir duas pessoas juntas. A

cidade fica situada num planalto, e é lindíssima, produzindo a terra comida suficiente para os habitantes; parece-me, além disso, a cidade mais forte do mundo. Ali não necessitam de água nem de coisa alguma para viver, havendo em primeiro lugar uma cisterna que daria água para cem mil pessoas. O Sultão tem todo o seu tesouro nesta cidade, porque nela teve a sua origem e dela desceu; por isso tem sempre ali uma das suas mulheres. Saibam que neste lugar se produzem todas as coisas que é possível encontrar, e o ar é melhor que em qualquer outra terra do mundo. Aqui a gente é mais branca do que de outra cor. Nesta cidade o Sultão tem mais ouro do que poderiam carregar cem camelos, e digo isso porque o vi.

CAPÍTULO DE REAME, CIDADE DA ARÁBIA FELIZ, DO SEU CLIMA E DOS COSTUMES DO SEU POVO

Depois de visitar a dita cidade fui a outra terra uma jornada distante, que se chama Reame e é habitada na maior parte por gente negra. Aqui há grandes mercadores e a terra é fertilíssima, embora pobre de madeira; a cidade tem dois mil fogos. Assenta dum lado, num monte que tem no cimo um fortíssimo castelo. Vi aqui uma raça de carneiros cuja cauda pesa sòzinha quarenta e quatro libras, não têm chifres, e por causa da sua gordura nem podem andar. Aqui encontra-se também uma certa qualidade de uvas brancas sem grãos por dentro, as melhores que eu tenho comido, juntamente com frutos de toda a espécie; também aqui o clima é singular e óptimo. Falei com muitas pessoas que tinham mais de cento e vinte e cinco anos e ainda tinham muito bom aspecto. Quase todos costumam andar nus; todavia, os homens principais usam uma camisa

e os de baixa condição um meio lençol a tiracolo, à apostólica. Em toda a Arábia feliz os homens usam uns chifres feitos com os seus próprios cabelos, e as mulheres umas bragas como as dos marinheiros.

CAPÍTULO DE SANA, CIDADE DA ARÁBIA FELIZ, DA FORTALEZA E DA CRUELDADE DO FILHO DO REI

Fui depois para a cidade de Sana, que fica a três jornadas da dita cidade de Reame, e está no cimo de uma montanha muito grande e forte; o Sultão, com um exército de oitenta mil homens, cercou-a por oito meses, e não pôde tomá-la senão por pactos. Os muros desta cidade são de terra e têm dez braças de altura e vinte de largo. Pensem que oito cavalos podem ir por cima, uns ao lado dos outros. Na dita terra criam-se muitos frutos como na nossa, e há muitas fontes. O Sultão de Sana tem doze filhos, um dos quais se chama Mafoma, e como um raivoso morde as pessoas, e mata-as, comendo depois das suas carnes até se saciar. Tem ele quatro braças de altura, é bem proporcionado e de cor olivácea. Nesta cidade encontram-se algumas especiarias miúdas que nascem nas redondezas. Há quatro mil fogos e as casas são lindíssimas, como as nossas; na cidade há também, como nas nossas, muitas vinhas e jardins.

CAPÍTULO DE TAESA E DE ZIBIT E DE DAMAR, CIDADE GRANDÍSSIMA DA ARÁBIA FELIZ

Depois de ver Sana, pus-me a caminho de outra cidade chamada Taesa, que fica afastada da dita Sana três jornadas e está também situada na montanha. Esta cidade é lindíssima e rica de coisas delicadas e especialmente de

água rosada, que ali se destila. Esta cidade, tem fama de ser antiquíssima; tem um templo feito como Santa Maria Retonda em Roma, e muitos outros palácios antigos. E há muitíssimos mercadores. A gente veste como se disse antes; a sua cor é olivácea. Saindo dali fui a outra cidade três jornadas afastada que se chama Zibit, e é grande e lindíssima, distando do Mar Vermelho meia jornada; é terra de grande tráfico para o Mar Vermelho e produz abundante quantidade de açúcar e frutos muito bons; está situada na planície, entre duas montanhas, e não tem muros em volta. Aqui se faz mercado de especiarias de toda a classe, que são trazidas de outras terras. Os costumes e a cor desta gente são como se disse antes. Parti depois do dito lugar e fui a outra cidade distante dela uma jornada, que se chama Damar, e é habitada também por Mouros que são grandíssimos mercadores. A dita cidade é muito fértil; o viver e os costumes são como os dos povos de que se falou.

CAPÍTULO DO SULTÃO DE TODAS AS DITAS CIDADES E PORQUE TEM O NOME DE SECHAMIR [25]

Todas as ditas cidades estão submetidas ao Sultão dos *Amanos*, isto é, ao Sultão da Arábia feliz, que se chama Sechamir. *Secho* significa santo, *Amir*, senhor. A razão por que lhe chamam santo é que ele nunca mandou matar pessoa alguma, a não ser em combate. No meu tempo tinha quinze ou dezasseis mil homens algemados, e a todos dava dois quatrins a cada um, por dia, para as suas despesas,

[25] Scekh Amir.

e assim os deixava morrer na prisão quando mereciam a morte. Tem, igualmente, dezasseis mil escravos, dando a todos com que viver, e sendo todos negros.

CAPÍTULO DOS MACACOS E DE ALGUNS ANIMAIS COMO LEÕES, INIMICÍSSIMOS DOS HOMENS

Daqui dirigi-me à dita cidade de Adem, que fica a cinco jornadas. A meio do caminho encontrei uma montanha terribilíssima, na qual vimos mais de dez mil macacos ([26]), e estão certos animais como leões que atacam os homens quando podem ([27]); por isso não se pode passar por aquele caminho senão em grupos pelo menos de cem pessoas. Nós passámos com grandíssimo perigo e não com pouca caça por parte dos ditos animais; todavia matámos muitos com os arcos, as fundas e os cães, até que conseguimos estar a salvo. Logo que cheguei a Adem fui meter-me na Mesquita, fingindo estar doente, e ali ficava todo o dia; de noite ia à procura do dono do navio, até que ele me embarcou secretamente.

TRATADO DE ALGUNS LUGARES DA ETIÓPIA

Sempre desejoso de ver outros países segundo o meu projecto, meti-me no mar, a caminho da Pérsia; mas como a fortuna costuma também nas águas instáveis exercitar o seu instável capricho, fomos por qualquer motivo desviados do nosso itinerário e atirados por uma tempestade, até à Etiópia, junto com vinte e cinco navios carregados de ruiva

([26]) No texto, *gatti maimoni*.
([27]) Talvez hienas.

para tingir panos. Essa ruiva nasce na Arábia feliz e dela todos os anos carregam até vinte e cinco navios. Com grande custo entrámos num porto duma cidade que se chama Zeila, e ali ficámos cinco dias para a ver e esperar o tempo favorável para partir.

CAPÍTULO DE ZEILA, CIDADE DA ETIÓPIA E DA SUA ABUNDÂNCIA E DE ALGUNS ANIMAIS, COMO CARNEIROS E VACAS DA DITA CIDADE

A cidade de Zeila é terra de grande tráfico, especialmente de ouro e de dentes de elefante. Vendem-se aqui em grande quantidade escravos, da terra do Preste João, que os Mouros tomam na guerra e daqui são levados para a Pérsia, a Arábia feliz, Meca, Cairo e Índia. Nesta cidade vive-se muito bem e faz-se boa justiça. Há aqui muito trigo e encontra-se muita carne e também muito azeite feito não com azeitonas, mas com gergelim, e mel de cera em grande quantidade. Encontra-se aqui toda a espécie de carneiros, entre os quais uns que têm uma cauda que pesa quinze ou dezasseis libras, o pescoço e a cabeça pretos e o resto branco. Há outros todos brancos que têm uma cauda com uma braça de comprimento torcida como um parafuso, com o cachaço como o dum toiro, que quase toca no chão. Neste lugar encontra-se também uma certa raça de vacas que têm os chifres como os veados e são selvagens; elas foram dadas ao Sultão da cidade. Vi também vacas com um só chifre de palmo e meio na testa, e esse chifre tende mais para a direcção de trás do que para a frente. A cor destas vacas é ruiva, ao passo que a das outras é preta. Nesta cidade vive-se bem e estão muitos mercadores. Tem a terra muros ruins e um porto bastante

mau, e está situada em terra plana e firme. O rei desta Zeila é Mouro e tem muita gente a pé e a cavalo, de carácter belicoso. Andam em camisa e são de cor olivácea, sendo mal armados e todos Maometanos.

CAPÍTULO DA ILHA DA ETIÓPIA BERBERA E DA SUA GENTE

Logo que chegou o tempo bom, fizemos vela e chegámos a uma ilha chamada Berbera ([28]), cujo Senhor, juntamente com todos os seus habitantes, é Mouro. Esta ilha é pequena, mas boa e muito bem habitada, produzindo carnes de toda a espécie; as pessoas são negras na maior parte, e a sua riqueza consiste mais em carnes que em outras coisas. Aqui ficámos um dia; depois fizemo-nos novamente ao mar e navegámos em direcção à Pérsia.

([28]) *Barbara*, no texto.

Livro da Pérsia

CAPÍTULO DAS TERRAS DE DIUOBANDIERRUMI DE GOGO E GIULFAR E DE MESCHET PORTO DA PÉRSIA ([29])

Depois de cerca de doze dias de navegação chegámos a uma cidade que se chama Diuobandierrumi, ou seja *diuo*, porto dos Turcos. Essa cidade fica pouco distante da terra firme. Quando o mar cresce é uma ilha, e quando desce, passa-se a pé. Esta cidade está submetida ao Sultão de Cambaia; o seu governador é um tal que se chama Menacheaz. Ficámos ali dois dias. A cidade tem um grande tráfico, estando nela contìnuamente quatrocentos mercadores Tur-

([29]) *Diu bander er-Rumi*, ou simplesmente *Diu*, e *Gogo* ficam na Cambaia. Mas *Giulfar* e *Meschet*, ou *Mascate* (*Moschetto* no «Theatrum» de Ortelio), não são portos da Pérsia pròpriamente dita, ficando ambos na Arábia: o primeiro em frente de Ormuz, no Golfo Pérsico, o segundo aquém do Estreito, na Província de Oman.

cos; é circundada por muros e tem muita artilharia. Usam ali certos navios que são pouco menores do que fustas. Partimos dali e fomos a uma cidade chamada Gogo ([30]) que dista três jornadas e é terra de grande tráfico, fecunda e rica. Também os seus habitantes são todos Maometanos. Fomos depois a outra terra chamada Giulfar, que é óptima e rica e tem um bom porto de mar. Desse porto, abrindo velas, e com o favor dos ventos, chegámos a outro porto que se chama Meschet.

CAPÍTULO DE ORMUZ CIDADE E ILHA DA PÉRSIA E COMO NELA SE PESCAM PÉROLAS GRANDÍSSIMAS

Prosseguindo na nossa viagem, partimos de Meschet e fomos à nobre cidade de Ormuz, que é lindísima e fica numa ilha, sendo muito importante por ser porto de mar e empório de mercadorias; está dez ou doze milhas distante da terra firme. Na dita ilha não há água nem mantimentos suficientes, mas tudo recebem do continente. A duas ou três jornadas de lá pescam-se as maiores pérolas que existem no mundo, sendo feita a pesca desta maneira: os pescadores usam umas barcas pequenas que mantêm firmes com duas grandes pedras amarradas a grossas cordas, uma à proa, outra à popa; atiram para o fundo uma outra corda, também com uma grande pedra amarrada. Os pescadores metem dois alforjes ao pescoço, amarram uma pedra aos pés, e mergulham uns quinze passos debaixo da água; ali ficam o tempo que podem, a fim de procurar as ostras em que estão as pérolas; metem-nas nos alforjes e depois largam a pedra que tinham amarrada aos pés e voltam acima

([30]) *Goa* no texto.

por uma das ditas cordas. Na cidade, às vezes, encontram-se até trezentos navios de vários países. O Sultão da dita cidade é Maometano.

CAPÍTULO DO SULTÃO DE ORMUZ E DA CRUELDADE DO FILHO CONTRA O SULTÃO SEU PAI, SUA MÃE E SEUS IRMÃOS

No tempo em que andei neste País aconteceu o que agora direi. O Sultão de Ormuz tinha onze filhos varões, sendo tido o mais novo como simples, isto é, meio tolo, e o mais velho como um autêntico demónio.

O dito Sultão tinha criado dois escravos, filhos de Cristãos, dos do Prestes João, que comprara ainda pequeninos e amava como seus filhos; eram eles valentíssimos cavaleiros e senhores de castelos. O filho mais velho do Sultão, numa noite, arrancou os olhos ao pai, à mãe e a todos os irmãos, só se salvando aquele meio doido; depois levou-os todos para o quarto do pai e da mãe e deitou fogo ao quarto e aos corpos. Na manhã seguinte, ao saber-se, nas primeiras horas, o que acontecera, a terra levantou-se aos gritos; mas ele fortificou-se no palácio e fez-se Sultão. O irmão mais novo, que era tido por doido, não se demonstrou tão doido como a gente pensava que fosse. Ouvindo o caso, foi refugiar-se numa Mesquita de Mouros, dizendo: «*Ualla! Ocu ane saithan, uchatelabu eculo cuane*», isto é: «Ó Deus, o meu irmão é um diabo; ele matou o meu pai a minha mãe e os meus irmãos, queimando-os depois de os ter morto»! No fim de quinze dias a cidade foi pacificada. O Sultão mandou procurar um dos dois escravos de que se falou e disse-lhe: «*Thale inte Mahometho*». Respondeu o escravo que se chamava Mafoma: «*Escult iasidi*», isto é: «Que dizes tu, meu

Senhor?» Disse o Sultão: «*Anne soldan?*», isto é: «Sou eu o Sultão?» Respondeu Mafoma: «*Heu ualla siti inte soldan*», isto é: «Sim, por Deus, que tu és Sultão». Então o Sultão pegou-lhe pela mão, fazendo-lhe muitas festas, e disse-lhe: «*Roachatel zaibei anneiati arba ocan sechala*», isto é: «Vai matar o teu companheiro, e eu dar-te-ei cinco castelos». Respondeu Mafoma: «*Iasidi, anunciacul menau mensaibi theletin sane, noalla, sidi, aneasent*», isto é: «Ó Senhor, eu comi com o meu companheiro trinta anos e tenho vivido com ele; não tenho coragem para fazer uma coisa dessas». Disse, então, o Sultão: «Pois deixa estar». Dali a quatro dias o Sultão mandou chamar o outro escravo que tinha nome de Chaim, e disse-lhe a mesma coisa que dissera ao seu companheiro, isto é, que o fosse matar. «*Bizmele*», disse Chaim logo à primeira «*erechman erachin, iasidi*», isto é: «Sim, em nome de Deus, meu Senhor». Armou-se secretamente e foi ter com Mafoma, o seu companheiro. Quando Mafoma o viu, olhou-o fixamente no rosto e disse-lhe: «Traidor, não poderás negar o que eu leio no teu rosto; espera que eu vou matar-te antes que me mates a mim». Chaim, vendo-se descoberto, desembainhou o punhal e atirou-o aos pés de Mafoma; depois, ajoelhando-se, começou a dizer: «Ó Senhor, perdoa-me, embora mereça a morte; e se queres pega nesta arma e mata-me, porque eu vinha para te matar». Respondeu Mafoma: «Bem se pode dizer que tu és um traidor, porquanto depois de teres estado e vivido e comido comigo tantos anos, me querias tão vilmente matar. Pois não vês que ele é um demónio? Vamos, levanta-te: eu perdoo-te. Quero que tu saibas que ele esteve durante três dias a estimular-me para que eu te matasse, e eu nunca quis consentir. Agora deixa isso ao cuidado de Deus e faz o que eu te disser: vai ter com o Sultão e diz-lhe

que me mataste». Respondeu Chaim: «Assim farei». E imediatamente foi ao Sultão. Quando este o viu, perguntou-lhe: «Então, mataste o teu amigo?» Respondeu Chaim: «Matei, sim, meu Senhor». Disse o Sultão: «Vem cá». Ele aproximou-se do Sultão, e este agarrou-o pelo peito e matou-o a golpe de punhal. Dali a três dias, Mafoma armou-se secretamente e apresentou-se no quarto do Sultão, que à sua vista se turbou e disse: «Ó cão e filho de cão, ainda vives?» Responde Mafoma: «Ainda vivo, embora tu não queiras, e vim para te matar a ti, que és pior que um cão ou um diabo». Começaram assim, de armas na mão, a lutar, até que Mafoma matou o Sultão e fortificou-se depois no palácio. O povo, que muito lhe queria, correu ao palácio, gritando: «Viva, viva Mafoma Sultão!» e ele ficou Sultão por vinte dias aproximadamente. Passado este tempo, mandou convocar todos os Senhores e mercadores da cidade, e quando estavam reunidos declarou pùblicamente que tinha sido forçado a fazer o que fizera, bem sabendo que não lhe pertencia o domínio da cidade; logo pediu a todo o povo que se alegrasse de receber como Rei o filho do Sultão que era tido como doido. Este foi feito Rei; mas na realidade é o outro que faz tudo, tendo dito a cidade inteira: «Na verdade, este deve ser amigo de Deus», e assim foi nomeado Governador da Cidade e do Sultão, por ser este da condição que se disse. Saibam que nesta cidade estão geralmente quatrocentos mercadores forasteiros, os quais comerciam em sedas, pérolas, jóias e especiarias. A gente consome mais arroz do que pão, porque naquele lugar não há trigo.

CAPÍTULO DE ERI EM CORAZANI DA PÉRSIA, DA SUA RIQUEZA E DA ABUNDÂNCIA DE MUITAS COISAS, ESPECIALMENTE DE RUIBARBO

Ouvido o miserando caso e vistos os costumes da dita cidade de Ormuz, passei para a Pérsia ([31]), e depois de doze jornadas de caminho encontrei uma cidade chamada Eri, numa região chamada Corazani ([32]), tal como a Romana. Nesta cidade de Eri habita o Rei de Corazani, havendo grande fertilidade e abundância de mercadorias, e especialmente de sedas, de modo que, num dia, compram aqui três ou quatro mil camelos carregados de sedas. A terra é abundantíssima de vitualhas e há também um grande mercado de ruibardo. Eu vi-o comprar a seis libras por ducado, segundo nós usamos, isto é, a doze onças por libra. Esta cidade tem seis ou sete mil fogos; os seus habitantes são todos Maometanos. Saí daqui e andei vinte jornadas por terra firme, encontrando vilas e castelos muito bem habitados.

CAPÍTULO DO RIO EUFRA QUE EU JULGO SEJA O EUFRATES

Cheguei à beira dum grande rio que a gente de lá chama Eufra, mas que, pelo que eu posso julgar, acredito que, por causa da sua grandeza, seja o Eufrates ([33]). Se-

---

([31]) A Pérsia continental. V. Nota, Pág. 77.

([32]) Herat, na região de Khorassan.

([33]) Mas não é. Talvez seja o Heri-rud (Badger); talvez o Ferah-Roud (Schefer); talvez o Caraagac (Giudici).

Mare Caspium

Thus

CHORASHN

Heri

Sciraz

Tab fl.

Sinus Persicus

Ormuz

P E R S I A

in VOYAGES du Sr. Adam Olearius.

Tomo I, pág. 480. (Amsterdam, 1727).

guindo três jornadas para a esquerda, sempre ao longo do rio, encontrei uma cidade chamada Sciraz [34], que é governada por um Senhor que é Persa e Moametano. Nesta cidade há grande quantidade de jóias, e especialmente turquezas e uma variedade de rubis dita *balachsan*, que não são originárias dali mas vêm duma cidade — como ali é fama — chamada Balachsan [35]; há, ainda, grande cópia de tinta de ultramar, tutia e musgo. Saibam que nas nossas partes não se encontra senão musgo falsificado. Digo isto porque eu vi fazer esta experiência: partir uma manhã uma bexiga de musgo, e fazê-la cheirar seguidamente a três ou quatro homens em jejum; sendo o musgo verdadeiro e não falsificado, logo aos ditos homens saiu sangue do nariz. Perguntei por quanto tempo se conservava bom; responderam-me alguns mercadores que, se não era falsificado, durava dez anos. Por isso conclui que o que vem às nossas partes é falsificado pela mão destes Persas que são os homens mais astuciosos e mais habilidosos para falsificar as coisas que se encontram no mundo, sendo ao mesmo tempo os homens mais camaradas e os mais liberais que existem sobre a face da terra. Digo isto por eu próprio o ter provado com um mercador Persa que encontrei nesta cidade de Sciraz, que todavia era da cidade de Eri em Corazani, e tinha-o eu conhecido dois anos antes, em Meca. Disse-me: «Iunus, o que é que vais fazendo por aqui? Não és tu o que passou por Meca?» Eu respondi que sim e que andava viajando pelo mundo. Retrucou: «Louvado seja Deus, que terei um companheiro com quem poderei ir conhecendo o mundo».

---

(34) *Schirazo* no texto.
(35) É a *Balacian* de Marco Polo. (Il Milione, Cap. XLVI).

Ficámos quinze dias na dita cidade de Sciraz. E este mercador, cujo nome é Cozazionor, disse: «Não te afastes de mim; assim poderemos ir juntos». E assim nos metemos a caminho para ir a Samarcanda ([36]).

CAPíTULO DE SAMARCANDA (COMO SE DIZ) CIDADE GRANDE COMO O CAIRO E DA PERSEGUIÇÃO DO «SOFFI»

Dizem os mercadores que Samarcanda é uma cidade grande como o Cairo, e que o rei é Maometano. Alguns disseram-me que ele tem sessenta mil homens a cavalo, todos brancos e belicosos. Nós não fomos mais adiante, e a razão foi que o «Soffí» ia por esta região pondo tudo a ferro e fogo, e passando pelas armas todos os que crêem em Abu Bekr, Osman e Omar, companheiros de Mafoma. Os que acreditam em Mafoma são deixados em paz e protegidos. Então o meu companheiro disse-me: «Vem aqui, Iunus, a fim de que te certifiques que eu te quero bem, e conheças que estou aqui para te fazer boa companhia. Eu quero-te dar para mulher uma minha sobrinha que se chama Samis, ou seja, Sol». E tinha verdadeiramente um nome que lhe convinha, porque era lindíssima. Disse ainda: «Saibas que eu não vou pelo mundo fora porque tenha necessidade de riquezas, mas só por meu prazer e para ver e saber mais coisas». Com isso nos pusemos novamente a caminho e voltámos a Eri. Logo que chegámos à sua casa, ele mostrou-me a sua sobrinha, do que eu me declarei muito contente,

([36]) *Sambragante*, no texto.

embora o meu ânimo estivesse atento a coisas muito diferentes. No termo de oito dias voltámos à cidade de Ormuz e ali subimos num navio e fizemos vela em direcção à Índia, chegando a um porto chamado Cheo ([37]).

([37]) Gehu, no estuário do Indo.

Livro Primeiro da Índia

CAPÍTULO DE CAMBAIA, CIDADE DA ÍNDIA, ABUNDANTÍSSIMA DE TUDO

Tendo prometido desde o princípio, se bem me recordo, relatar tudo com brevidade, a fim de que o meu falar não se torne fastidioso, continuaremos brevemente a relação das coisas que me pareceram dignas de ser conhecidas e agradáveis, especialmente ao entrar na Índia, onde, depois do dito porto há um rio grandíssimo chamado Indo, e perto desse rio uma cidade chamada Cambaia [38]. Esta cidade fica ao Sul do dito Indo, três milhas em terra firme. Saibam que não se pode chegar à dita cidade com navios grandes nem medianos, salvo no período da maré alta; porque no rio que vai à dita cidade as águas crescem por três ou quatro milhas, e crescem quando a lua está no quarto min-

---

([38]) *Combeia* no texto.

guante, ao contrário do que acontece entre nós que crescem com a lua cheia. Esta Cambaia é murada como se usa entre nós e é verdadeiramente uma óptima cidade, abundante de trigo e de requíssimos frutos. Nesta terra encontram-se oito ou nove classes de especiarias miúdas, isto é, turbitos, galangas, alfazemas, sagapenos, lacres e outras especiarias de que não recordo o nome. Aqui se produz grande quantidade de algodão, carregando-se de panos de algodão e de seda, todos os anos, quarenta e cinquenta navios que os espalham por vários países. Neste reino de Cambaia encontra-se, a seis jornadas, a montanha onde se cavam as corniolas e a montanha dos calcedónicos. A nove jornadas de Cambaia há outra montanha em que se encontram os diamantes.

CAPÍTULO DA CONDIÇÃO DO SULTÃO DE CAMBAIA, CIDADE MUI NOBRE

Falaremos agora acerca da condição do Sultão desta Cambaia, que se chama o Sultão Machamuth. Há aproximadamente quarenta anos que ele tirou este reino a um Rei dos Guzerates, sendo estes Guzerates uma gente que não come coisa alguma que tenha sangue, nem matam bicho algum. Eles não são Mouros nem Gentios; creio que, se tivessem o baptismo, seriam todos salvos, por causa das suas boas obras, nunca fazendo eles aos outros o que não queriam que lhes fizessem. Alguns deles andam em camisa e outros nus, salvo um pano com que tapam as vergonhas; nos pés e nas pernas não trazem nada, e na cabeça uma toalha encarnada; a sua cor é aleonada. Foi por causa da sua bondade que o Sultão lhes tirou o reino. E agora ouvirão qual é a maneira de viver do dito Sultão Machamuth. Este é

Maometano, juntamente com todo o seu povo, e tem constantemente vinte mil homens a cavalo. Pela manhã, quando se levanta, vão ao seu palácio cinquenta elefantes, tendo cada um deles um homem em cima para fazer mesuras ao Sultão, e nada mais; quando come, tocam cinquenta ou sessenta instrumentos, como trombetas, tambores, flautas, pífaros e instrumentos de várias classes que omito por brevidade, e os ditos elefantes fazem mesuras também quando o Sultão come; falarei depois acerca do engenho e do sentimento que têm os ditos animais. Esse Sultão tem debaixo do nariz uns bigodes tão compridos que os ata por cima da cabeça, como faria uma mulher com as suas tranças, e tem a barba branca até à cintura. Todos os dias come veneno; mas não julguem que ele enche o estômago: come apenas uma certa quantidade, de modo que, quando quer matar algum dos seus grãos-mestres, fá-lo trazer diante de si todo nu e depois come certos frutos chamados *chofole* (39), que são como uma noz moscada; come ainda certas folhas de ervas chamadas *tamboli* (40), parecidas com as folhas de laranjeira azeda; come, enfim, uma massa de cascas de ostras, juntamente com as ditas coisas, e quando tem mastigado muito bem, e tem a boca cheia, bufa aquilo tudo em cima da pessoa que quer matar, e esta, no espaço duma meia hora, cai morta. Este Sultão tem, ainda, três ou quatro mil mulheres, e quando dorme com uma, pela manhã encontram-na morta; nenhuma pessoa pode tocar na camisa ou nas vestes que ele despe, e todos os dias quer novos vestidos. O meu companheiro perguntou por que razão este Sultão comia tanto veneno; responderam alguns mercado-

---

(39) Areca, fruto da arequeira.
(40) Folhas de betle.

res dos mais velhos, que o pai, desde pequeno, o tinha alimentado assim. Deixemos agora o Sultão e voltemos à nossa viagem, isto é, aos homens da dita cidade, cuja maior parte anda em camisa e são muito belicosos e grandes mercadores. Seria difícil dizer a bondade desta terra. Aqui vêm e vão cerca de trezentos navios de vários países; esta, e outra cidade de que falarei no seu lugar, abastecem toda a Pérsia, a Tartária, a Turquia, a Síria, a Berbéria, isto é, a África, a Arábia feliz, a Etiópia, a Índia e outras muitas ilhas habitadas, de panos de seda e algodão; é por isso que este Sultão vive no meio de enormes riquezas. Está em guerra com um Rei chamado Rei de Ioghe, cujo reino confina com o seu, e fica a quinze jornadas [41].

CAPÍTULO DA MANEIRA DE VIVER E DOS COSTUMES DO REI DE IOGHE

Este Rei de Ioghe é senhor de um grande domínio com cerca de trinta mil pessoas, e é Gentio, juntamente com todo o seu povo. Por causa da sua maneira de viver, tanto o Rei como o povo são tidos como santos por parte dos outros Reis Gentios. Tem este Rei por costume ir em peregrinação, cada três ou quatro anos, juntamente com três ou quatro mil dos seus, a mulher e os filhos. Leva consigo quatro ou cinco corcéis, zibetas, macacos, papagaios, leopardos, falcões, e vai assim por toda a Índia. O seu vestido são duas peles de cabra com o pêlo por fora, uma adiante,

[41] Quem é este Rei e onde fica a região de Ioghe é impossível estabelecê-lo. No «Theatrum» de Ortelio, a sudeste de Cambaia, há uma cidade com o nome de Loge; seria essa? Schefer (pág. 125) pensa que Varthema, com esse nome, designa algum Rajá do Ragiputana; mas tudo o que se disse a este respeito é arbitrário.

outra atrás, e a sua cor é aleonada escura, porque aqui a gente começa a ser mais escura do que branca. Usam todos grande quantidade de jóias, pérolas e pedras preciosas nas orelhas, e andam vestidos à apostólica; parte anda em camisa, e o Rei e alguns dos mais nobres andam com o rosto, os braços e o corpo enfarinhados com sândalo moído, e cheiros finíssimos. Alguns deles têm como devoção não se sentar nunca, outros não ficar nunca estendidos, outros não falar, e estes andam sempre com três ou quatro companheiros, para que os sirvam. Todos levam, geralmente, um pequeno corno ao pescoço e, quando entram numa cidade, tocam-no; tocam também para pedir esmola. Quando o Rei não vai, vão eles, pelo menos trezentos ou quatrocentos de cada vez, e ficam três dias em cada cidade, como os Ciganos. Alguns usam bengalas tendo na ponta um aro de ferro; alguns levam umas trinchas de ferro que cortam como navalhas, e lançam-nas com uma funda, quando querem atacar alguém. Quando chegam a alguma cidade da Índia, todos procuram ser agradáveis com eles, e mesmo que matassem o primeiro fidalgo da terra, não receberiam pena alguma, sendo considerados como santos. A sua terra não é muito fértil, e por isso têm falta de víveres, havendo mais montanhas do que planícies; as suas habitações são ruins e não têm terras muradas. Por mão destes tais chegam às nossas partes muitas jóias, porque eles, pela liberdade e santidade de que gozam, vão até onde elas se encontram e daí as levam para outras terras, sem despesa alguma. E assim, para manterem o país forte, estão em guerra com o Sultão Machamuth.

CAPÍTULO DA CIDADE DE CHAÚL E DOS COSTUMES E ANIMOSIDADE DO SEU POVO

Tendo partido da dita cidade de Cambaia, andei tanto que cheguei a outra cidade chamada Chaúl, afastada da primeira doze jornadas; a região que fica entre uma cidade e a outra chama-se Guzerate. O Rei de Chaúl é Gentio. A gente é de cor aleonada escura, e vestem alguns uma camisa, outros andam nus e com um pano para tapar as vergonhas, sem nada na cabeça nem nos pés, salvo alguns mercadores Mouros. São belicosos, usando como armas espadas, rodelas, arcos e armas com cabos de canas e de madeira; têm artilharia. A terra é muito bem murada e dista duas milhas do mar, havendo um lindíssimo rio, pelo qual vão e vêm grande número de navios forasteiros, porquanto a terra é abundante de tudo, excluindo uvas, nozes e castanhas. Aqui se colhe grande quantidade de trigo, cevada e legumes de toda a espécie; fabricam também, em extraordinária abundância, panos de algodão. Não falo da sua fé, sendo a mesma da do Rei de Calecute, acerca do qual falarei no devido lugar. Nesta cidade há muitíssimos mercadores Mouros, e o clima começa a ser mais quente do que frio. Respeita-se a justiça. O Rei não tem muita gente para combater. Os nativos têm cavalos, bois e vacas em grande cópia.

CAPÍTULO DE DABUL, CIDADE DA ÍNDIA

Vista Chaúl e os seus costumes, saí de lá para ir a outra cidade que fica a duas jornadas e se chama Dabul. Surge esta à beira dum grande rio, é murada como as nossas cidades e é muito boa. A região é parecida com a que

tinha deixado. Há numerosíssimos mercadores Mouros. O Rei de Dabul é Gentio e tem trinta mil homens combatentes. O Rei é um escrupuloso observador da justiça; a terra, a maneira de viver, os hábitos e os costumes são como os de Chaúl.

CAPÍTULO DE GOA, ILHA DA ÍNDIA, E DO SEU REI

Depois de sair da dita cidade de Dabul, fui para outra ilha, que está distante da terra firme uma milha aproximadamente, e se chama Goa [42]. Ela rende ao Rei do Decão dez mil ducados de ouro por ano, que eles chamam *pardaus*, e são mais pequenos do que os *serafos* do Cairo, mas mais grossos, e têm num lado estampados dois diabos, no outro algumas letras. Nesta ilha há uma fortaleza murada segundo o nosso uso, mesmo à beira-mar, e nela algumas vezes está um Capitão chamado Sabaio [43] que tem quatrocentos Mamelucos e é Mameluco também. Quando o dito capitão pode conseguir algum homem branco tem-no em grande consideração, e dá-lhe pelo menos quinze ou vinte pardaus por mês. Antes, porém, de o pôr na lista dos homens valentes, manda vir dois casacos de couro, um para ele, o outro para quem quer ser alistado, e depois de terem vestido os casacos, lutam: se o acha forte, põe-o na lista dos homens

---

(42) *Goga*, no texto.

(43) «E ao tẽpo que nós entramos na India era Senhor desta cidade Goa hum Mouro per nome *Soay*, capitão d'elRey do Decan, a que cõmũmẽte chamamos *Sabayo:* o qual tinha muito nobrecido esta cidade cõ edificios & trato». João de Barros, Da India, Livro Quinto, Decada II, fol. 99 (Lisboa, 1628). No texto, *Sauain*, *Savain*, ou seja, oriundo de Pérsia.

valentes; se não, manda-o para outro exército. Este Capitão, com quatrocentos Mamelucos, faz uma grande guerra ao Rei de Narsinga, do qual falaremos quando for oportuno. Parti de lá e, depois de ter andado sete jornadas em terra firme, cheguei a uma cidade que se chama Decão.

CAPÍTULO DE DECÃO, LINDÍSSIMA CIDADE DA ÍNDIA, E DE MUITAS E VÁRIAS DAS SUAS RIQUEZAS E JOIAS

Nesta dita cidade de Decão domina um Rei que é Maometano. O Capitão de que se falou e os seus Mamelucos estão ao soldo dele, e a cidade é lindíssima e muito fértil; o Rei elege-se de entre os Mamelucos e outros do seu Reino, e tem bem vinte e cinco mil pessoas entre os de cavalo e a pé. Nesta cidade há um lindíssimo palácio, devendo-se atravessar quarenta e quatro salas antes de se chegar ao quarto do Rei. Tem a cidade muros como usam os Cristãos e casas lindíssimas. O Rei vive com grande soberba e luxo; parte dos seus servos usam na ponta dos sapatos rubis, diamantes e outras jóias; pensem quantas trazem nos dedos das mãos e nas orelhas. No seu Reino há uma montanha donde se extraem os diamantes; fica a uma légua da cidade, é toda murada em volta, e tem uma numerosíssima guarda. Há abundância de tudo, como nas outras cidades de que falei. Os habitantes são todos Maometanos; usam vestes de seda ou camisas lindíssimas e usam, nos pés, sapatos ou borzeguins com calças como as dos marinheiros. As mulheres têm o rosto encoberto como se usa em Damasco.

CAPÍTULO DA DILIGÊNCIA DO DITO REI ACERCA DA MILÍCIA

O dito Rei de Decão está sempre em guerra com o Rei de Narsinga, e todo o seu país é Maometano. A maior parte dos seus soldados são forasteiros e são brancos; os nativos do Reino são de cor aleonada. Este Rei é poderosíssimo e é muito rico e liberal; tem no mar muitos navios e é encarniçado inimigo dos Cristãos. Depois de sairmos daqui, fomos a outra cidade chamada Baticalá (44).

CAPÍTULO DE BATICALÁ, CIDADE DA ÍNDIA, E DA SUA FERTILIDADE EM MUITAS COISAS E ESPECIALMENTE EM ARROZ E AÇÚCAR

Baticalá, mui nobre cidade da Índia, é distante de Decão cinco jornadas; o Rei é Gentio. A cidade é murada e lindíssima, ficando a uma milha do mar; o Rei está sob o domínio do Rei de Narsinga. Não há porto de mar, a não ser um pequeno rio seguindo o qual se pode subir do mar à cidade. Estão aqui muitos mercadores Mouros, sendo a terra de grande tráfico. O dito rio passa ao pé dos muros da cidade, em que se produz grande quantidade de arroz e açúcar, especialmente de açúcar branco, como o que se usa entre nós; aqui se começam a encontrar nozes e figos como em Calecute. Tal como em Calecute, a gente é idólatra, salvo os Mouros que vivem à maometana. Aqui não se encontram cavalos, nem machos, nem burros, mas há vacas, búfalos, ovelhas e cabras. Nesta região não há nem trigo, nem cevada, nem legumes, mas outros frutos muito ricos, como na Índia. Depois parti e fui a outra ilha chamada Angediva,

(44) *Bathacala*, no texto.

em que habitam Mouros e Gentios. A ilha está meia milha distante do continente, e tem aproximadamente vinte milhas de circuito. O clima não é muito bom, nem a terra é muito fértil. Entre a ilha e o continente há um óptimo porto, e na ilha encontra-se água muitíssimo boa.

CAPÍTULO DE CENTACOLA, DE ONOR E MANGALOR, ÓPTIMAS TERRAS DA ÍNDIA

Depois de uma jornada, cheguei, da ilha de que falei, a uma terra chamada Centacola, que tem um Senhor muito rico. Aqui há carne de vaca em grande quantidade, arroz e bons frutos dos que se encontram na Índia. Nesta cidade há muitos mercadores Mouros, e o Senhor é Gentio; a gente é de cor aleonada, e anda nua, descalça e sem nada na cabeça. O Senhor é súbdito do Rei de Batacalá. Dali andámos duas jornadas, até outra terra chamada Onor, cujo Rei é Gentio e súbdito do Rei de Narsinga; esse Rei é muito liberal e tem sete ou oito navios que vão continuamente ao corso, sendo um grande amigo do Rei de Portugal; anda nu, salvo um pano com que tapa as partes desonestas. Aqui há muito arroz como na Índia e várias espécies de animais, como javalis, veados, lobos, leões e grande quantidade de pássaros diferentes dos nossos, pavões e papagaios; há ainda vacas ruivas e carneiros e grande riqueza de rosas. Aqui as flores e os frutos encontram-se todo o ano. O clima deste lugar é muito bom, e a gente vive mais do que entre nós. Perto da dita terra de Onor há outra chamada Mangalor, em que se carregam cinquenta ou sessenta navios de arroz. Os habitantes são Gentios e Mouros; o viver, os costumes e os hábitos são como se tem dito. Daqui partimos e fomos a outra cidade cujo nome é Cananor.

CAPÍTULO DE CANANOR, CIDADE GRANDÍSSIMA DA ÍNDIA

Cananor é uma linda e grande cidade em que o Rei de Portugal tem um fortíssimo castelo: embora Gentio, o Rei desta cidade é muito amigo do Rei de Portugal. Esta Cananor é o porto onde se descarregam os cavalos que vêm da Pérsia, e saibam que cada cavalo paga vinte e cindo ducados de gabela; depois vão por terra firme em direcção a Narsinga. Nesta cidade há muitos mercadores Mouros, e aqui não se cria nem trigo, nem uva, nem fruto algum dos que nós usamos, salvo pepinos e abóboras; os nativos não comem pão, mas arroz, carne e nozes da região. Quando for ocasião, falaremos da sua fé e costumes, porquanto vivem segundo o uso de Calecute. Aqui começa a haver algumas especiarias, como pimenta, gengibre, cardamono, mirabolano e um pouco de cássia. Esta terra não tem muros em volta; as casas são feias. E também aqui há muitas espécies de frutos diferentes dos nossos e muito melhores; quando for oportuno falaremos deles. A terra é forte, sendo toda cheia de covas abertas pelos homens. O Rei desta terra chega a ter cinquenta mil Naires, isto é, gentis-homens, os quais usam em combate espadas, rodelas, lanças e arcos, e agora também artilharia; todavia, andam nus, descalços, com um pano em volta e sem nada na cabeça, excepto em combate, levando então um pano vermelho que dá duas voltas na cabeça e são todos atados da mesma maneira. Aqui não se utilizam cavalos, nem machos, nem camelos nem burros; usa-se só algum elefante, mas não para combater; quando for tempo falaremos da fortaleza que o Rei de Cananor fez contra os Portugueses. Esta terra é de grande tráfico, chegando anualmente duzentos navios de diversos países. Pas-

sados uns dias, retomámos o nosso caminho para o Reino de Narsinga, e andámos quinze jornadas por terra firme, na direcção do levante, até chegar a uma cidade chamada Bisinagar.

CAPÍTULO DE BISINAGAR, CIDADE FERTILÍSSIMA DO REINO DE NARSINGA NA ÍNDIA

A cidade de Bisinagar pertence ao Rei de Narsinga e é muito grande e fortemente murada; fica numa encosta de monte, sendo terra de grande tráfico, fértil e dotada de todas as gentilezas que podem existir. O lugar é lindíssimo e o clima magnífico, com lugares muitíssimo lindos para caçar e passarinhar, de modo que parece um paraíso. O Rei e o seu povo são todos Gentios e Idólatras, sendo o Rei potentíssimo, com quarenta mil homens a cavalo em pé de guerra. E saibam que um cavalo vale quatrocentos e quinhentos pardaus, e alguns são comprados por oitocentos pardaus porque os cavalos não nascem ali, nem há éguas, porque os que possuem os portos de mar não as deixam sair. Tem ainda o dito Rei quatrocentos elefantes e uns dromedários (45) que correm muito velozmente. Aqui ocorre-me mencionar, como coisa digna de notícia, a discrição, sentimento e força do elefante. Primeiro, diremos como combate: quando vão para a batalha, os elefantes levam umas selas como as dos machos no Reino de Nápoles, apertadas por baixo com correntes de ferro, por cima da tal sela levam, de ambos os lados, uma caixa grande de madeira muito forte, indo três homens em cada caixa; entre as caixas e o pescoço do elefante metem uma tábua de meio palmo de

(45) «Tormentaria», no texto.

grossura, e entre as caixas e a dita tábua monta um homem que fala ao elefante, tendo este mais sentimento do que qualquer outro animal do mundo. São, assim, sete pessoas ao todo que vão sobre cada elefante, armadas com couraças de malha, arcos, espadas, lanças e rodelas; também o elefante vai armado com malhas, especialmente na cabeça, atando-se-lhe à tromba uma espada de duas braças de comprimento, grossa e larga como a mão dum homem. O que está por cima do pescoço manda: «para a frente» ou «para trás», «dá neste», «dá naquele» «pára», e ele entende como se fosse uma pessoa. Assim combatem. Todavia, se se põem em fuga, é impossível detê-los, porque os de cá são grandes mestres em fazer fogos artificiais, e estes animais temem muito o fogo; por isso algumas vezes dão-se à fuga. De qualquer maneira, o elefante é o animal mais discreto que existe no mundo e o mais poderoso. Eu vi três elefantes puxarem um navio do mar para a terra, da maneira que vou dizer. Estando em Cananor, uns mercadores Mouros vararam um navio em terra, como fazem os Cristãos, com a proa para diante, pondo debaixo do navio três dormentes; os três elefantes ajoelharam no chão do lado do mar e empurraram o navio com a cabeça para terra. Muitos dizem que o elefante não tem as junturas tão altas como os outros animais, mas baixas. Digo mais, que o elefante fêmea é muito mais forte e muito mais soberbo do que o macho, e algumas das fêmeas são lunáticas. Os elefantes são tão grandes como três búfalos, e têm pêlo bufalino, olhos suínos e a tromba comprida até ao chão; com esta levam a comida à boca e bebem também, ficando a sua boca debaixo da tromba, e quase como a de um porco ou dum esturjão. Esta tromba está vazia por dentro, e eu vi levantar com ela do chão um quatrim. Com a mesma, vi arrancar a rama de uma árvore que

vinte e quatro homens, com uma corda, não conseguiram arrancar; o elefante conseguiu-o com três puxadelas. Os dois dentes que se vêem estão na maxila superior; as orelhas são de dois palmos de lado, e mais em alguns, noutros menos. As pernas são quase tão grossas em cima como em baixo; os pés são redondos como um enorme trincho para cortar carne, e no pé têm cinco unhas, cada uma tão grande como uma concha de ostra; a cauda é tão comprida como a de um búfalo e têm três palmos mais ou menos, com poucos pêlos e ralos. A fêmea é mais pequena do que o macho. Com respeito à altura, eu vi muitos de treze e catorze palmos, e cavalguei nalguns da dita altura; dizem que há também de quinze palmos. A sua marcha é muito lenta, e quem não está acostumado não pode aguentar-se montado neles, porque faz revoltar o estômago, como se andasse por mar. Os elefantes pequenos são conduzidos como uma mula, e é uma gentileza cavalgá-los. Quando se quer montar, o elefante baixa uma das pernas de trás, e por ela monta-se em cima; todavia é preciso um grande esforço ou que alguém ajude a montar. E saibam que o elefante não leva rédeas, nem cabresto nem coisa alguma atada à cabeça.

CAPÍTULO COMO SE GERAM OS ELEFANTES

Os ditos elefantes, quando querem gerar, vão para lugar secreto, isto é, para a água, em certos pântanos, e ali se conjugam, como fazem os homens e as mulheres. E em alguns países vi que o mais rico presente que se pode fazer a um Rei são os órgãos genitais dum elefante, para ele comer, porque em alguns países um elefante vale cinquenta ducados e noutros até mil e dois mil ducados. Concluindo, digo que vi alguns elefantes com mais engenho, discrição e sentimento que certas classes de gente que eu encontrei. O dito Rei de Narsinga é o Rei mais rico que eu tenho ouvido nomear. A cidade está situada como Milão, mas não num plano. Ali é a sede do Rei, e o seu Reino é como o Reino de Nápoles, ou como Veneza, de modo que tem o mar de dois lados. Dizem os seus Brâmanes, ou seja, os seus sacerdotes, que ele tem todos os dias doze mil pardaus de entrada, e combate continuadamente com diversos Reis Mouros e Gentios. A sua fé é a idolatria, adorando o diabo, como fazem os de Calecute; quando chegar a ocasião, diremos como o adoram. Vivem como Gentios, e o seu vestuário é este: os homens de bem usam uma camisa curta, e na cabeça um barrete à mourisca; nos pés não usam nada. Os do povo miúdo andam todos nus, só trazendo um pano para tapar as vergonhas. O Rei traz um barrete de dois palmos, e quando anda em guerra uma veste cheia de algodão; põe sobre esta outra veste toda coberta de lâminas de ouro, com jóias de toda a espécie. O seu cavalo vale mais do que uma das nossas cidades, por causa dos ornamentos que leva. E quando cavalga por prazer, vão sempre com ele três ou quatro Reis e muitos Senhores com cinco ou seis mil cavalos. Do que se pode inferir o poder que ele tem. A sua moeda é o *pardau*, como eu disse; bate ainda algumas moedas de prata chamadas *tare* e outras de ouro, valendo cada uma vinte, chamadas *fanon*. Das pequenas de prata são necessárias dezasseis por cada *fanon*. Têm ainda outra moeda chamada *cas*, dezasseis das quais valem um *tare* de prata. Neste Reino pode-se ir seguramente a toda parte, mas é preciso guardar-se dos leões que se encontram no caminho. Não falarei agora da sua comida, pois sendo a mesma que em Calecute, falarei dela quando estivermos nesta cidade. Este Rei é muitíssimo amigo dos Cristãos, especialmente de

El-Rei de Portugal, porque de outros Cristãos não tem muitos conhecimentos. Nas suas terras tributam grandíssimas honras aos Portugueses, quando lá chegam. Depois de termos visto por alguns dias uma cidade tão nobre, voltámos a Cananor, e depois de lá termos ficado três dias, tomámos o caminho por terra, e fomos a uma cidade chamada Tormapatani.

CAPÍTULO DE TORMAPATANI CIDADE DA ÍNDIA, DE PANDARANI, TERRA A UMA JORNADA, E DE CAPOGATTO, SEMELHANTE A ESTA

Tormapatani [46] fica a doze milhas de Cananor, sendo Senhor dela um Gentio. A terra não é muito fértil, e fica a uma milha do mar, tendo um rio não muito grande. Aqui há muitos navios de mercadores Mouros. A gente da terra vive miseràvelmente, sendo a maior riqueza dela as nozes da Índia, que comem junto com um pouco de arroz. Têm muita abundância de madeira para fazer navios. Vivem nesta terra uns quinze mil Mouros, que todavia estão submetidos ao Sultão, que é Gentio. Não lhes digo agora a sua maneira de viver, sendo a mesma de Calecute. Não há casas muito boas, valendo uma delas meio ducado, como lhes direi mais adiante. Ficámos aqui dois dias e depois partimos para uma terra que se chama Pandarani [47] e fica a uma jornada, estando submetida ao Rei de Calecute. Esta terra é feia e não tem porto. Em frente dela, a umas três léguas, no mar, está uma ilhota desabitada. O viver e os

(46) Terra também chamada Dormapatam, Dermopatam e Tarmopatan.

(47) Pandarane.

costumes de Pandarani são como os de Calecute. Esta cidade não é plana e está situada a certa altitude. Daqui partimos e fomos para outro lugar chamado Capogatto [48], também submetido ao Rei de Calecute. Há um lindíssimo palácio feito à antiga e um pequeno rio em direcção ao meio-dia, distando de Calecute quatro léguas. Aqui não há nada para dizer, tendo os costumes e a maneira de viver de Calecute. Finalmente partimos e fomos à mui nobre cidade de Calecute. Eu não vos descrevi a vida, os costumes, a fé, a justiça e os hábitos das cidades de Chaúl, de Dabul e de Batacala, nem do Rei de Onor, nem do de Mangalor, nem do de Cananor, nem do Rei de Cochim, nem do Rei de Caicolon, nem do de Colon [49]; nada disse, também, do Rei de Narsinga. Agora quero falar do de Calecute, porque ele é o Rei mais digno de todos os que acima foram nomeados e se chama Samorim, que significa, em língua gentia, Deus na terra [50].

(48) Capocate.

(49) Caicola e Coulam no mapa do «Theatrum».

(50) No texto, *Samory*.

Livro Segundo da Índia

Tendo chegado quase à cabeça da Índia, isto é, ao lugar da sua maior dignidade, pareceu-nos dever pôr fim ao primeiro livro e dar princípio ao seguinte, em que ofereceremos aos benignos leitores coisas de maior interesse e de maior consolação para o intelecto e a alma, na medida em que a desejada fadiga de viajar pelo mundo nos ajudar e nos servir o engenho, submetendo sempre tudo ao juízo dos homens que porventura tenham visto mais terras do que nós.

CAPÍTULO DE CALECUTE, GRANDÍSSIMA CIDADE DA ÍNDIA

Calecute está em terra firme; o mar bate contra os muros das casas. Aqui não há porto; mas a uma milha da terra, do lado do meio-dia, há um rio que é estreito ao desembocar no mar e não tem senão cinco ou seis palmos de água; dentro de Calecute divide-se em muitíssimas ramificações.

Esta cidade não tem muros em volta; mas a zona das habitações compactas tem mais ou menos uma milha, havendo depois casas dispersas por mais seis milhas. As casas não são grande coisa, tendo os muros tão altos como um homem a cavalo, e sendo quase na totalidade cobertas com folhas e sem sobrados. A razão é que, cavando a terra quatro ou cinco palmos, se encontra água; o que não permite que se façam grandes habitações. Todavia, as casas dos mercadores valem quinze ou vinte ducados; as do povo miúdo valem meio ducado cada uma, ou um ducado ou dois, o máximo.

CAPÍTULO DO REI DE CALECUTE E DA SUA RELIGIÃO

O Rei de Calecute é Gentio, e adora o diabo da maneira que vou dizer. Eles confessam que há um Deus que criou o céu, a terra e todo o universo, dizendo que, se ele nos quisesse julgar, ninguém gostaria de ser Senhor; mas que ele mandou este seu espírito, ou seja, o diabo, para administrar a justiça no mundo, fazendo bem a quem pratica o bem e mal a quem pratica o mal. Ao diabo chamam-lhe o *Deumo* (51), a Deus chamam-lhe *Tamerani* (52). E este Deumo tem-no o Rei de Calecute no seu palácio, num tabernáculo que mede dois passos de lado e três de altura, com uma porta de madeira toda entalhada com diabos em relevo. No meio deste tabernáculo está um diabo de metal sentado numa cadeira também de metal. Tem uma tríplice coroa, feita como a tiara papal, e ainda quatro chifres e quatro

(51) *Dewa, dev, deb, deo* significa divindade, ídolo.

(52) Isto é, Senhor.

THEATRUM de Ortelius

INDIAE ORIENTALIS

INSULARUMQUE ADIACENTIUM

(págs.111 - 63).

dentes, uma enormíssima boca e olhos tremendíssimos; as mãos são como garras e os pés como os dos galos, de modo que é mesmo uma coisa medonha. As pinturas em volta do tabernáculo representam todas diabos, estando de cada lado um Satanás sentado numa cadeira, circundado por uma labareda, em que se vê uma grande quantidade de almas de meio dedo e um dedo de comprimento. O dito Satanás segura uma alma na boca com a mão direita, e com a outra tira outra alma de baixo de si. Todas as manhãs os Brâmanes, isto é, os Sacerdotes, lavam o dito ídolo com água odorífera e perfumam-no; depois de o terem perfumado, adoram-no. E às vezes, durante a semana, fazem este sacrifício: oferecem uma mezinha feita e enfeitada à maneira dum altar, de três palmos de altura, quatro de largo e cinco palmos de comprimento, estando ela muito bem ornada com rosas, flores e outras gentilezas, e tendo por cima um vaso de prata com sangue de galo, brasas e muitos perfumes. Têm ainda um turíbulo no qual queimam incenso em volta desse altar, uma campainha de prata, que tocam muitas vezes, e uma faca de prata, a que serviu para matar o galo, que eles tingem no sangue, pondo-a às vezes por cima do fogo, outras vezes fazendo com ela gestos, como se quisessem esgrimir. Finalmente, queima-se o sangue, havendo velas de cera acesas durante toda a cerimónia. O Sacerdote que quer fazer o sacrifício põe nos braços, nas mãos e nos pés umas armelas de prata que fazem muitíssimo ruído, como chocalhos, e um penduricalho ao pescoço (o que seja não sei); [53] quando acaba de fazer o sacrifício, com as duas mãos cheias de

---

[53] Um amuleto chamado *lingam*, opina Giudici (pág. 209) citando J. A. Dubois: *Moeurs, institutions et cérémonies des peuples de l'Inde.* Paris, 1825, Tomo I, pág. 147.

trigo afasta-se do altar, recuando sempre, com a cara voltada para este, até chegar a uma certa árvore; chegando aí atira aquele trigo por cima da sua cabeça, o mais alto que pode, para os ramos da dita árvore; finalmente, volta e leva tudo o que há no altar.

CAPÍTULO ACERCA DA COMIDA DO REI DE CALECUTE

Quando o Rei de Calecute quer comer, observa estas praxes. Devem saber que quatro Brâmanes dos principais tomam a comida destinada ao Rei e levam-na ao diabo, adorando-o, primeiro, desta maneira: levantam as mãos juntas sobre a cabeça; depois baixam as mãos com os punhos fechados e o polegar erguido, apresentando a comida e ficando o tempo que gastaria uma pessoa para comer; depois levam a comida para o Rei. E isto faz-se só para honrar aquele ídolo, não querendo o Rei comer antes que a comida seja apresentada ao Demo. A comida, que é arroz e outras coisas, vem servida numa bacia de madeira que tem no fundo uma grande folha de árvore; a comida está posta sobre essa folha. O Rei come no chão, sem qualquer outra coisa, e quando come, os Brâmanes ficam em pé, com grande reverência, três ou quatro passos afastados dele, curvados e com as mãos sobre a boca; quando o Rei fala ninguém deve falar, e escutam com grande respeito as suas palavras. Logo que o Rei acaba de comer, os Brâmanes pegam na comida que fica e levam-na a um pátio; ali batem três vezes as mãos e àquele sinal vem uma grande quantidade de gralhas pretas que comem os restos. Estas gralhas estão acostumadas a isto, e vivem livres, indo para onde querem, sem que lhes façam mal algum.

CAPÍTULO DOS BRÂMANES, OU SEJA, DOS SACERDOTES DE CALECUTE

É conveniente e interessante saber ainda, quem são estes Brâmanes. Saibam que eles são os principais dignitários da religião, como entre nós os Sacerdotes. Quando o Rei casa, escolhe o mais digno e honrado destes Brâmanes e fá-lo dormir a primeira noite com a sua esposa, para que lhe tire a virgindade. Mas não julguem que o Brâmane vai de boa vontade fazer tal coisa: é preciso que o Rei lhe pague quatrocentos ou quinhentos ducados, e isto, em Calecute, só o Rei o faz e mais ninguém. Agora falaremos de quantas castas de Gentios há em Calecute.

CAPÍTULO DOS GENTIOS DE CALECUTE E DE QUANTAS CASTAS ELES SÃO

A primeira casta dos Gentios de Calecute são os *Brâmanes;* a segunda os *Naires,* que correspondem aos nossos fidalgos e são obrigados a usar espada, rodela, arcos ou lanças; se saíssem à rua sem armas não seriam mais fidalgos. A terceira casta são os *Tiva,* ou seja, os obreiros; a quarta os *Mechoa,* ou seja, os pescadores; a quinta os *Poliar,* e estes são os que recolhem a pimenta, as uvas e as nozes. A sexta casta são os *Hirava.* que semeiam e recolhem o arroz. Estas duas últimas classes, isto é, os Poliar e os Hirava, não se podem aproximar dos Naires nem dos Brâmanes mais de cinquenta passos, salvo se forem chamados por eles. Por isso andam sempre pelos lugares ocultos e pelos pântanos, gritando em voz alta, para não se encontrarem com os Naires ou os Brâmanes. Fazem isto porque,

se algum Naire fosse por acaso ver os seus frutos e os encontrasse, poderia matá-los sem receber pena alguma. Há, pois, seis castas de Gentios.

CAPÍTULO DA MANEIRA DE VESTIR DO REI DA RAINHA E DOS OUTROS DE CALECUTE E DA COMIDA DELES

O Rei, a Rainha e todos os outros nativos, andam nus e descalços, com um pano de algodão ou de seda em volta das vergonhas, e sem nada na cabeça, salvo alguns mercadores Mouros que usam uma camisola curta até à cintura. Mas todos os Gentios andam sem camisa; também as mulheres andam nuas e descalças, como os homens, e usam tranças compridas. O Rei e os gentis-homens não comem carne sem licença dos Brâmanes; mas os outros comem carne de toda a qualidade, a não ser carne de vaca. Os Hiravas comem ratos e peixe seco ao Sol.

CAPÍTULO DAS CERIMÓNIAS QUE FAZEM DEPOIS DA MORTE DO REI

Morto o Rei, e tendo ele filhos, ou irmãos, ou sobrinhos por parte de irmãos, não ficam Reis os filhos nem o irmão nem os sobrinhos, mas fica herdeiro, isto é, Rei, o filho duma das suas irmãs, e não tendo filhos as irmãs, fica Rei o parente mais próximo do Rei. Isto procede do facto de terem os Brâmanes a virgindade da Rainha. Da mesma forma, quando o Rei vai cavalgar, os Brâmanes ficam em casa com a Rainha, mesmo que sejam Brâmanes de vinte anos, e o Rei haveria por suma graça que eles o substituíssem junto da Rainha; por causa disso, dizem ser muito mais

certo terem o Rei e a irmã nascido ambos dum corpo, do que serem dele os seus próprios filhos. Por este motivo a herança vai para os filhos da irmã. Depois da morte do Rei todos os do Reino rapam a barba e a cabeça, deixando parte dos cabelos e da barba, segundo a vontade das pessoas; os pescadores não podem pescar por oito dias. Quando morre um parente próximo do Rei, este faz voto de não dormir por um ano com mulheres, ou de não comer betles, que são como as folhas de laranjeiras azedas, que eles comem continuamente, mais por gosto que por outra coisa, e são para eles como para nós as guloseimas. Quando comem as ditas folhas, comem juntamente um certo fruto chamado areca ([54]), cuja árvore se chama arequeira, e se parece com uma planta de tâmaras, assim como os frutos se parecem com as tâmaras. Comem também, com as ditas folhas, uma espécie de caliça de cascas de ostras que eles chamam *ciorama*.

CAPÍTULO DE COMO OS GENTIOS TROCAM ALGUMAS VEZES AS SUAS MULHERES

Os gentis-homens e os mercadores Gentios têm entre eles este hábito. Imaginem-se dois mercadores muito amigos e cada um com mulher; um deles dirá ao outro assim: «*Iangal perganal menaton ondo?*», isto é: «Fomos amigos por muitíssimo tempo?» O outro responderá: «*Hognan perga manaton ondo*», isto é: «Sim, eu fui por muito tempo teu amigo». Diz o outro: «*Nipatanga ciolli?*», isto é: «Dizes a verdade?» Responderá o outro: «*Ho*», isto é, «digo». Diz o primeiro: «*Tamarani?*», isto é: «Por Deus»? Responde o outro: «*Tamarani!*», isto é: «Por Deus!» Diz um: «*In*

([54]) *Coffolo*, no texto. V. Notas, pág. 92.

penna conda gnan penna cortu», isto é: «Troquemos as mulheres: «Dá-me tu a tua mulher e eu dar-te-ei a minha». Responde o outro: «*Ni pantagacciolli?*», isto é: «Dizes isso a sério?» Responde o outro: «*Tamarani*», isto é: «Por Deus». Responde o companheiro e diz: «*Biti banno*», isto é: «Vem a minha casa». E logo que chegam a casa, chama a sua mulher e diz-lhe: «*Penna ingaba idocon dopoi*», isto é: «Mulher, vem cá, vai com este, pois ele é o teu marido». Pergunta a mulher: «*E indi*», isto é: «Porquê? Falas a verdade?» «Por Deus, *Tamarani*», responde o marido: «*ho gran patanza ciolli*», isto é: «Digo a verdade». Diz a mulher: «*Perga manno*», isto é: «Gosto, *gnan poi*», isto é: «Já vou». E assim cada uma vai para sua casa com o seu companheiro. O amigo diz, depois, à sua mulher que vá com o outro, e dessa forma trocam as mulheres e os filhos ficam com os respectivos pais. Entre as outras castas dos Gentios atrás nomeadas uma mulher tem cinco, seis e sete maridos, e oito também; um dorme com ela uma noite, os outros nas outras noites, e quando a mulher tem filhos, ela diz de quem são os filhos, e eles ficam pelo que a mulher diz.

CAPÍTULO DA MANEIRA DE VIVER E DA JUSTIÇA DOS GENTIOS

Os ditos Gentios comem sentados no chão, numa bacia de metal, usando por colher uma folha de árvore, e a comida consiste em arroz, peixe, especiarias e frutos. Os das castas dos vilãos comem com a mão na panela, e quando tiram o arroz põem a mão sobre a dita panela e fazem com o arroz uma bola que metem na boca. Quanto à justiça que ali se pratica, para castigar quem mata outra pessoa, o Rei faz preparar um pau de quatro passos de comprimento, bem

aguçado na ponta, e com mais duas varas em cruz, dois palmos abaixo da extremidade. Faz agarrar depois o delinquente, e enfiá-lo naquele pau, de forma a ficar com o corpo trespassado sobre a dita cruz, e assim o fazem morrer. Chamam a este suplício *uncaluet*. Aos que fazem feridas ou batem noutros, o Rei faz pagar uma indemnização, e assim os absolve. Quando algum mercador deve receber dinheiro de outro mercador, e a dívida está registada pelos notários do Rei, que são bem um cento, usa-se assim: suponhamos que alguém me deve vinte e cinco ducados e que me promete muitas vezes de mos dar e nunca mos dá. Eu, não querendo esperar mais nem conceder novo prazo, pegarei num ramo verde e muito devagarinho irei atrás do meu devedor, e procurarei fazer em volta dele, com o dito ramo, um círculo no chão. Se o puder fechar nesse círculo, direi três vezes estas palavras: «*Bramini raza protha poile*», isto é: «Eu te ordeno pela cabeça dos Brâmanes e do Rei que tu não saias daqui sem me pagares e entregares tudo o que devo receber de ti». Ele ou me satisfará ou morrerá ali sem que ninguém lhe valha, porque, se saísse do dito círculo, o Rei mandava-o matar.

CAPÍTULO DA MANEIRA DE ADORAR DOS GENTIOS

Pela madrugada, estes Gentios vão-se lavar num *Tancho* [55], que é uma fossa de água morta, e depois de se lavarem não podem tocar em pessoa alguma até que façam a oração. Esta oração fazem-na eles na sua casa, em lugares secretos, com o corpo estendido no chão, acompanhando-a

(55) O nosso vocábulo *tanque* deriva precisamente dessa palavra do marata.

com gestos diabólicos e medonhos dos olhos e da boca. Dura isso um quarto de hora, e depois comem. E não podem comer, se a comida não for feita por mão de um gentil-homem, porque as mulheres cozinham apenas para elas próprias. Assim costumam fazer os gentis-homens. As mulheres, então, tratam de se lavar e perfumar, e todas as vezes que um homem quer praticar com uma, lava-se e perfuma-se muito delicadamente. Todavia andam sempre perfumadas e com as mãos, as orelhas, os pés e os braços carregados de jóias.

CAPÍTULO DA MANEIRA DE COMBATER DOS DE CALECUTE

Têm o hábito de esgrimir todos os dias com espadas, rodelas e lanças, e quando vão para a guerra, o Rei de Calecute tem contìnuamente cem mil pessoas de pé, porque aqui não se usam cavalos, mas só alguns elefantes para a pessoa do Rei. E todos levam uma faixa de seda vermelha atada à cabeça, estando armados de espadas, rodelas, lanças e arcos. O Rei usa um *sombler* como estandarte, e este *sombler* tem a forma de um fundo de barril, e é feito de folhas de árvores postas em cima duma cana, a fim de defender o Rei do Sol. Quando estão em batalha, e os exércitos ficam distanciados um do outro dois tiros de besta, o Rei diz aos Brâmanes: «Vão para o campo inimigo e digam ao Rei que saia com cem dos seus Naires e eu irei com cem dos meus. Assim se encontram a meio caminho e começam a combater desta forma: dão dois golpes à cabeça e um às pernas, seguindo sempre assim, embora fiquem a lutar três dias. Quando caem mortas quatro ou seis pessoas, os Brâmanes entram no meio e fazem voltar os bandos para os respectivos campos; dizem, depois, aos exércitos de ambas as

partes: «*Nur manezar banno?*» Responde o Rei: «*Matile*», isto é: «Não nos querem mal?» Diz o Brâmane: «Não». E assim faz a parte contrária. Eles combatem sempre cem de cada vez, e esta é a sua maneira de combater. Às vezes o Rei é transportado pelos elefantes, às vezes pelos Naires, e quando estes transportam o Rei vão sempre a correr, e seguem sempre muitos instrumentos a tocar. Os ditos Naires recebem, cada um deles, um ordenado de quatro carlinos ([56]) por mês, e no tempo de guerra meio ducado, vivendo do dito ordenado. Estes têm os dentes pretos por causa das folhas que eu já disse que eles comem. Quando os Naires morrem, fazem-nos cremar com grande solenidade, e alguns guardam as cinzas; mas os do povo miúdo são sepultados dentro da porta da sua casa, ou diante desta, ou nos seus jardins. As moedas da cidade são batidas aqui, como, já lhes disse, em Narsinga. E, porque no tempo em que eu me encontrava em Calecute estava ali grande número de mercadores de diversos reinos e nações, estando eu também desejoso de saber quem eram tantas e tão diversas pessoas, perguntei-o, responderam-me que muitos deles eram Mouros, e muitos também de Meca; parte de Bengala, alguns de Tenasserim, bastantes de Pegu, muitos do Coromandel, muitíssimos de Ceilão e Samatra, não poucos de Colão e Caicolon, numerosos de Batacala, Dabul, Chaúl, Guzerate e Ormuz; há, ainda, da Pérsia, da Arábia feliz, alguns da Síria, da Turquia e mais alguns da Etiópia e de Narsinga. No meu tempo havia mercadores de todos esses reinos. Devem saber ainda que os Gentios não navegam muito, mas que os Mouros são os que comerciam com as mercadorias; destes há em Calecute bem quinze mil, e são na maior parte nativos.

([56]) Moeda que vale a décima parte dum ducado.

CAPÍTULO DA MANEIRA DE NAVEGAR EM CALECUTE

Parece-me muito conveniente e oportuno declarar aqui como navegam ao largo da costa de Calecute, em que tempo, e como fabricam os seus navios. Os ditos navios são de quatro ou cinco pipas cada um e não têm coberta. Entre uma tábua e outra eles não põem estopa, mas unem tão bem aquelas tábuas que vedam muitíssimo bem a água. Depois untam-nas por fora com alcatrão, e seguram-nas com grandes quantidades de pregos de ferro. Não julguem, porém, que ali haja carestia de estopa, sendo trazida em abundância dos outros países; só o que é não a usam para os navios. Eles dispõem de madeira boa como a nossa e em maior abundância do que nós. As velas dos seus navios são de algodão; eles usam, porém, uma outra vela ao pé da principal, e abrem-na para tomar mais vento, de forma que têm duas velas, enquanto nós temos só uma. Usam, ainda, âncoras de pedra; isto é, as suas âncoras são blocos de pedra de oito palmos de comprimento e dois de lado, com duas grossas cordas. O tempo da navegação é este: da Pérsia até o Cabo de Cumerim, que é afastado de Calecute oito jornadas por mar, na direcção do meio-dia, pode-se navegar oito meses no ano, isto é, de Setembro até todo o mês de Abril; do primeiro de Maio até meados de Agosto, é preciso ter cuidado, porque as tempestades são grandíssimas, e violentíssima é a agitação do mar. Saibam que nos meses de Maio, Junho, Julho e Agosto chove sempre, noite e dia; não que chova continuadamente, mas chove todas as noites e todos os dias, vendo-se o sol muito pouco, neste período de tempo. Durante os outros oito meses nunca chove. Nos fins de Abril partem da costa de Calecute e passam o cabo Cumerim,

para entrar numa outra navegação que, nestes quatro meses, é segura, e vão à procura de especiarias miúdas. Os seus navios chamam-se *zambucos*, e são rasos por baixo; alguns outros são, por baixo, feitos como os nossos e chamam-se *capel;* alguns outros navios pequenos chamam-se *paraus*, e são de dez passos cada e duma só peça; estes andam com remos de cana e têm também o mastro de cana. Há outra classe de barcos pequeninos chamados *almadias*, igualmente duma só peça; há, finalmente, outra espécie de navios que andam à vela e a remos, são de uma só peça e têm um comprimento de dez ou catorze passos. São estreitos, ao ponto de não poderem ir neles dois homens a par, mas só um atrás do outro, e são aguçados em ambas as extremidades. Chamam-se *chaturos* (57) e andam à vela ou a remo mais do que as galés, fustas ou bergantins. São corsários de mar, e fabricam-se numa ilha aqui perto, chamada Porcai.

CAPÍTULO DO PALÁCIO DO REI DE CALECUTE

O palácio do Rei tem cerca duma milha de circuito; os seus muros são baixos, como eu já disse, com tabiques magníficos de madeira, talhados com diabos em relevo. O pavimento da casa é todo ornamentado com esterco de vaca. Vale a dita casa dois mil ducados aproximadamente. Já vos disse a razão pela qual não se podem escavar as fundações, por causa da água que está próxima. Não seria possível calcular o valor das jóias que usa o Rei, embora no meu tempo estivesse muito aborrecido por estar em guerra com o Rei de Portugal e ainda por ter o mal francês que lhe tinha atacado a garganta. Todavia, levava tantas jóias nas

(57) Ár. *Sciaktur*, barquinha.

orelhas, nas mãos, nos braços, nos pés e nas pernas que era coisa admirável de ver-se. O seu tesouro consiste em dois armazéns de lingotes de ouro e moedas cunhadas em ouro, que — diziam certos Brâmanes — nem cem machos poderiam carregar, e tinham sido deixados por dez ou doze Reis passados que as tinham acumulado pelas necessidades de estado. Tem ainda este Rei de Calecute uma caixa de três palmos de comprimento e um palmo e meio de altura, cheia de jóias de várias espécies.

CAPÍTULO DAS ESPECIARIAS QUE NASCEM EM CALECUTE

Na área de Calecute há muitas árvores de pimenta, e também na própria cidade, mas em pouca quantidade. O seu tronco é como o da videira, e tem, como a videira, necessidade de se apoiar a outra árvore, porque, por si própria, não poderia ficar em pé. Esta árvore faz como a hera, que vai subindo até onde chega a madeira ou a outra árvore a que se pode abraçar, e cria grande quantidade de ramos, tendo estes um comprimento de dois ou três palmos. As folhas são como as das laranjeiras azedas, mas mais estreitas, e nas costas são cheias de nervuras miúdas (58); em cada um desses ramos nascem cinco, seis e oito cachos aproximadamente do comprimento de um dedo de homem, e são como passas de uvas pequenas, mas com os grãos mais apertados, e verdes como os das uvas ainda não maduras. Assim verdes, no mês de Outubro ou também em Novembro,

(58) «Cresce tanto quanto he o arvore a que está arrimada e encostada, abraçandose com o arvore; a folha não he muyta grande, e he mais equena que de laranjeira. «Garcia da Orta», «Colloquios dos Simples», Vol. II, Pág. 243, Col. XLVI, Da pimenta.

apanham-nos e põem-nos a secar ao sol sobre certas esteiras, deixando-os por três ou quatro dias; a pimenta torna-se preta como se vê aqui entre nós e não é preciso fazer mais nada. Devem saber que eles nem podam nem cultivam esta planta que produz a pimenta. Neste lugar dá-se ainda o gengibre, que é uma raiz, chegando a ter quatro, oito e doze onças de peso. Quando cavam o pé da dita raiz tem um comprimento de três ou quatro palmos e é constituído como por pequenas canas. No mesmo buraco deixado pelas raízes que cavam, eles plantam um dos galhos que se parece com um nó de cana, e tapam-no com a mesma terra (59). Passado um ano, voltam a cavar e a plantar da maneira que se disse. Esta raiz nasce em terra vermelha, no monte ou na planície, como nascem os mirabolanos, dos quais há de toda a espécie. A planta parece-se com uma pereira pequena; produz o fruto como a pimenteira.

CAPÍTULO DE ALGUNS FRUTOS DE CALECUTE

Encontrei em Calecute uma qualidade de frutos chamada *jaca* (60). A planta que o produz é como uma pereira grande; o fruto tem dois palmos e meio de comprimento e é tão grosso como a coxa dum homem. Este fruto nasce no tronco da árvore; isto é, debaixo dos ramos, ou também no meio do tronco; a sua cor é verde e o seu aspecto como uma

(59) «Nasce em todos estes portos da India, scilicet, os que sabemos, se o semeão, porque tudo he semente e raiz; e não duvido haver algum que nasce sem se semear.» Garcia Osorio, «Colloquios», Vol. II, Pág. 6. Col. XXVI, Do gengibre.

(60) No texto, *ciaccara*. Diz Garcia da Orta (Colloquios, Vol. II, pág. 25, Col. XXVIII, Da Jaca): «Chamam-se em malabar *Jacás*, em canarim e guzerate, *panaz*».

pinha, mas com recortes mais miúdos, e quando começa a amadurecer a casca torna-se preta, e parece podre. Este fruto colhe-se em Dezembro, e quando se come parece comerem-se melões moscatéis, ou um pêssego, ou marmelo bem maduro, ou mesmo um favo de mel, sentindo-se também o sabor da laranja doce. O dito fruto tem, por dentro, umas membranas como as da romã, e entre as ditas membranas outro fruto que, posto sobre brasas e comido, em nada se distingue das mais saborosas castanhas ([61]); de forma que me pareceu o melhor fruto que eu comi e o mais extraordinário. Encontra-se aqui outro fruto que se chama *amba*, e a árvore que o produz, *manga* ([62]). A árvore é como uma pereira, e como uma pereira frutifica; a *amba* é como uma noz das nossas no mês de Agosto, e tem a mesma forma; quando está madura é amarela e luzidia. Dentro tem um caroço como uma amêndoa seca, e o sabor é muito mais agradável do que o dos damascos, fazendo-se deste fruto umas conservas, como nós fazemos com as azeitonas, mas muito mais perfeitas. Encontrei mais um fruto, parecido com um melão, com os gomos desenhados da mesma forma, encontrando-se dentro, quando se corta, três ou quatro grãos, parecidos com os bagos das uvas ou com as ginjas, e como estas de sabor acre; a árvore que o produz tem a altura dum marmeleiro, tendo as folhas semelhantes às deste. O

([61]) «He verde escuro, e todo cercado de espinhos mais pequenos que os do ouriço quacheiro; mas estes não picam, como o piquo dele: e não me parece bem comendo esta jaca senão ao cabo de comer, e entonces comereis as castanhas assadas deste mesmo pomo.» (Ibid.)

([62]) *Mangirera indica*, V. Garcia da Orta, Colloquios, Vol. II, pág. 99 e segs.

fruto chama-se *corcopal* ([63]) e é óptimo para comer e bom para remédio. Vi ainda outro fruto que é muito parecido com as nêsperas, mas é branco como uma maçã ([64]). Não me recordo do nome dele. Há frutos que se parecem, pela cor, com abóboras, tendo dois palmos de comprimento e com mais de três dedos de polpa. Para doçaria são muito melhores do que as abóboras e a cidra e são coisa muito especial; chamam-se *comolanga* ([65]) e crescem no chão, como os melões. Há nesta terra mais outro fruto muito singular chamado *malapolanda* ([66]), cuja árvore é da altura dum homem ou pouco mais, e tem quatro ou cinco folhas que são ao mesmo tempo ramos e folhas. Cada uma delas poderia abrigar um homem da água e do sol. No meio, rebenta um certo ramo que dá flores como os duma planta de favas, e produz depois no meio uns frutos dum palmo de comprimento, tão grossos como uma bengala. E quando querem cortar os ditos frutos não esperam que estejam maduros, porque amadurecem em casa. Cada ramo pode produzir mais ou menos duzentos, e todos se tocam uns nos outros. Deste fruto há três qualidades, chamando-se *cianchapalon* a primeira, com frutos de cor amarelada, a casca muito delgada, o sabor agradabilíssimo; a segunda chama-se *cadelapalon*, e é ainda superior à pri-

([63]) Na edição de 1510, *corcapel*. Trata-se talvez do mamão e da mamoeira.

([64]) O *caju*, talvez.

([65]) Talvez um melão da Índia, dos que no Malabar têm o nome de *calangari*, e que são chamados pelos Portugueses *patecas*. Diz Garcia da Orta, Obr. cit., Vol. II, pág. 135: «Segundo querem os Arabios e Persios esta fruta foy levada ás suas terras de qua da India; e por isso lhe chamam *batiec indi*, que quer dizer *melam da India*».

([66]) As bananas, evidentemente, chamadas *chincopalones* no Malabar.

meira; a terceira não presta para nada. Os frutos das duas primeiras qualidades são mais ou menos como os nossos figos, mas o seu sabor é mais delicado. A árvore só frutifica uma vez; mas tem sempre no seu pé cinquenta ou sessenta rebentos, que os donos vão transplantando sucessivamente, e cada um deles, depois dum ano, produz o seu fruto. Quando cortam os frutos muito verdes, costumam pôr por cima um pouco de cal para os fazer amadurecer mais depressa. Saibam que tais frutos se encontram em todas as estações do ano e em grande abundância, vendendo-se vinte por um quatrim. Da mesma forma, todos os anos há rosas brancas, encarnadas e amarelas, juntamente com flores singularíssimas.

CAPÍTULO DA ÁRVORE MAIS FRUTÍFERA QUE EXISTE NO MUNDO

Quero descrever outra árvore, a melhor do mundo: chama-se *tenga* (67) e parece uma palmeira das de tâmaras, podendo-se tirar dela dez utilidades. A primeira, é lenha para arder, e depois nozes para comer, cordas para navegar por mar, panos delgados que depois de tintos parecem de seda, bom carvão, vinho, água, azeite e açúcar; as folhas que se tiram quando cai algum ramo, servem para

(67) O coqueiro, chamado *tengamaram* no Malabar. Diz Garcia da Orta (Obr. cit., Vol. I, pág. 234, Coll. XVI, Do coquo): «E vindo aos nomes, diguo que se chama *maro*, e o fruto *narel;* e este nome *narel* he comum a todos, porque o usam os Persos e os Arabios; e Avicena lhe chama *janzialindi,* que quer dizer noz da India; e Serapio e Rasis chamam ao arvore *jaralnare*, que quer dizer arvore que dá coquos; e os Malabares chamam ao arvore *tengamaram* e o fruto, quando he maduro, se diz *tenga.*»

cobrir as casas, e resistem à água por meio ano. Se eu não lhes explicasse de que maneira se conseguem tantas coisas, nem o acreditariam nem o entenderiam. Cada uma das ditas árvores produz cem ou duzentas nozes como um ramo de tâmaras; a primeira casca dessas nozes serve de lenha para queimar; pegada à segunda casca há uma espécie de algodão ou de linho, que é cortado, para fazerem depois com o material de primeira escolha, uma fazenda que parece de seda, e com o outro cordas pequenas que por sua vez servem para fazer cordas grossas, próprias para serem usadas no mar; com a outra casca da dita noz faz-se óptimo carvão. Debaixo da segunda casca há o miolo da noz, muito bom para comer, sendo a sua grossura como a do dedo mínimo da mão. No meio da dita noz, quando começa a nascer, começa-se a criar dentro água, e quando a noz chega à maturação, está cheia, de modo que algumas têm quatro ou cinco copos, e essa água é magnífica para beber, parecendo água rosada, e é muitíssimo doce. Da noz extrai-se um óleo de perfeita qualidade, e assim tem sete utilidades. A um ramo da dita árvore não deixam produzir nozes, mas cortam-no no meio e fazem-lhe uma certa incisão com uma faca, pondo nessa incisão um líquido que faz sair um certo sumo. O dito sumo recolhem-no num recipiente de barro cozido que põem por baixo, podendo produzir uma árvore, num dia e numa noite, meia jarra. Põem-no, depois, ao lume, e fazem-no cozer uma, duas e três vezes, até dar uma espécie de aguardente que só cheirá-la, não digo bebê-la, faz alterar o juízo dos homens, e este é o vinho que se bebe aqui. De outro ramo da árvore recolhem também deste sumo, que transformam em açúcar por meio de fervura; mas não é muito bom. As ditas árvores têm sempre frutos, ou verdes ou secos, e produzem logo ao quinto ano. Há-as numa área de duzentas milhas, e todas

têm dono. É tal a utilidade dessa árvore que os Reis, embora tenham tido inimizade um com o outro e morto os filhos um do outro, algumas vezes fazem a paz; mas, se um Rei corta uma só dessas árvores que seja do outro, nunca lhe será perdoado. Saibam que a dita árvore vive vinte ou trinta anos e desenvolve-se em terrenos arenosos. Para a produzir, semeia-se uma das nozes; mas até que comece a rebentar, isto é, a nascer a plantinha, os homens devem-na descobrir ao acabar da tarde, a fim de que apanhe o frio da noite, e depois devem-na cobrir pela manhã cedo, para que o Sol não a encontre assim descoberta. Desta maneira se propaga e nasce aquela árvore. Actualmente há em Calecute grande quantidade de gergelim, do qual se extrai um óleo finíssimo.

CAPÍTULO DA MANEIRA QUE SEGUEM PARA SEMEAR O ARROZ

Os homens de Calecute, quando querem semear o arroz, observam este uso. Primeiro, aram a terra com os bois, à nossa maneira, mas quando semeiam o arroz no campo têm todos os instrumentos musicais da cidade que tocam contìnuamente, fazendo alegre barulho. Ao mesmo tempo, dez ou doze homens vestidos de diabos, juntamente com os músicos, fazem grande festa, para que o diabo faça produzir grande quantidade de arroz.

CAPÍTULO DOS MÉDICOS QUE VISITAM OS DOENTES EM CALECUTE

Quando algum mercador ou algum Gentio, está doente e se encontra in extremis vão com os ditos instrumentos e os homens vestidos de diabos visitar o doente, às

duas ou três horas da noite, levando, os tais vestidos de diabos, fogo na boca e em cada uma das mãos, enquanto têm, nos pés, duas andas de madeira da altura dum passo. Eles gritam e tocam os instrumentos de modo tal que, se uma pessoa não se sentisse mal, só com ver estes homens tão feios cairia no chão com medo, e são estes os médicos que vão visitar os enfermos. Estes, quando sentem o estômago muito cheio, pisam três raízes de gengibre, fazem uma taça de sumo e bebem-no. Passados três dias já não têm mal algum; seja como for, vivem verdadeiramente como animais.

CAPÍTULO DOS BANQUEIROS E CAMBISTAS

Os banqueiros e cambistas de Calecute têm alguns pesos e balanças tão pequeninas que o estojo em que estão e os pesos, não pesam juntos meia onça, e são tão exactos que não lhes escapa um cabelo. Eles têm os quilates como nós e têm como nós a pedra de toque, que usam da mesma forma; além disso, quando querem examinar alguma peça de ouro, servem-se de uma bola feita de uma composição especial, parecendo quase de cera, e com ela tiram o ouro da pedra de toque, depois examinam, na dita bola, a qualidade do ouro, e dizem: *«Idu mannu idu agá»*, isto é bom, isto não. Quando a bola está cheia do ouro que lá ficara da pedra de toque, então fundem-na e tiram o ouro todo. Os ditos cambistas são muito subtis na sua arte. Com respeito aos mercadores, quando eles querem vender ou adquirir as mercadorias por junto, fazem-no sempre servindo-se do *corretor*, ou seja do *lella*, isto é, do intermediário. Comprador e vendedor reunem-se e sentam-se; logo o *corretor*, pega numa toalha e segura-a com uma mão, à vista do público; com

a outra mão, ou melhor, com o indicador e o médio da outra mão, pega na mão direita do vendedor e tapa com a toalha a sua mão e a do vendedor. Desta forma, usando os dois dedos da mão, um e outro enumeram secretamente e sem falar desde um a cem mil ducados, chegando a um acordo sobre o preço, e só com tocarem as junturas dos dedos dizem sim ou não, quero tanto ou tanto. Quando o *corretor* tem entendido a vontade do vendedor, vai ter com o comprador, pega na sua mão da maneira que se disse, e tocando-lhe com os dedos diz por quanto o vendedor quer dar a sua mercadoria; o comprador, com dois toques de dedos responde: eu quero dar tanto, e assim estabelecem o preço. Para medir as especiarias usam a *bahar* (68), que pesa três dos nossos quintais; para os panos a *curia* (69). E assim também para as jóias. Uma *curia* tem vinte *farasolas* (70), pesando aproximadamente uma *farasola* vinte e cinco libras das nossas.

CAPÍTULO DE COMO OS POLIAR E OS HIRAVA CRIAM OS SEUS FILHOS

As mulheres destas duas classes de Gentios, isto é, os *Poliar* e os *Hirava*, criam os seus filhos ao peito durante três meses; depois fartam-nos de leite de vaca ou de cabra e, quando têm o estômago bem cheio, sem lhes lavarem nem o rosto nem o corpo, deixam-nos na areia desde manhã até à noite. Sendo eles mais negros que de outra cor, não se conhece se são pequenos búfalos ou ursinhos, parecendo mais animais contrafeitos nutridos pelo diabo; à noite volta a mãe

---

(68) Árab., *buhar*.
(69) Árab., *koraia*.
(70) Árab., *farasol*.

e dá-lhes o leite. Estes são os mais hábeis volteadores e corredores que há no mundo. Não quero deixar de falar das muitas qualidades de animais e pássaros que se encontram em Calecute, havendo ali leões, javalis, veados, lobos, vacas, búfalos, cabras e elefantes; mas estes não nascem aqui, sendo trazidos de outros lugares. Há muitos pavões selvagens e um número grande de papagaios, verdes alguns, outros com manchas vermelhas, sendo tantos que é necessário defender o arroz, para que eles não o comam. Cada um destes papagaios vale dois quatrins, e cantam muitíssimo bem. Vi ainda outra qualidade de pássaros chamados *saru*, que cantam muito melhor do que os papagaios, embora sendo mais pequenos. Aqui há muitas outras espécies de pássaros diferentes dos nossos, ao ponto de, pela manhã e à tarde, haver momentos em que nenhum prazer do mundo é tão grato como ouvir o seu canto. Na verdade, parece estar-se no Paraíso, por causa também de tantas árvores sempre verdes, e isso procede do facto de não se conhecer aqui demasiado frio nem demasiado calor. Nasce nesta terra grande quantidade de macacos, valendo cada um quatro *cassas*, ou seja, quatro quatrins. Eles causam muito prejuízo aos pobres homens que fazem o vinho de que falei. De facto, eles trepam à árvore, bebem o sumo recolhido nos recipientes e depois entornam os mesmos, atirando tudo o que não puderam beber.

CAPÍTULO DAS SERPENTES QUE SE ENCONTRAM EM CALECUTE

Há em Calecute uma espécie de serpentes tão grossas como um porco grande, com a cabeça muito maior que um porco, e quatro pés, sendo de quatro braças o seu com-

primento. Nascem em certos pântanos (71). Os da terra dizem que não têm veneno, mas que são animais muito maus, e fazem dano às pessoas à força de dentes. Aqui se encontram outras três qualidades de serpentes, tão venenosas que basta que toquem numa pessoa, fazendo-lhe sangue, para esta cair morta, como aconteceu muitas vezes no meu tempo, sendo numerosas as pessoas atingidas pelas suas mordidelas. Das ditas serpentes há algumas como áspides, outras como cobras pretas e outras ainda três vezes maiores do que as cobras; de todas estas qualidades há um número muito grande. Saibam ainda que quando o rei de Calecute sabe de algum lugar onde costumam estar esses feios bichos, faz construir para eles uma pequena casa em que não entre água, e, se alguma pessoa mata um, é logo castigado com a morte, assim como se castiga com a morte quem mata uma vaca. Dizem eles que as ditas serpentes são espíritos de Deus, e que, se não fossem assim, Deus não lhes teria dado tal força que uma pessoa apenas mordida por elas logo caia morta. Por esta razão há muitos destes bichos que os Gentios conhecem e não se guardam deles. No meu tempo, um entrou uma noite numa casa e mordeu nove pessoas que foram encontradas, na manhã seguinte, mortas e inchadas. Quando os Gentios vão de viagem e encontram algum desses bichos consideram esse encontro como de bom agoiro.

CAPÍTULO DOS CANDEEIROS DO REI DE CALECUTE

Na casa do Rei de Calecute há muitas salas; nelas, logo que anoitece, têm dez ou doze candeeiros feitos de metal fundido, em forma de fonte, da altura de uma pessoa.

(71) São os crocodilos, evidentemente.

Cada um desses candeeiros tem três vasos em que põem o azeite e os pavios de algodão acesos todos em volta; o primeiro está a dois palmos do chão; por cima deste há outro mais pequeno, também com azeite e pavios acesos, e por cima do segundo outro vaso ainda mais pequeno, também com azeite e pavios acesos. O pé deste candeeiro tem a forma dum triângulo, e em cada uma das faces há três diabos em relevo, verdadeiramente medonhos; são esses os escudeiros que alumiam o Rei. Quando morre alguma pessoa que seja seu parente, o Rei, acabado o ano do luto, manda convidar todos os principais Brâmanes do seu Reino e também convida Brâmanes de outros Países, fazendo durante três dias grandes banquetes. A sua comida é arroz feito de várias maneiras e muita carne de javali e de veados, sendo eles grandes caçadores. Passados os três dias, o Rei dá a cada um dos Brâmanes principais três, quatro ou cinco pardaus, e cada um volta para a sua casa. Todos os súbditos do Rei rapam a barba de alegria.

CAPÍTULO DE COMO, NO DIA VINTE E CINCO DE DEZEMBRO, VAI MUITA GENTE A CALECUTE PARA RECEBER O PERDÃO

Perto de Calecute há um templo no meio dum *tancho*, ou seja duma fossa de água, feito à antiga, com duas ordens de colunas como é S. João em Roma. Nesse templo há um altar de pedra em que se faz o sacrifício, e entre as colunas da ordem inferior algumas barquinhas de pedra de dois passos de comprimento, cheias de um certo óleo chamado *enna*. À beira desse *tancho* há muitíssimas árvores, todas da mesma espécie, nas quais estão penduradas inúmeras luzes acesas; igualmente há muitíssimos candeeiros de azeite

em volta do templo. No dia vinte e cinco de Dezembro todo o povo da região que fica a quinze jornadas — falo só dos Naires e Brâmanes — vai a este sacrifício. Primeiro lavam-se no dito *tancho;* depois os Brâmanes principais do Rei põem-se a cavalo nas barquinhas de que se falou, e com o óleo contido nelas ungem a cabeça de todo aquele povo; finalmente fazem o sacrifício sobre o altar. No fundo, num dos lados desse altar, está um grande Satanás, que todos vão adorar, antes de retomar o seu caminho. Neste tempo, a terra está livre e franca por três dias, isto é, não podem vingar-se uns dos outros. E na verdade nunca eu vi tanta gente junta, a não ser em Meca. Parece-me agora ter falado bastante sobre os costumes e a maneira de viver, a religião e os sacrifícios de Calecute; pelo que, partindo daqui, descrever-vos-ei o resto da minha viagem passo a passo, juntamente com todas as ocorrências que se deram.

Livro Terceiro da Índia

Vendo o meu companheiro Cogiazenos que lhe seria impossível vender a sua mercadoria, não havendo mercadores nem chegando os que tinham o hábito de lá ir e isto por estar Calecute desorganizada pelo Rei de Portugal, pensámos partir de lá. A causa foi que o Rei consentiu aos Mouros que matassem quarenta e oito Portugueses, que eu próprio vi mortos; por isso o Rei de Portugal está sempre em guerra e matou e mata todos os dias muitíssimos deles, desfazendo a cidade. Assim partimos de lá e seguimos por um rio, o mais lindo dos que tenho visto, chegando a uma cidade chamada Caicolão, distante de Calecute cinquenta léguas. O Rei desta cidade é Gentio e não é muito rico; a maneira de viver, os hábitos e os costumes são como os de Calecute. Aqui chegam muitos mercadores por causa de haver muita pimenta e muitíssimo boa. Encontram-se nesta cidade alguns Cristãos dos de

S. Tomé ([72]), dos quais alguns são mercadores, crendo eles em Cristo, como nós. Dizem que cada três anos vai de Babilónia ([73]) um Sacerdote para os baptizar. Estes Cristãos fazem a quadragésima mais longa do que nós e a Páscoa como nós, tendo todas as nossas solenidades, mas dizem missa como os Gregos. Usam apenas quatro nomes: João, Jacob, Mateus e Tomé. A terra, o ar, o lugar, tudo é como em Calecute. Saímos de lá depois de três dias e fomos para outra cidade chamada Colão, vinte milhas distante. O Rei desta cidade é Gentio e muito poderoso, tendo vinte mil homens a cavalo e muitos archeiros e estando continuamente em guerra com outros Reis. Tem um lindo porto de mar, e nela não se dá o trigo, mas frutos como em Calecute e pimenta em grande abundância. Naquele tempo o Rei desta cidade era amigo do Rei de Portugal; mas, estando em guerra com outros, não nos pareceu bem demorarmo-nos aí, pelo que retomámos o nosso caminho por mar, e fomos a uma cidade chamada Cael ([74]), também do Rei, distante de Colão cinquenta milhas. Vimos aqui pescar as pérolas no mar, da maneira que se pescam em Ormuz.

([72]) Desses Cristãos que seguem a doutrina nestoriana, V. a história em Fr. António de Gouveia: «Jornada do arzebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menenezes ... quando foi ás Serras do Malavar e lugares em que morão os antigos Christãos de S. Tomé e os tirou de muitos erros». Coimbra, 1606. V. também no Prefácio.

([73]) Bagdad, sede do Patriarca nestoriano.

([74]) *Chayl*, no texto.

CAPÍTULO DE COROMANDEL, CIDADE DA ÍNDIA

Seguimos caminho e chegámos a uma cidade chamada Coromandel ([75]), posta à beira-mar e distante de Colão sete jornadas por mar, mais ou menos, conforme o vento. Esta cidade é muito grande e não é murada em volta; está situada em frente da ilha de Ceilão ([76]), além do cabo de Comerim, e está submetida ao Rei de Narsinga. Nesta terra recolhe-se grande quantidade de arroz, e é escala de imensos países, encontrando-se aqui muitos mercadores Mouros que vão e voltam por mercadorias. Aqui não há nenhumas especiarias, mas muitos frutos como os de Calecute. Encontrei alguns Cristãos, e eles disseram que o corpo de S. Tomé estava numa localidade afastada dali doze milhas, e tinha uma guarda constituida por alguns Cristãos. Acrescentaram que os Cristãos não podiam viver mais naquele país por motivo da chegada do Rei de Portugal, que matara muitos Mouros, tremendo toda aquela terra por causa do medo que tinha aos Portugueses. Pela dita razão, os pobres Cristãos não podem já viver aqui, mas são expulsos ou mortos secretamente, a fim de que nada chegue aos ouvidos do Rei de Narsinga, que é muito amigo dos Cristãos, e especialmente dos Portugueses. Um daqueles Cristãos contou-me ainda um milagre extraordinário que ouvira relatar ao pai, e que acontecera quarenta e cinco anos atrás, quando os Mouros tiveram uma peleja com os Cristãos havendo duma parte e da outra muitos feridos. Pois saibam que, naquela ocasião, um Cristão que ficara ferido num braço, só de tocar com o braço ferido na sepultu-

([75]) *Cioromandel*, no texto.

([76]) *Zeilon*, no texto.

ra de S. Tomé, ficou imediatamente curado, pelo que, daquele tempo em diante, o Rei de Narsinga fora sempre amigo dos Cristãos. O meu companheiro vendeu aqui algumas das suas mercadorias; mas por estar esta cidade em guerra com o Rei de Tarnassari, ficámos apenas uns dias e embarcámo-nos com alguns mercadores num navio dos que se chamam *champanas* ([77]), que são chatos por baixo, necessitam de pouca água para navegar e transportam muita mercadoria. Atravessámos um golfo de doze ou quinze léguas, muito perigoso por causa dos baixios e dos escolhos que ali há em grande número. Todavia, chegámos a uma ilha chamada Ceilão, que tem aproximadamente mil milhas de circuito, pelo que dizem os seus habitantes.

CAPÍTULO DE CEILÃO ONDE NASCEM AS JÓIAS

Nesta ilha de Ceilão há quatro Reis todos Gentios; não lhes descrevo todas as coisas da dita ilha porque, estando esses Reis em guerra entre si, não pudemos ali ficar muito tempo, nem pudemos ver ou ouvir muito; todavia, embora a nossa permanência tivesse sido de poucos dias, conseguimos ver o que agora vão ouvir. Primeiro, há grande número de elefantes, que ali nascem; vimos, depois, procurar os rubis a duas milhas do mar, onde existe uma montanha muito grande e muito comprida. Os rubis encontram-se ao pé da dita montanha; mas quando uma pessoa quer ir à procura deles deve antes falar com o Rei e comprar por cinco ducados um *molan* de terra, isto é, um pedaço de terra quadrado com uma braça de lado. Quando cava, depois, na dita terra, está sempre ali um homem

([77]) *Ciampane* no texto.

por conta do Rei, porquanto todas as pedras que excedem dez quilates quere-as o Rei para ele, deixando todo o resto. Encontram-se em grande quantidade, perto do dito monte, onde há um rio, granadas, safiras, jacintos e topázios. Nestas ilhas crescem os melhores frutos que eu vi, e especialmente alcachofras melhores que as nossas, laranjas doces, as mais saborosas, creio eu, que existem no mundo, e outros frutos como os de Calecute, mas muito melhores.

CAPÍTULO DA ÁRVORE DA CANELA

A árvore da canela é exactamente como o loureiro, especialmente pelo que se refere às folhas, e dá algumas bagas como o loureiro, mas menores e mais brancas. A canela, ou cinamomo, é a casca da dita árvore; eles cortam cada três anos os ramos e tiram a casca, mas nunca cortam a planta. Destas árvores há grande quantidade; mas a canela, quando é recolhida, não tem aquela perfeição que tem depois de alguns meses. Um mercador Mouro disse-nos que, no cume daquela enorme montanha, há uma caverna na qual uma vez por ano os homens da região vão fazer oração por crerem que Adão esteve lá em cima a chorar e a fazer penitência. Dizem que ainda se vêem as suas pègadas, de dois palmos de comprimento. Nesta terra não nasce arroz, trazendo-o do continente. Os Reis desta ilha são tributários do Rei de Narsinga, por causa do arroz que para eles vai da terra firme. Aqui o clima é muito bom e as pessoas de cor aleonada escura; não faz nem demasiado frio nem demasiado calor. Vestem à apostólica, usando uns panos de algodão ou de seda, e andam descalços. A ilha fica sob a linha equinocial, e os seus habitantes são muito belicosos. Não

usam artilharia, mas apenas espadas e lanças de cana, com as quais combatem entre si; mas não morrem muitos, porque são cobardes. Há aqui rosas e flores de toda a espécie, e as pessoas vivem mais do que nós. Uma tarde, quando estávamos no nosso navio, veio um homem da parte do Rei e disse ao meu companheiro que trouxesse os seus corais e o açafrão, de que ele tinha grande quantidade. Ouvindo essas palavras, um mercador da dita ilha, que era Mouro, disse em segredo ao meu companheiro: «Não vás, porque o Rei pagar-te-á as tuas coisas à sua maneira»; e disse assim com malícia, para evitar que o meu companheiro saísse, tendo ele a dita mercadoria. Todavia respondeu-se ao mensageiro do Rei que no dia seguinte o meu companheiro iria ter com sua Senhoria, e efectivamente, na manhã seguinte, tomou um navio e à força de remos dirigimo-nos para a terra firme.

CAPÍTULO DE PALECATE, TERRA DA ÍNDIA

No espaço de três dias, chegámos a uma terra chamada Palecate ([78]), a qual está submetida ao Rei de Narsinga. Nesta região faz-se grande tráfico de mercadorias e especialmente de jóias, vindas de Ceilão e de Pegu; há, ainda, muitos Mouros que mercam toda a qualidade de especiarias. Hospedámo-nos em casa de um mercador Mouro, dizendo-lhe donde vínhamos e que tínhamos para vender muitos corais, açafrão, veludo estampado e facas. O mercador, ouvindo que nós tínhamos tal mercadoria, ficou muito satisfeito. Esta terra abunda em tudo, tal como em toda a Índia; mas não há trigo, tendo arroz com fartura. As leis, a maneira de viver, os hábitos e os costumes

([78]) *Paleachet*, no texto.

são como se usa em Calecute; a gente é belicosa, embora não tenha artilharia alguma. Estando esta terra em guerra com o Rei de Tarnassari, não nos pareceu prudente ficar muito tempo, e depois de poucos dias tomámos caminho para a cidade de Tenasserim ([79]), que é mil milhas distante daqui e à qual chegámos depois de catorze jornadas por mar.

CAPÍTULO DE TENASSERIM, CIDADE DA ÍNDIA

A cidade de Tenasserim fica à beira-mar, em terra plana, é bem murada e tem um bom porto, constituido por um rio, da parte norte. O Rei desta cidade é Gentio, e é um potentíssimo senhor, estando continuamente em guerra com o Rei de Narsinga e com o de Bengala. Tem cem elefantes armados, os melhores que eu tenho visto, e mantém constantemente em pé de guerra cem mil homens, parte a pé, parte a cavalo. As suas armas são umas espadas pequenas, rodelas feitas, algumas com conchas de tartaruga, outras à maneira de Calecute, arcos e lanças de cana e de madeira; quando vão para a guerra levam uma veste estofada de algodão. As casas desta cidade são bem cer-

([79]) No texto há duas vezes *Tarnassari;* mas trata-se evidentemente de duas cidades diversas: a primeira, aquela cujo Rei estava em guerra com o Rei de Palecate, fica ali perto, a pouco mais duma jornada; a segunda, isto é, a cidade aonde se dirigiu o Viajante, e que ele diz ficar a bem catorze jornadas por mar e a mil milhas de distância, não pode ser senão *Tenasserim,* porto do Sião. E que é mesmo assim prova-o a própria extensão dada pelo escritor à descrição dos costumes e das coisas da cidade; o que não seria concebível se se tratasse de outra cidade do Coromandel, depois do que ele disse de Calecute. E se Varthema põe também esta cidade na Índia, isso não deve causar-nos admiração, porquanto tudo é Índia para ele: até Malaca.

cadas de muros e a situação é muito boa, e muito parecida com a das nossas cidades; dá-se aqui bom trigo e algodão, fazendo-se ainda seda em grande quantidade. Há muito pau-preto e muitos frutos, sendo alguns como as nossas peras e as nossas maçãs, laranjas azedas, limões, cidras e abóboras em abundância. Aqui vêem-se jardins lindíssimos, tendo dentro muitas gentilezas.

CAPÍTULO DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS E SELVAGENS DE TENASSERIM

Nesta terra de Tenasserim há bois, vacas, ovelhas e cabras com fartura, javalis, veados, corças, lobos, gatos de algalia, leões em grande quantidade, falcões, açores, papagaios brancos e outros doutra raça que têm sete cores, lindíssimos. Aqui há lebres, há estarnas, mas não como as nossas, e ainda uma raça de aves de rapina muito maiores do que as nossas, fazendo-se com a parte superior do bico cabos de espadas. Esse bico é amarelo e encarnado, muitíssimo agradável à vista, e a cor do pássaro é preta, encarnada, e com algumas penas brancas. Nascem aqui as maiores galinhas e os maiores galos que eu vi, sendo uma daquelas galinhas maior do que três das nossas. Nesta terra vimos muitas coisas que produziram em nós grande prazer, especialmente na rua onde moram os mercadores Mouros, que fazem combater alguns galos, apostando os donos destes galos cem ducados pelo que combate melhor. E vimos combater dois cinco horas seguidas, ficando afinal ambos mortos. Aqui se encontra ainda uma raça de cabras muito maiores do que as nossas e muito mais belas, que têm sempre quatro cabritos de cada vez. Por um ducado vendem-se dez e doze carneiros bons. E há outra raça de carneiros com

os chifres como os do veado; são maiores do que os nossos e combatem terrìvelmente. Há ainda búfalos muito mais disformes do que os nossos e grande quantidade de peixes, bons como os nossos. Vi um osso de peixe que pesava mais de dez quintais. Quanto à comida, os Gentios comem toda a espécie de carne, excepto a bovina, e comem sentados no chão, sem toalhas, em alguns vasos de madeira muito lindos; quem pode bebe água açucarada. Dormem muito alto acima do chão, em boas camas de algodão, com cobertores de seda ou de algodão. Vestem à apostólica, com um pano acolchoado de algodão ou de seda. Alguns mercadores usam lindíssimas camisas de seda ou de algodão; geralmente não levam nada nos pés, excluindo os Brâmanes, que usam ainda na cabeça um barrete de seda ou de pêlo de camelo de dois palmos de comprimento. Na extremidade do dito barrete tem uma coisa como uma bolota, e à volta toda trabalhada em ouro. Usam, ainda, duas fitas de seda de mais de dois dedos de largura, que lhes pendem sobre o pescoço e muitas jóias nas orelhas, não trazendo nenhuma nos dedos. A cor da gente de cá é meia branca, sendo o clima um pouco mais frio do que em Calecute, e as estações como as nossas, assim como as searas.

CAPÍTULO DE COMO O REI FAZ DESVIRGINAR A SUA MULHER, PROCEDENDO DA MESMA MANEIRA OS OUTROS GENTIOS DA CIDADE

O Rei da dita cidade não faz desflorar a mulher dele pelos Brâmanes, como faz o Rei de Calecute, mas por homens brancos, sejam eles Cristãos ou Mouros, com a condição de não serem Gentios. E também os Gentios, antes de levarem a esposa para casa, procuram um homem branco,

qualquer que seja a sua língua, e conduzem-no à sua casa a fim de que tire a virgindade à sua mulher. E isso aconteceu-nos também. Quando chegámos a esta cidade, encontrámos por acaso três ou quatro mercadores que começaram a falar desta maneira com o meu companheiro: «*Iangalli nipardesi?*», isto é: «Amigo, sois forasteiros?» Respondeu ele: «Somos». Disseram os mercadores: «*Ethera nali ni banno?*», isto é: «Há quantos dias estais nesta terra?» Respondemos: «*Mun nal gnad banno*», isto é: «Chegámos há quatro dias». Então um daqueles mercadores disse-nos: «*Biti banno gnam periga manathon ondo*», isto é: «Vinde para minha casa, pois nós somos muito amigos dos forasteiros». Ouvindo isto, fomos com eles. Depois do almoço, o mercador disse-nos: «Meus amigos, *patanci nale banno gnam penna periti ni penna orangono penna panni cortu*», isto é: «Daqui a quinze dias eu quero trazer aqui a minha mulher; um de vós dormirá com ela a primeira noite, e tirar-lhe-á a virgindade». Ouvindo tal coisa, ficámos bastante envergonhados. Disse então o nosso interlocutor: «Não tenhais vergonha, pois este é o costume da terra». Ouvindo isto, disse o meu companheiro: «Não nos façam outro mal, pois deste nós seremos contentes». Todavia pensámos que eles queriam troçar de nós. O mercador que nos viu assim em suspenso, disse: «*O iangalli maranconia ille ocha manczar irichenu*», isto é: «ó amigos, não fiquem tristes, pois toda esta terra usa assim». Conhecendo, afinal, que era assim mesmo, como nos confirmava um que estava connosco, exortando-nos a não termos medo, o meu companheiro disse ao mercador que estava contente de aceitar este trabalho. Então o mercador disse: «Eu quero que fiqueis na minha casa, e que vós, os vossos companheiros e as vossas coisas fique tudo aqui comigo, até eu trazer a mulher». Finalmente, foi

tão amável e insistiu tanto que todos nós, que éramos cinco, com as nossas coisas, fomos para casa dele. Daí a quinze dias este mercador conduziu a esposa, uma rapariga de quinze anos, e o meu companheiro dormiu a primeira noite com ela, fazendo ao mercador o que ele tinha pedido. Depois da primeira noite, porém, seria com perigo de vida voltar a estar com as mulheres, embora elas tivessem querido que a primeira noite durasse um mês. Os mercadores, depois de receberem um tal serviço de um de nós, muito gostosamente nos haveriam mantido quatro ou cinco meses à sua custa, porque as coisas valem pouco dinheiro, e também porque são homens muito generosos e joviais.

CAPÍTULO DE COMO SE GUARDAM OS CORPOS MORTOS NESTA CIDADE

Todos os Brâmanes e os Reis, depois da sua morte, são queimados. Nessa ocasião fazem um solene sacrifício ao diabo e guardam a cinza em certos vasos de barro cozido vidrado, que têm a boca estreita como uma escudela, enterrando depois aqueles vasos nas suas casas. Quando fazem o dito sacrifício fazem-no debaixo de algumas árvores à maneira de Calecute, e para queimar o cadáver acendem um fogo com as coisas mais odoríferas que se podem encontrar, tais como madeira de aloés, benjoim, sândalo, pau-preto, estoraque, âmbar, incenso e um lindo ramo de coral, que eles põem sobre o corpo; enquanto o corpo é destruído pelo fogo, todos os instrumentos da cidade tocam, e quinze ou vinte homens vestidos de diabos fazem uma grande festa. Está presente a esposa e mais nenhuma outra mulher, fazendo grandes prantos, e isto acontece à uma ou duas horas da noite.

CAPÍTULO DE COMO SE QUEIMA A MULHER VIVA DEPOIS DA MORTE DO SEU MARIDO

Nesta cidade de Ternasserim, quinze dias depois da morte do marido, a mulher manda um convite a todos os seus parentes e aos parentes do finado; depois vai com todos eles para o lugar onde foi queimado o marido, à mesma hora da noite. A mulher põe todas as suas jóias, e outros ornamentos de ouro no valor dos seus bens. No entretanto os parentes fazem cavar um fosso da altura de uma pessoa, e em volta dele põem um pano de seda sustido por quatro ou cinco canas; no fosso acendem um fogo como o que servira para queimar o marido. A mulher, depois de acabar o banquete, come muitas betles, e come tantas que perde o juízo, enquanto os instrumentos da cidade tocam e os ditos homens vestidos de diabos dançam, deitando fogo pela boca, como lhes disse em Calecute, e da mesma forma fazem sacrifício ao *Deumo*. Depois a mulher vai muitas vezes para cima e para baixo, dançando, junto com outras mulheres, e muitas vezes vai falar aos homens vestidos de diabos, para que estes peçam ao *Deumo* que a queira aceitar como sua, e estão sempre muitíssimas mulheres presentes, todas suas parentes. Não julguem porém, que ela faz isso de má vontade; pelo contrário, pensa que naquele mesmo momento é levada para o céu. Dessa forma, correndo com fúria, vai na direcção daquele fosso, rasga os panos de seda e atira-se ao meio do fogo, enquanto os parentes mais chegados a empurram com paus e com bolas de pez aceso, e isto para que morra mais depressa. Não fazendo o dito sacrifício, a mulher seria considerada, entre eles, como uma pública meretriz, e os parentes dela fá-la-iam morrer. Quando se faz isto está sempre presente o Rei, porque quem

morre de tal morte são os principais Gentios da terra, pois não o fazem todos em geral. Outra prática pouco menos horrenda do que a dita vi eu nesta cidade de Tenasserim. Suponhamos que um jovem fala de amor a uma mulher, e lhe quer dar a entender que a ama efectivamente, e que por ela não há nada que não faria; pois bem, estando neste discurso, ele tomará um pedaço de fazenda bem molhado em azeite, e depois de lhe ter pegado fogo, colocá-lo-á sobre o seu braço, mesmo em contacto com a carne nua, e continuará a falar sem se importar com aquilo, como se o braço não fosse seu, para demonstrar assim àquela mulher que ele lhe quer de verdade, e que está disposto a fazer, por ela, seja o que for.

CAPÍTULO DA JUSTIÇA QUE SE OBSERVA EM TENASSERIM

Quem mata recebe a morte, como se costuma em Calecute. Do dar e do haver, é preciso que exista uma escritura ou que haja testemunhas, sendo usado, para escrever, papel como o nosso e não folhas de árvore como em Calecute; devedor e credor vão ter com um dos Governadores da cidade, e ele faz justiça sumária. Quando morre algum mercador forasteiro que não tem mulher nem filhos, não pode deixar a sua herança a quem quer, sendo herdeiro o Rei. Nesta terra, quando morre o Rei, fica Rei o filho, e quando morre algum mercador Mouro, faz-se uma grande despesa com coisas odoríferas para conservar aquele corpo, que depois metem num caixão de madeira e enterram, pondo a cabeça na direcção da cidade de Meca, que fica ao Norte; tendo filhos, estes ficam herdeiros.

CAPÍTULO DOS NAVIOS QUE SE USAM EM TENASSERIM

Esta gente usa grande navios, e de várias formas: uns são chatos por baixo, para poderem navegar em lugares de pouca água; outros têm a proa adiante e atrás, e têm dois lemes e dois mastros, não tendo coberta. Há, ainda, outra espécie de navios grandes, chamados juncos, de mil pipas cada, nos quais levam alguns navios pequenos a uma cidade chamada Malaca, e de lá vão, com esses navios pequenos, à procura de especiaria miúda, como saberão quando for ocasião.

CAPÍTULO DA CIDADE DE BENGALA E DA SUA DISTÂNCIA DE TENASSERIM

Voltemos, agora, ao meu companheiro, desejoso como eu de ver mais mundo. Depois de termos ficado na dita cidade, cansados de lá estar, e tendo vendido parte das nossas mercadorias, dirigimo-nos para a cidade de Bengala, que fica a setecentas milhas de Tenasserim, e à qual chegámos em onze jornadas de mar. Esta cidade é uma das melhores que eu vi, e é capital de um grandíssimo reino. O Sultão é Mouro e tem duzentos mil homens para combater, a pé e a cavalo, todos Maometanos; está contìnuamente em guerra com o Rei de Narsinga. Este Reino é abundantíssimo em trigo, carne de toda a espécie, açúcar, gengibre e algodão, mais do que qualquer terra do mundo. Aqui há os mercadores mais ricos que eu tenho encontrado. Carregam-se, todos os anos, cinquenta navios de pano de algodão e de seda, sendo estes panos *bairam, namone, lizari,*

ciantar, doazar e *sinabaff* (80). Estes tais panos usam-se em toda a Turquia, Síria, Pérsia, Arábia feliz, Etiópia e toda a Índia Estão aqui requíssimos mercadores de jóias que vêm também de outros países.

CAPÍTULO DE ALGUNS MERCADORES CRISTÃOS EM BENGALA

Encontrámos aqui alguns mercadores Cristãos que diziam ser duma cidade chamada Sarnau (81); eles tinham trazido para vender panos de seda, madeira de aloés, benjoim e musgo. Segundo o que disseram, no seu país há muitos Senhores Cristãos, mas estão submetidos ao grão cã Catai. Estes Cristãos usavam vestes de pêlo de camelo, com abas e mangas estofadas com algodão; na cabeça traziam um barrete de um palmo e meio de comprimento, feito de pano encarnado. São brancos como nós e confessam ser Cristãos, dizendo crer na Trindade, nos doze Apóstolos e nos Evangelhos, sendo o baptismo como o nosso, com água; só escrevem ao contrário, como os da Arménia. Disseram observar o Natal e a Paixão de Cristo e fazer a nossa Quadragésima e outros dias de jejum durante o ano. Esses Crsitãos não usam sapatos, e vestem umas calças de seda feitas como as dos marinheiros, todas cheias de jóias, tendo também as mãos carregadas de jóias. Comem à mesa como nós e consomem toda a espécie de carne. Disseram

(80) Em melhor grafia: *bairami, mamai, izar, cienber, duhezar, scirinbaf.*

(81) Segundo Yule («Marco Polo», London 1875, II Vol., págs. 256-261), trata-se da cidade de Yuta, antiga capital do Sião, chamada Sarnau pelos mercadores muçulmanos.

ainda que sabiam existir, nos confins do *Rumi*, isto é, do Grão Turco, grande número de Reis Cristãos. Depois que falámos muito, o meu companheiro mostrou-lhes a sua mercadoria, entre a qual havia magníficos ramos de corais grandes. Disseram eles que, se nós quiséssemos ir a uma cidade à qual nos conduziriam, eram capazes de nos fazer conseguir dez mil ducados só pelos corais, ou tantos rubis que na Turquia valeriam dez mil ducados. Respondeu o meu companheiro que estava muito contente, com a condição de sairmos o mais depressa possível daí. Os Cristãos disseram que, se nós queríamos, podíamos partir dali a dois dias no mesmo navio com o qual eles deviam ir a Pegu. Com isso ficámos satisfeitos e, depois de termos posto as nossas coisas em ordem, embarcámo-nos com os ditos Cristãos e outros mercadores Persas; tendo sido informados, naquela cidade, que os Cristãos eram fidelíssimos, tomámos com eles grande amizade. Antes da nossa partida de Bengala, vendemos, porém, todo o resto da nossa mercadoria, ficando só com os corais, o açafrão e duas peças de escarlata de Florença. Deixámos, assim, esta cidade, que eu creio que é a melhor do mundo para lá viver. Os panos de que vos falei não são fiados pelas mulheres mas pelos homens. Depois da nossa partida junto com os ditos Cristãos, dirigimo-nos a uma cidade chamada Pegu, distante de Bengala aproximadamente mil milhas; durante a viagem atravessámos um golfo em direcção sul, e assim chegámos à cidade de Pegu.

CAPÍTULO DE PEGU, CIDADE DA ÍNDIA

A cidade de Pegu fica em terra firme, perto do mar. À mão direita, isto é, na direcção de levante, há um lindíssimo rio ([82]) pelo qual vão e vêm muitos navios. O Rei é gentio; a fé, os costumes, a maneira de viver e de vestir, como em Tenasserim, mas aqui são muito mais brancos e o clima é mais frio; as estações são como as nossas. Esta cidade é murada e têm boas casas e palácios feitos de pedra e cal. O Rei é poderosíssimo pelo número de homens a pé e a cavalo, tendo com ele mais de dez mil Cristãos da terra de que já falei, e dá a cada um seis pardaus de ouro por mês, para as despesas. Há grande abundância de trigo, carne de toda a espécie e frutos como os de Calecute. Não têm muitos elefantes, mas têm fartura de todos os outros animais. Encontram-se aqui todas as qualidades de pássaros que se encontram em Calecute, mas aqui são mais lindos e há aqui os mais bonitos papagaios que eu vi. Há também muita madeira, com peças tão grandes e compridas como creio que seja impossível encontrar em outras partes. Igualmente, não sei se se encontram no mundo canas mais grossas das que encontrei aqui, tendo visto algumas do tamanho dum barril. Há grande número de gatos de algalia, dos que dão três ou quatro por um ducado. As suas mercadorias são apenas jóias, ou melhor, rubis, que chegam de outra cidade chamada Capelan, distante desta trinta jornadas; eu não estive lá, mas disseram os mercadores. Saibam que na dita cidade os diamantes, as pérolas grandes e também as esmeraldas valem mais do que entre nós. Quando chegámos, o Rei encontrava-se quinze jornadas distante de lá, tendo saído em guerra contra outro Rei chamado o Rei de Ava. Sabendo isso, deliberámos ir procurar o Rei onde se encontrava, para lhe entregar aqueles corais, e assim partimos com um navio dos duma só peça, o qual era de quinze ou dezasseis passos

([82]) O Rio Pegu.

de comprimento e tinha remos de cana, ou melhor, os remos eram feitos de canas que estavam fendidas na parte que serve para trabalhar na água, havendo nessa fenda uma pequena tábua amarrada com cordas, de forma que o navio andava mais veloz do que um bergatim. O mastro era uma cana grossa como um barril, dos que servem para as anchovas. Depois de três dias de viagem, chegámos a uma aldeia onde encontrámos alguns mercadores que não tinham podido entrar na cidade de Ava por causa da guerra. Ouvindo isso, juntamente com eles, voltámos a Pegu, onde, dali a cinco dias, voltou também o Rei, que tinha conseguido uma grande vitória sobre o seu inimigo. No segundo dia depois da volta do Rei, os nossos companheiros Cristãos conduziram-nos à presença dele.

CAPíTULO DOS HABITOS DO REI DE PEGU

Não julguem que o Rei de Pegu seja tão inacessível como o Rei de Calecute; pelo contrário, é tão humano e familiar que até uma criança lhe poderia falar. Traz em cima dele mais valor em rubis do que o duma cidade grande, e trá-los em todos os dedos dos pés; nas pernas usa grandes armelas de ouro, todas cheias de lindíssimos rubis, e da mesma forma traz cheios de rubis os braços e os dedos das mãos; as orelhas pendem meio palmo por causa do peso das jóias que traz, de modo que, vendo a pessoa do Rei, de noite, à luz dos candeeiros, ela brilha que parece um sol. Os Cristãos foram ter com ele e falaram-lhe da nossa mercadoria. Respondeu o Rei que voltássemos a visitá-lo depois do dia seguinte, devendo, no dito dia, fazer sacrifício ao Diabo por causa da vitória alcançada. Passado o dito tempo, depois do jantar, o Rei mandou chamar os Cristãos e o meu compa-

nheiro, para que lhe levasse a mercadoria. Quando o Rei viu tanta beleza de corais, ficou assombrado e muito contente, porque, na verdade, entre eles havia dois ramos de tanta beleza como nunca foram para a Índia. Perguntou este Rei que gente éramos nós. Responderam os Cristãos: «Estes são Persas». Disse o Rei ao intérprete: «Pergunta se querem vender essa mercadoria». O meu companheiro respondeu que estava tudo às ordens de Sua Senhoria. O Rei começou a dizer que havia dois anos que andava em guerra com o Rei de Ava, e que por esta razão não tinha dinheiro, mas, se nós queríamos trocar com rubis, retribuir-nos-ia muito bem. Fizemos-lhe dizer por aqueles Cristãos que nós não queríamos nada dele, a não ser a sua amizade, e que tomasse a mercadoria e fizesse o que quisesse. Os Cristãos repetiram o que o meu companheiro tinha dito, pedindo ao Rei que tomasse os corais sem necessidade de dinheiro nem jóias. Ouvindo ele esta liberalidade, respondeu: «Eu bem sei que os Persas são muitíssimo liberais, mas nunca vi um que fosse tão liberal como este». E jurou por Deus e pelo diabo que ele queria ver quem seria mais liberal, ou ele ou um Persa. E mandou a um seu criado que trouxesse uma caixa de dois palmos de comprimento, toda trabalhada em volta, e cheia de rubis por dentro e por fora. Quando a abriu vimos que havia dentro três compartimentos, cheios de rubis de várias espécies. Ele pô-la diante de nós e disse que tomássemos o que quiséssemos. Respondeu o meu companheiro: «ó benigno Senhor, tu dispensas-me tão grande gentileza que, pela fé que tenho a Mafoma, dou-te de presente tódas as minhas coisas; e sabe, Senhor, que eu não ando pelo mundo para adquirir riquezas, mas só para ver gente e conhecer os seus costumes». Respondeu o Rei: «Eu não te posso vencer em liberalidade; mas peço-te que queiras aceitar

o que te dou». Tomou um punhado de rubis de cada uma das divisões da caixa e deu-lhos. Podiam ser, mais ou menos, duzentos. Dando-os, disse o Rei: «Toma-os pela liberalidade que usaste comigo». E deu aos Cristãos dois rubis a cada um, sendo estes avaliados em mil ducados e os do meu companheiro, aproximadamente em cem mil. Do que acabo de dizer se pode concluir que este é certamente o Rei mais liberal do mundo. Tem ele cerca de um milhão de ouro de renda todos os anos, abundando no seu reino lacre, sândalo, pau-preto, algodão e seda. Ele dá todas as suas rendas aos soldados. A gente deste País é muito luxuriosa. Passados alguns dias, os Cristãos obtiveram licença para eles e para nós. O Rei tinha mandado que nos dessem uma habitação e tudo o que nós necessitássemos até quando quiséssemos lá ficar, e assim fizeram. Ficámos cinco dias. Naquele tempo chegou a notícia que o Rei de Ava vinha com um grande exército para fazer guerra; ouvindo isso, o Rei foi encontrá-lo a meio caminho, com muita gente a cavalo e a pé. No dia seguinte vimos queimar duas mulheres vivas, voluntàriamente, na forma que lhes disse em Tenasserim.

CAPÍTULO DA CIDADE DE MALACA E DO RIO GAZA, ALIÁS GANGE, COMO CREIO, E DA INUMANIDADE DOS HOMENS

No segundo dia embarcámos num navio e fomos a uma cidade chamada Malaca [83], que fica na direcção do poente, chegando aí em oito dias. Perto da dita cidade encontrámos um rio imenso, tão grande como nunca tínhamos visto nenhum, a que chamam Gaza [84] e parece duma largura de mais de vinte e cinco milhas. Em frente do dito rio está uma grande ilha chamada Samatra [85], cujos habitantes dizem ter um circuito de quatrocentas ou quinhentas milhas. Quando for ocasião falar-lhes-ei da dita ilha. Logo depois da nossa chegada à cidade de Malaca, fomos apresentados ao Sultão, que é Mouro, assim como é Mouro todo o seu reino. A dita cidade fica em terra firme e é tributária do Rei de Cini [86], que fez edificar esta terra há oitenta anos, por ter um bom porto, o principal do Mar Oceano. E na verdade creio que chegam aqui mais navios que a qualquer outra terra do mundo, chegando aqui especiaria de toda a espécie e outras mercadorias sem fim. Esta região não é muito fértil; todavia produz trigo, carne, bastante madeira, e há pássaros como os de Calecute. Aqui se encontra grande quantidade de sândalo e de estanho. Há ainda elefantes em grande número, cavalos, ovelhas, vacas e búfalos, e ainda leopardos e pavões em muita cópia; frutos há poucos, e são como os de Ceilão. Aqui não é conveniente fazer tráfico de coisa alguma, a não ser de especiarias e de fazendas de seda. A gente é de cor olivácea, tem cabelos compridos e veste à maneira do Cairo; o seu rosto é largo, os olhos redondos e o nariz achatado. Aqui não se pode andar, de noite, pela terra, porque se matam como cães, e todos os mercadores que aqui chegam vão dormir nos seus navios. Os habitantes da cidade são naturais de Java. O Rei tem aqui um governador para fazer justiça aos foras-

(83) *Melacha* no texto.

(84) Bogaz-Malaca. Gaza seria a deformação do nome turco bogaz, que significa estreito.

(85) *Sumatra*, no texto.

(86) O Rei do Sião.

teiros; mas os da terra fazem justiça por eles próprios, e são a pior geração, creio, que existe no mundo. Quando o Rei quer exercer sobre eles a sua autoridade, dizem que são homens de mar, e que abandonarão a terra. O clima é muito temperado. Os Cristãos que estavam connosco fizeram-nos entender que aquela não era terra para se lá ficar por muito tempo, sendo a gente muito má; por isso fomos, num junco, para Samatra, a uma cidade chamada Pedir ([87]), que fica a oitenta léguas da terra, pouco mais ou menos.

CAPÍTULO DA ILHA DE SAMATRA E DE PEDIR, CIDADE DA DITA ILHA

Nesta terra dizem que existe o melhor porto da ilha, o qual, como lhes disse, tem um circuito de quatrocentas ou quinhentas milhas. Segundo o meu parecer e o parecer de muitos outros, creio que é a Taprobana. Nela há quatro Reis Gentios, sendo a sua fé, a maneira de viver, os hábitos e os costumes, como em Tenasserim; e assim se queimam igualmente as mulheres vivas. A cor dos habitantes é quase branca, e têm o rosto largo, os olhos redondos e verdes, cabelos compridos, nariz largo e achatado, sendo pequenos de estatura. Faz-se aqui grande justiça, à maneira de Calecute. Usam moedas de ouro, prata e estanho, todas cunhadas; numa das faces da moeda de ouro há uma cara de diabo, e na outra uma espécie de carro puxado por elefantes, sendo também assim as moedas de prata e de estanho. As de prata valem dez um ducado, valendo vinte e cinco as

([87]) *Pider*, no texto.

de estanho. Há aqui grande quantidade de elefantes, os maiores que eu vi. A gente não é belicosa, mas trata dos seus negócios e é muito amiga dos forasteiros.

CAPÍTULO DE OUTRA ESPÉCIE DE PIMENTA, DA SEDA E DO BENJOIM QUE EXISTEM NA CIDADE DE PEDIR

Em Pedir há grandíssima quantidade de pimenta comprida chamada *molaga*. Esta é mais grossa do que a que vem para as nossas partes, é muito mais branca e por dentro é vazia, nem é tão picante como a outra. Pesa muito pouco, e vende-se aos almudes, como entre nós a cevada. Saibam que neste porto todos os anos carregam dezoito ou vinte navios dessa pimenta, e vão todos para o Catai, porque dizem que começam ali grandes frios. A árvore que a produz tem as gavinhas mais grossas e a folha mais larga e espessa do que a que nasce em Calecute, sendo os cachos compridos. Produz-se nesta terra muitíssima seda, e recolhe-se muita nos bosques, ao ar livre, sem que alguém cuide dos bichos, embora esta não seja muito boa. Encontra-se grande quantidade de benjoim, que é goma de árvores. Dizem alguns que nasce na terra firme, muito distante do mar; mas eu nunca vi.

CAPÍTULO DAS TRÊS QUALIDADES DA MADEIRA DE ALOÉS

Sendo a variedade das coisas a que mais deleita e convida a ler e a entender, pareceu-me dever acrescentar isto de que eu, por experiência, tenho verdadeira certeza. Saibam, pois, que não vêm para as terras dos Cristãos nem muita

madeira de aloés nem muito benjoim. Com respeito à madeira de aloés, há de três qualidades. A primeira, que é a mais perfeita, chama-se *calampat* e não nasce nesta ilha mas vem para aqui duma cidade chamada Sarnau que (como diziam os Cristãos nossos companheiros) fica perto da sua cidade. A segunda chama-se *loban*, e vem de um rio; o nome da terceira é *bochor*. Disseram os ditos Cristãos que a madeira *calampat* não chega até nós porque no Catai, no reino da China, em Macini, Sarnau e Java têm muito mais abundância de ouro do que nós. Igualmente disseram que ali há senhores muito mais ricos do que são os das nossas partes e que eles gostam mais do que nós destas duas qualidades de perfumes, gastando muitíssimo ouro para comprá-los, especialmente para que sejam usados depois da sua morte. As melhores qualidades de madeira de aloés não chegam, pois, às nossas partes, valendo em Sarnau, por causa de serem muito raras, dez ducados por libra.

CAPíTULO DA EXPERIÊNCIA FEITA COM AS DITAS MADEIRAS DE ALOÉS E BENJOIM

Os Cristãos fizeram uma experiência com ambos os perfumes, tendo um deles um pouco de cada um. O *calampat* era de mais ou menos duas onças. Eles deram-no ao meu companheiro e fizeram-lho ter na mão tanto tempo quanto se precisaria para dizer quatro vezes *Miserere mei Deus;* depois mandaram que abrisse a mão. Na verdade numa senti um cheiro tão forte e tão agradável, superior a todos os nossos perfumes. Depois tomaram uma pequena quantidade de benjoim cujo volume era como o de uma noz, e meia libra aproximadamente do que nasce em Sarnau, fazen-

do-os pôr em dois quartos separados, num pouco de fogo. Efectivamente aquele poucochinho de benjoim fez mais perfume e de maior suavidade e delicadeza do que fariam duas libras de outra qualidade qualquer. Seria impossível dizer a excelência daquelas duas qualidades de perfumes que — e eu disse-lhes por que razões — não chegam até nós. Há ainda aqui grande quantidade de laca para fazer a cor vermelha; a árvore que a produz parece-se com as nossas nogueiras.

CAPíTULO DA VARIEDADE DOS TRAFICANTES DA ILHA DE SAMATRA

Nesta terra vi os mais lindos trabalhos que eu tenho visto, isto é, algumas arcas trabalhadas com ouro que vendem por dois ducados cada uma e que entre nós seriam avaliadas pelo menos em cem ducados. Vi ainda, numa rua, aproximadamente quinhentos cambistas de moeda, chegando a esta cidade grande número de mercadores que fazem muitíssimos negócios. Dormem em óptimos leitos de algodão, com cobertores de seda e lençóis de algodão. Tem esta ilha a máxima abundância de madeira e aí se fazem grandes navios que chamam juncos, com três mastros e a proa adiante e atrás, tendo dois lemes na parte anterior e dois na posterior. Quando navegam por algum arquipélago, porque aqui há um grande braço de mar à maneira dum canal, às vezes o vento sopra da parte da frente; então amainam a vela e ràpidamente, sem virar, levantam a vela ao outro mastro e voltam para trás. Eles são os homens mais ágeis que encontrei e ainda são grandes nadadores e mestres excelentes na arte de fazer fogos artificiais.

CAPÍTULO DAS CASAS E DE COMO ELAS SÃO COBERTAS NA DITA ILHA DE SAMATRA

As habitações do dito lugar são casas de pedra e cal não muito altas; a maior parte delas estão cobertas com conchas de tartaruga do mar, das quais há aqui grande abundância; no meu tempo vi pesar uma que acusou cento e três libras. Vi ainda dois dentes de elefante que pesavam trezentas e trinta e cinco libras, e vi serpentes muito maiores do que as que se encontram em Calecute. Voltemos, agora, aos nossos companheiros Cristãos, que estavam ansiosos por regressar à sua pátria; por este motivo perguntaram-nos qual era a nossa intenção, isto é, se nós queríamos ficar aqui, ou seguir para diante, ou voltar para trás. Respondeu o meu companheiro: «Tendo chegado onde se produzem as especiarias, queria ver, antes de voltar atrás, outras qualidades delas». Responderam: «Aqui não nascem outras, a não ser as que já viram». Ele perguntou: «As nozes moscadas e os cravos, onde nascem?» Responderam que as nozes moscadas e o macis nasciam numa ilha trezentas milhas distante dali. Perguntámos então se se podia ir àquela ilha sem perigo de ladrões ou de corsários. Os Cristãos responderam que poderíamos ir seguros dos ladrões, mas não das tormentas do mar, e acrescentaram que com os grandes navios não se podia ir à dita ilha. «Que meio há, pois», disse o meu companheiro, «para lá ir?» Responderam que era preciso comprar uma champana, isto é, um navio pequeno, dos quais ali havia muitos. O meu companheiro pediu que procurassem dois, porque ele os compraria, e logo os dois Cristãos encontraram dois daqueles navios com a gente que os devia guiar e todas as coisas necessárias e úteis para fazer aquela viagem, estabelecendo para os ditos

navios, os homens e as coisas necessárias, o preço de quatrocentos pardaus, que foram pagos pelo meu companheiro, que começou a dizer aos Cristãos: «Ó caríssimos amigos, embora eu não seja da vossa raça, todos somos filhos de Adão e Eva; querem, pois, abandonar-me e ao meu companheiro que nasceu na vossa fé?». «Como na nossa fé? Este companheiro não é Persa?» Respondeu ele: «Agora, sim, é persa, porque foi comprado na cidade de Jerusalém». Ouvindo os Cristãos o nome de Jerusalém, levantaram as mãos para o céu e depois beijaram três vezes o chão, perguntando depois quantos anos tinha quando fora vendido em Jerusalém. Respondi que tinha, então, mais ou menos, quinze anos. «Então», disseram eles, «deve-se recordar da sua terra». Disse o meu companheiro: «Sim, ele recorda-se; eu também não tive maior prazer, há alguns meses, do que ouvir dele as coisas da sua terra, e ele ensinou-me os nomes de todas as partes do corpo e das coisas que se comem». Ouvindo isto, disseram os Cristãos: «A nossa vontade era voltar para a nossa pátria, que fica três mil milhas longe daqui; mas pelo vosso amor e deste vosso companheiro, iremos aonde vós fordes; e querendo o vosso companheiro ficar connosco torná-lo-emos rico, e, se quiser observar a lei Persa, será livre para o fazer». Respondeu o meu companheiro: «Eu fico muito contente com a vossa companhia, mas não é possível que este fique convosco, tendo-lhe eu dado uma sobrinha por mulher, pelo amor que lhe tenho; assim, se estais decididos a ir em nossa companhia, quero que aceiteis antes este presente; não o aceitando, eu nunca ficaria contente». Os bons Cristãos responderam que fariam o que ele quisesse, e assim lhes deu meia curia de rubis, sendo dez os rubis, no valor de quinhentos pardaus. Dali a dois dias foram apetrechadas as ditas champanas, nas quais

metemos muitos mantimentos e especialmente frutos dos melhores que eu comi, tomando assim o nosso caminho para a ilha chamada Bandam (88).

CAPÍTULO DA ILHA DE BANDAM ONDE NASCEM AS NOZES MOSCADAS E O MACIS

Ao longo do caminho encontrámos cerca de vinte ilhas, parte habitadas e parte não, e no espaço de quinze dias chegámos à dita ilha que é muito feia, e tem um circuito de cem milhas aproximadamente, sendo baixa e plana. Aqui não há Rei nem Governador, mas habitam alguns vilões, sem engenho algum, que vivem como animais. As casas são de madeira, muito reles e baixas; as pessoas andam em camisa, descalças e sem nada na cabeça; têm cabelos compridos e rosto largo e redondo; a sua cor é branca, sendo de pequena estatura. A fé é a mesma dos Gentios das castas mais baixas de Calecute: os chamados Poliar e Hirava, gente muito débil de engenho e de força e sem virtude alguma. Aqui não nasce outra coisa a não ser nozes moscadas e alguns frutos. A árvore da noz moscada é parecida com um pessegueiro pela forma das folhas, mas tem os ramos mais apertados; antes da noz estar madura, o macis está em volta como uma rosa aberta, e quando a noz está madura, o macis abraça-a, e assim a colhem no mês de Setembro, sendo nesta ilha as estações como as nossas. Estando todas em comum, cada um procura apanhar o mais que pode, nem dispensam atenção alguma às árvores, abandonando-as

(88) Uma das ilhas Bandam.

à natureza. Estas nozes vendem-se aos almudes, valendo um almude meio carlino; a moeda corre segundo o costume de Calecute. Aqui não são precisos juízes, sendo a gente tão rude que nem saberiam fazer o mal. Depois de estar lá dois dias, perguntou o meu companheiro aos Cristãos: «Onde nascem os cravos?» Responderam que nasciam longe de lá seis jornadas, numa ilha chamada Monoch (89), sendo a gente dessa ilha mais bestial, mais vil e mais desprezível que a de Bandam. Decidimos ir àquela ilha, fosse a gente como fosse, e assim fizemos vela e em sete dias chegámos.

CAPÍTULO DA ILHA MONOCH ONDE NASCEM OS CRAVOS

Descemos nesta ilha de Monoch que é muito mais pequena do que Bandam, mas a gente é pior do que a de Bandam e vive da mesma forma, sendo a sua cor mais branca. O clima é um pouco mais frio. Os cravos nascem aqui e em muitas outras ilhas circunvizinhas que são pequenas e desabitadas. A árvore dos cravos é mesmo como a do buxo, sendo espessa e com as folhas quase como as da canela, mas um pouco mais redondas e da cor que disse quando estávamos em Ceilão, ou seja muito parecida com a da folha do loureiro. Quando os cravos estão maduros, os homens fazem-nos cair batendo os ramos com canas, depois de pôr umas esteiras para os recolher. A terra onde crescem as ditas árvores é como a areia, na cor, mas não é areia; o país é muito baixo, e daqui não se vê a estrela Polar. Depois de ter visto esta ilha e esta gente, perguntámos aos Cristãos se havia outras coisas para ver. Responderam:

(89) Uma das Pequenas Molucas.

«Vamos ver de que maneira vendem estes cravos». Vimos que o seu preço era o dobro do das nozes moscadas, também se medindo aos almudes, porque aquelas pessoas não entendem de pesos.

CAPÍTULO DA ILHA DE BORNEU

Nós estávamos desejosos de mudar ainda de lugar para aprender coisas novas. Então disseram os Cristãos: «Querido companheiro, tendo-nos Deus conduzido até cá salvos, se vos apraz, vamos ver a ilha maior do mundo, e a mais rica, e vereis coisas que nunca vistes; mas devemos ir primeiro a outra ilha que se chama Borneu, onde é preciso tomarmos um navio grande, porque o mar é mais forte». Respondeu o meu amigo: «Eu farei de muito boa vontade o que quereis». E assim nos dirigimos à dita ilha, para a qual se vai navegando sempre para o meio-dia. Durante a navegação os ditos Cristãos noite e dia não faziam senão falar comigo das coisas dos Cristãos e da nossa fé. E quando lhes disse do Santo Rosto que está em S. Pedro, e de S. Paulo e de muitos outros Santos, disseram secretamente que, se eu quisesse ir com eles, tornar-me-iam um grande Senhor por ter visto essas coisas; mas eu receava que, se me conduzissem para lá, nunca mais voltaria para a minha pátria, e por isso não fui. Chegados à ilha de Borneu, que fica distante de Moloch aproximadamente duzentas milhas, vimos que é muito maior do que esta e muito mais baixa: os habitantes são Gentios e são boas pessoas, sendo mais brancos do que de outra cor. Vestem uma camisa de algodão, e alguns têm vestidos de pêlo de camelo, outros usam barretes encarnados. Nesta ilha a justiça é muito observada, e todos os anos se carrega grande quantidade de cânfora, que dizem nascer e ser goma de árvores. Se assim é, eu não o vi, e por isso não posso afirmá-lo. O meu companheiro alugou ali um pequeno navio por cem ducados.

CAPÍTULO DE COMO OS MARINHEIROS OBSERVAM A NAVEGAÇÃO PARA A ILHA DE JAVA

Logo que aprestaram o nosso navio, dirigimo-nos para a linda ilha chamada de Java, à qual chegámos em cinco dias, sempre navegando em direcção ao meio-dia. O dono do navio usava a bússola com a calamita como nós fazemos, e tinha um mapa todo regrado pelo comprimento e pela largura. Perguntou o meu companheiro aos Cristãos: «Tendo nós perdido a estrela Polar, como é que isto nos guia? Há outra estrela Polar?» Os Cristãos perguntaram ao dono do navio, e este ensinou-nos quatro ou cinco estrelas, entre as quais havia uma que ele disse ficar na parte oposta à nossa estrela Polar, mas que ele navegava com esta, sendo a calamita submetida à nossa estrela Polar. Disse-nos ainda que, da outra parte da dita ilha, em direcção ao meio-dia, há outras povoações que navegam com as ditas quatro ou cinco estrelas contrárias à nossa, fazendo-nos saber ainda que para além daquela ilha o dia não dura mais que quatro horas e que ali fazia mais frio que em qualquer outro lugar do mundo. Ouvindo isto, ficámos muito contentes e satisfeitos.

CAPÍTULO DA ILHA DE JAVA, DA SUA FÉ, DA MANEIRA DE VIVER, DOS SEUS COSTUMES E DAS COISAS QUE NASCEM NA DITA ILHA

Seguindo, pois, o nosso caminho, chegámos em cinco dias a esta ilha de Java, na qual há muitos reinos, sendo os

Reis quase todos Gentios. A sua fé é esta: alguns adoram os ídolos, como fazem em Calicute, outros adoram o sol, outros a lua, e muitos adoram o boi; uma grande parte adora a primeira coisa que encontra pela manhã, e outros o diabo, da maneira que já disse. Esta ilha produz grande quantidade de seda, parte à nossa maneira, parte selvagem, e aqui se encontram as melhores esmeraldas do mundo, ouro e cobre em grande cópia; há trigo muitíssimo bom, como o nosso, e frutos como os de Calecute; há, enfim, carne de toda a espécie, como entre nós. Creio que estes habitantes são os homens mais leais do mundo. São brancos e altos como nós, mas têm o rosto muito mais largo do que nós e os olhos grandes e verdes, o nariz muito achatado e os cabelos compridos. Aqui há pássaros em grande abundância, e todos diferentes dos nossos, à excepção dos pavões, das rolas e das gralhas pretas, que são como entre nós. A justiça é muito grande, e a maneira de vestir da gente é à apostólica, de panos de seda, de pêlo de camelo e de algodão, nem usam muitas armas, porque não combatem, a não ser os que andam por mar, que levam alguns arcos e a maior parte flechas de cana. Usam ainda umas zarabatanas, com as quais atiram flechas envenenadas, soprando nelas, e toda a gente que recebe ferimentos, embora pequeníssimos, morre. Aqui não se usa artilharia de nenhuma espécie, nem sabem fazê-la. Os nativos comem pão de trigo, e ainda carne de carneiro, de veado ou de javali, comendo algum peixe e frutos.

CAPÍTULO DE COMO NESTA ILHA OS VELHOS SÃO VENDIDOS PELOS FILHOS OU PELOS PARENTES PARA SEREM COMIDOS

Os homens nesta ilha comem carne e, quando o pai está velho de forma a não poder fazer trabalho algum, os filhos ou os parentes levam-no à praça para o venderem e os que o compram matam-no e comem-no depois de o terem cozido. Se algum jovem adoece de forma a parecer certa a sua morte por causa daquela enfermidade, o pai ou os irmãos não esperam que ele morra, mas matam-no e vendem-no a outras pessoas para que o comam. Como nós nos mostrámos espantados por semelhante coisa, disseram alguns mercadores da terra: «Infelizes vós, os Persas, porque é que deixam comer os vermes tão boa carne?» O meu companheiro, logo que ouviu isso, disse: «Vamos, vamos, corramos para os nossos navios, para que não nos apanhem em terra».

CAPÍTULO DE COMO AO MEIO DIA O SOL FAZ SOMBRA NA ILHA DE JAVA

Disseram os Cristãos ao meu companheiro: «Ó amigo, leva esta notícia também à tua pátria, e ainda esta que agora vos ensinaremos». Disseram: «Olhai agora que é meio-dia; virem o rosto para o lado onde se põe o sol». Nós levantámos os olhos e vimos que o sol nos fazia à mão direita uma sombra de mais de um palmo. Por isso compreendemos que estávamos muito longe da nossa pátria, do que ficámos muito maravilhados. Pelo que dizia o meu companheiro, creio que isso foi no mês de Junho, porque eu tinha perdido a conta dos nossos meses e às vezes não sabia o nome do

dia. Saibam que aqui há muito pouca diferença entre o nosso frio e o deles. Tendo visto os costumes da ilha, pareceu-nos não ser conveniente ficarmos mais tempo nela, devendo estar toda a noite a montar a guarda com medo que algum malvado nos viesse apanhar para nos comer. Pelo que, chamados os Cristãos, dissemos-lhes que era bom voltar para a nossa pátria o mais depressa possível. Todavia, antes de partirmos, o meu companheiro comprou duas esmeraldas por mil pardaus e dois meninos por duzentos; estes meninos não tinham nem pénis, nem testículos, havendo nesta ilha uns mercadores que não tratam doutro negócio senão o de comprar meninos pequeninos aos quais fazem cortar tudo durante a puerícia, ficando estes como mulheres.

CAPÍTULO DO NOSSO REGRESSO

Depois de ficarmos ao todo catorze dias na ilha de Java, quer com medo dessa crueldade que eles tinham de comer os homens, quer por causa dos grandes frios, não ousavam seguir adiante, e também pela razão que quase já não havia mais nenhum lugar que eles não conhecessem. Por isso fretámos uma nau grande, isto é, um junco, e seguimos da parte de fora das ilhas, na direcção do levante, onde não há arquipélago e se navega, por isso, com mais segurança. Navegámos quinze jornadas e chegámos à cidade de Malaca, onde ficámos três dias, e onde deixámos os nossos companheiros Cristãos. Os prantos e as lamentações não se poderiam dizer com breves palavras, ao ponto de, se eu não tivesse mulher e filhos, teria ido com eles. Eles também diziam que, se soubessem que chegariam a salvo, iriam connosco. E creio que foi o meu companheiro que os induziu a não ir, a fim de que não tivessem ocasião

de dar notícia aos Cristãos de tantos Senhores, também Cristãos, que estão no seu país e que possuem infinitas riquezas. Eles, pois, ali ficaram, dizendo que queriam voltar a Sarnau, e nós fomos, com o nosso navio, para Coromandel. Dizia o dono do navio que, em volta da ilha de Java e de Samatra havia mais de oito mil milhas. Aqui em Malaca o meu companheiro comprou cinco mil pardaus de especiarias miúdas, panos de seda e coisas odoríferas. Navegámos cinco jornadas e chegámos à dita cidade de Coromandel, onde descarregámos o junco fretado em Java. Ficámos, depois, cerca de vinte dias nesta terra, e finalmente tomámos um navio, isto é, uma champana, e partimos para Colão, onde encontrei vinte e dois Cristãos Portugueses. Tive, por isso, muitíssima vontade de fugir; mas desisti, porque eles eram poucos e eu tinha medo dos Mouros, estando connosco alguns mercadores que sabiam ter eu estado em Meca e ao pé do corpo de Mafoma, e podiam, portanto, desconfiar que eu descobrisse as suas hipocrisias. Dali a doze dias tomámos o nosso caminho para Calecute, isto é, seguimos pelo rio, e ali chegámos no espaço de dez dias.

Depois da longa viagem por vários países que acabo de descrever nos livros precedentes e que o benigno leitor pode fàcilmente conhecer, quer por causa dos diversos climas, como se pode considerar, quer por causa das diferenças dos costumes que sucessivamente encontrámos, como está descrito, e especialmente por causa dos homens inumanos em nada diferentes dos animais, já enfastiado, de acordo com o meu companheiro, deliberei voltar. O que me aconteceu durante a viagem de regresso quero-o brevemente (a fim de

que o meu falar não se torne molesto) relatar agora, julgando ser útil para alguns, seja para refrear os apetites demasiado repentinos, em consideração da inestimável grandeza do mundo, seja para se saber governar, e aplicar o engenho aos casos imprevistos, quando se está no caminho. Tendo, pois, voltado a Calecute, como aqui adiante tenho escrito, encontrei dois Cristãos Milaneses, de nome João Maria e Pedro António, os quais vieram de Portugal com os navios Portugueses, para comprar jóias, a instância do Rei; depois da sua chegada a Cochim, tinham fugido para Calecute. Nunca senti maior alegria que a que recebi vendo esses dois Cristãos. Eles e eu andávamos nus, à usança da terra. Eu perguntei se eles eram Cristãos. Respondeu João Maria: «Sim, somos». E depois Pedro António perguntou se eu era Cristão. Respondi: «Sou, louvado seja Deus». Então pegou-me pela mão e conduziu-me a casa dele. Ali chegados, começámos a abraçarmo-nos uns aos outros e a beijarmo-nos e a chorar. Na verdade eu não podia falar Cristão, parecendo-me ter a língua grossa e impedida, porque havia quatro anos que eu não falava com Cristãos. A noite seguinte estive com eles, e nunca nenhum dos dois, nem eu, conseguimos comer ou dormir, pela grande alegria que tínhamos. Pensem se não teríamos querido que aquela noite durasse um ano, para podermos falar à vontade! Entre outras coisas, perguntei se eles eram amigos do Rei de Calecute. Responderam que eram os primeiros homens que ele tinha e que todos os dias falavam com ele. Perguntei ainda o que era que pensavam fazer, e eles disseram que com muita vontade teriam voltado à nossa pátria, mas que não era possível, porque tinham fugido dos Portugueses e que o Rei de Calecute lhes tinha feito fazer muita artilharia contra a sua vontade e que esta era a razão pela qual

não queriam voltar por aquela via, e disseram que para breve se esperava a armada do Rei de Portugal. Eu respondi que, se Deus me fazia a graça de conseguir fugir para Cananor quando chegasse a armada, faria de modo que o Capitão dos Cristãos lhes perdoaria, e acrescentei que não era possível fugir de outra maneira, porque se sabia por muitos reinos que eles faziam artilharia, e muitos Reis tinham vontade de os ter na mão por causa da sua habilidade. Saibam que tinham feito trezentas ou quatrocentas bocas de fogo aproximadamente, entre grandes e pequenas, de modo que tinham muitíssimo medo dos Portugueses, e na verdade havia razão para isso, porque não só faziam as artilharias, como as ensinavam a fazer aos Gentios, e disseram ainda ter ensinado a atirar com a espingarda a quinze criados do Rei. No tempo em que eu lá estava, eles tinham dado a um Gentio o desenho e a forma de uma bombarda de metal que pesou cento e cinco quintais. Havia ainda um Judeu que fizera uma galé muito linda e quatro bombardas de ferro; mas o dito Judeu fora-se lavar numa fossa de água e afogara-se. Voltemos aos ditos Cristãos. Deus sabe o que eu lhes disse, exortando-os a não fazerem tal coisa contra os outros Cristãos. Pedro António chorava continuamente e João Maria dizia que tanto lhe importava morrer em Calecute como em Roma, e que Deus tinha ordenado o que devia ser. Na manhã seguinte voltei a procurar o meu companheiro que fazia grandes lamentações, julgando que eu tivesse morrido. Eu disse-lhe, para me desculpar, que estivera a dormir numa mesquita de Mouros para agradecer a Deus e a Mafoma o benefício recebido voltando a salvo, e disso ficou muito satisfeito; para poder conhecer os factos da terra, eu disse-lhe que queria continuar a dormir na mesquita, e que não desejava coisa alguma, mas

queria ficar sempre pobre. Para fugir, pensei que só tinha um meio: enganá-los com a hipocrisia, sendo os Mouros a mais estúpida gente do mundo. Como os Cristãos sabiam todos os dias o que se passava na corte do Rei, tinha imaginado essa maneira para poder falar amiúde com eles, e comecei a fazer de Mouro santo, nunca comendo carne, a não ser em casa de João Maria, onde comíamos todas as noites duas galinhas. Nunca mais quis conversar com os mercadores, nenhum homem me viu rir, e estava o dia inteiro na mesquita, salvo o tempo em que ele me mandava chamar para que fosse comer, e ralhava-me porque não queria comer carne. Eu respondia que a comida abundante conduz o homem a muitos pecados, e assim comecei a ser um Mouro santo, considerando-se bem aventurado quem me podia beijar a mão ou os joelhos.

CAPÍTULO COMO ME TORNEI MÉDICO EM CALECUTE

Aconteceu que um mercador Mouro adoecera de uma gravíssima enfermidade, e não podendo de forma alguma dar de corpo, mandou pedir ao meu companheiro, de quem era muito amigo, se ele ou alguém da sua casa lhe sabia indicar algum remédio. Respondeu que o iria visitar, e assim ele e eu fomos a casa do doente, e perguntámos-lhe o que ele tinha. Respondeu: «Sinto muita dor no estômago e no corpo». O meu companheiro perguntou se se tinha resfriado; respondeu o doente que não podia ter frio, porque nem sabia o que isso era. Então o meu companheiro dirigiu-se a mim e perguntou-me: «ó Iunus, sabes acaso algum remédio para este amigo?» Eu respondi que meu pai era médico na minha terra, e que o que sabia sabia-o por prática e pelo que ele me tinha ensinado. Disse o meu companheiro: «Então

vejamos se com algum remédio se pode curar este meu queridíssimo amigo». Então eu respondi: «*Bizmilei erechman erachin*»; depois peguei na mão do doente, e tocando-lhe o pulso, vi que tinha muita febre. Perguntei se lhe doía a cabeça; respondeu: «Doi, sim, muito». Perguntei, depois, se dava de corpo; ele respondeu que havia três dias que não dava. Logo eu pensei: este homem tem o estômago carregado; para o ajudar é preciso dar-lhe um clister. Comuniquei isto ao meu companheiro, que respondeu: «Faz-lhe o que te parece, conquanto que ele fique curado». Então eu mandei preparar um clister, misturando açúcar, ovos, sal, e uma decocção de certas ervas que fizeram mais mal do que bem, e que eram como folhas de nogueira. Desta forma, num dia e uma noite lhe dei cinco clisteres sem nada conseguir por causa daquelas ervas que eram contrárias, de tal forma que só um doido podia fazer um tal exercício. Finalmente, visto que ele não podia dar de corpo por efeito da má erva, tomei um bom bocado de agriões e fiz meio jarro de sumo, juntando bastante azeite, muito sal e açúcar, e finalmente coei tudo muitíssimo bem. Mas aqui cometi outro erro, porque me esqueci de o aquecer, e assim dei-lho frio. Logo que foi dado o clister, amarrei o doente pelos pés, com uma corda, e assim o pendurámos, de forma a tocar no chão com as mãos e a cabeça, tendo-o naquela posição por um quarto de hora. Disse o meu companheiro: «ó Iunus, costuma-se assim na vossa pátria?» Eu respondi: «Costuma-se, quando o doente está in extremis». Disse ele que assim devia ser, porque naquela posição se despegava melhor a matéria. O pobre doente gritava, dizendo: «*Matile, matile, gnancia tupoi, gnancia tupoi*», isto é: «Chega, chega, estou a morrer, estou a morrer». E assim, estando nós a consolá-lo, fosse por vontade de Deus, fosse por obra da natureza,

jorrou do seu corpo como uma fonte, e logo o calámos, e ele deu de corpo tanto como meio barril, ficando muitíssimo contente. No dia seguinte não tinha febre, nem dor de cabeça, nem dor de estômago, e deu muitas vezes de corpo. Na outra manhã disse que lhe doíam um pouco os flancos; eu mandei que me dessem manteiga de vaca ou de búfala, fi-lo untar com aquilo e enfaixar com estopa de cânhamo. Depois disse-lhe que, se ele queria ficar bom, era preciso que comesse duas vezes por dia, e antes de comer que andasse uma milha a pé. Respondeu: «*o nonal irami tino biria biria gnancia tupoi*», isto é: «Se vós não quereis que eu coma mais de duas vezes por dia, morrerei quanto antes». Comendo eles oito e dez vezes por dia, a minha ordem parecia-lhe demasiado forte. Todavia curou-se muitíssimo bem, e isso deu grande crédito à minha hipocrisia, ao ponto de dizerem que eu era grande amigo de Deus. Este mercador quis-me dar dez ducados, mas eu não quis coisa alguma e ainda lhe dei três ducados que tinha para os dar aos pobres, e fiz isso pùblicamente, para que eles soubessem que eu não queria bens nem dinheiro. Daquele momento em diante, feliz de quem me podia conduzir à sua casa para jantar, feliz de quem me beijava as mãos e os pés; e quando alguém me beijava as mãos, eu estava firme e em continência, para lhe dar a entender que fazia coisa que eu merecia por ser santo. Mas especialmente o meu companheiro era o que aumentava o meu crédito, porque ele também acreditava, e dizia que eu não comia carne, e que ele me tinha visto em Meca, e ao corpo de Mafoma, e que eu tinha estado sempre na sua companhia, e conhecia os meus costumes e podia testemunhar que eu era santo, ao ponto de, conhecendo-me de boa e santa vida, me ter dado uma sua sobrinha por mulher. E assim, por sua causa, todos me queriam. Mas

eu todas as noites ia secretamente falar aos Cristãos ao que já me referi, os quais, uma vez, disseram-me que tinham chegado a Cananor doze navios dos Portugueses. Então, eu disse, é agora tempo de eu me salvar das mãos dos cães, e pensei oito dias de que maneira poderia fugir. Eles aconselharam-me que fugisse por terra; mas eu não tinha coragem, com medo de ser morto pelos Mouros, sendo eu branco e eles pretos.

CAPÍTULO DA NOTÍCIA DOS NAVIOS PORTUGUESES QUE CHEGARAM A CALECUTE

Um dia, enquanto estava a comer com o meu companheiro, vieram dois mercadores de Cananor, que ele logo chamou para que viessem comer com ele. Responderam: «Não temos nenhuma vontade de comer, e temos uma má notícia». Retrucou: «Que palavras são essas?» Disseram os mercadores: «Acabam de chegar doze navios dos Portugueses, que vimos com os nossos olhos». Perguntou o meu companheiro: «Que gente são?» Responderam os Persas: «São Cristãos; eles estão armados com armas brancas e começaram a levantar um fortíssimo castelo em Cananor». Virou-se o meu companheiro para mim. «Ó Iunus, que gente são estes Portugueses?», perguntou. Respondi: «Não me fales deles, pois são todos ladrões e corsários de mar; eu quereria vê-los todos na nossa fé maometana». Ouvindo isso, ele ficou mal disposto, amuado, e eu muito contente no meu coração.

CAPÍTULO COMO OS MOUROS CHAMAM OS OUTROS À IGREJA

No dia seguinte, ouvida a notícia, os Mouros foram para fazer oração; mas antes, alguns encarregados disso, subiram à torre da sua igreja, como é seu hábito, três e quatro vezes por dia, e em alta voz começaram, em vez de sinos, a chamar os outros para a mesma oração; eles têm constantemente um dedo no ouvido, dizendo: «*Allau eccubar, Allau eccubar, aialassale, aialassale, aialalfale, aialalfale, Allau eccubar, Allau eccubar, leilla illala, esciadu ana, Mahometh resullala*», isto é: «Deus é grande, Deus é grande, venham à igreja, venham à igreja, venham louvar a Deus, Deus é grande, Deus é grande, Deus foi, Deus será, Mafoma, mensagem de Deus, ressuscitará». Conduziram-me também com eles, dizendo-me que rezasse a Deus pelos Mouros, e assim, pùblicamente, fiz a oração que disse antes, e que é tão comum entre eles como entre nós o Pater Noster e a Avé Maria. Os Mouros põem-se todos em fileira, formando várias e têm um sacerdote, como nós temos um padre, o qual, depois que eles se levantam, começa a fazer a oração desta maneira: «*Un gibilei nimi saithan e regin bizimilei erachman erachinal hamdulile ara blaharami erachman erachin malichi iaum edmi iachie nabudu, hiachie nesta himi edina sarathel mostachina, ledina ana antha alyhin gayril magdubim aleyhimu ualla da lin amin allau eccubar*». E assim fiz a oração na presença de todo o povo, e depois voltei para casa juntamente com o meu companheiro. No dia seguinte fingi estar muito doente, e fiquei oito dias sem querer nunca comer com ele, mas ia todas as noites comer com os dois Cristãos. Ele admirava-se muito, e perguntava por que não queria comer. Eu respondi que me sentia muito

mal, e que me parecia ter a cabeça muito pesada, dizendo que julgava proceder isso do facto de não ser bom para mim o clima do lugar. Ele, pelo grande amor que me tinha, teria feito tudo para me comprazer; pelo que, ouvindo que o ar de Calecute me fazia mal, disse: Vamos então estar em Cananor até regressarmos à Pérsia; e eu dirigir-te-ei a um amigo que te dará tudo o que necessitares. Eu respondi que gostosamente iria a Cananor, mas que receava por causa daqueles Cristãos. Disse ele: «Não receies, nem tenhas medo porque tu estarás na cidade». Finalmente, tendo visto bem toda a armada que se fazia em Calecute e toda a artilharia e o exército que preparavam contra os Cristãos, pus-me em viagem para os avisar e para me salvar das mãos dos cães.

CAPÍTULO DA MINHA FUGA DE CALECUTE

No dia precedente ao da minha partida, combinei com os dois Cristãos tudo o que devíamos fazer. O meu companheiro pôs-me na companhia daqueles dois Persas que tinham trazido a notícia dos Portugueses, e com eles tomámos uma pequena barca. Agora compreenderão em que perigo eu me tinha metido, porque estavam ali vinte e quatro mercadores Persas, Sírios e Turcos, que me conheciam e eram muitíssimo meus amigos, e nem desconheciam o que era o engenho dos Cristãos. Receava, se eu me fosse despedir, que eles pensassem que eu queria fugir para os Portugueses; por outro lado, se eu partia sem lhes falar, eles diriam, se por acaso descobrissem: «Porque não nos dissestes nada?» E estava, nesta dúvida; todavia deliberei partir sem dizer nada a ninguém, à excepção do meu companheiro. Quinta-feira, três de Dezembro, pela manhã, parti

com os dois Persas por mar; mas quando estávamos a um tiro de besta, vieram à praia quatro Naires, os quais chamaram o dono da barca, e assim logo voltámos para terra. Os Naires perguntaram ao dono: «Porque leva esse homem sem licença do Rei»? Os Persas responderam: Ele é um Mouro santo, e vamos a Cananor». «Bem sabemos», disseram os Naires, «que ele é Mouro santo; mas ele conhece a língua dos Portugueses e dir-lhes-á tudo o que fazemos aqui». Porque, de facto, fazia-se uma grandíssima armada. E mandaram ao dono da barca que não me levasse, o que ele fez, ficando nós na praia, enquanto os Naires voltavam para a casa do Rei. Disse um dos Persas: «Vamos para a nossa casa (isto é, vamos para Calecute)». Eu respondi: «Não vão, porque assim perdem essas cinco *sinabaf* (são os *sinabaf* peças de tela) não tendo pago o direito ao Rei. Disse o outro Persa: «ó Senhor, que faremos?» Eu respondi: «Vamos por esta praia, até encontrarmos um parau», ou seja, um barco pequeno. E assim andámos doze milhas por terra, carregando a dita fazenda. Pensem que coração era o meu, vendo-me em tanto perigo. Finalmente, encontrámos um parau que nos levou até Cananor. Chegámos ali sábado à noite, e logo fomos entregar a carta que me tinha escrito o meu companheiro ao mercador seu amigo, sendo o teor dessa carta que ele me fizesse tanta honra como à sua própria pessoa, até quando ele chegasse, e dizendo-se também nela como eu era santo e do parentesco que havia entre ele e eu. O mercador, logo que acabou de ler a carta, pô-la sobre a cabeça e fez logo preparar uma óptima ceia, com muitas galinhas e borrachos. Quando os dois Persas viram vir as galinhas, disseram: «O que é que fazem? *Colli tinu ille*», isto é: «Ele não come carne». E logo trouxeram outras coisas. Depois de acabada a ceia, os ditos Persas disseram-me: «Vamos passear à beira-mar». E assim fomos onde estavam os navios dos Portugueses. Pensem, ó leitores, qual foi a minha alegria. Indo um pouco mais para a frente, vi, diante duma casa baixa, três pipas vazias; pelo que pensei que devia ser ali a feitoria dos Cristãos. Então tive vontade de fugir para a dita casa; mas considerei que, fazendo-o na sua presença, toda a terra se teria levantado em rumor. Não podendo fugir com segurança, notei então o local onde os Cristãos levantavam a sua fortaleza e deliberei esperar o dia seguinte.

CAPíTULO DE COMO FUGI DE CANANOR PARA OS PORTUGUESES

No domingo pela manhã levantei-me cedo e disse que queria ir passear um pouco. Responderam os companheiros: «Vai onde tu quiseres». E assim fui andando segundo a minha fantasia, até onde se fazia o castelo dos Cristãos. Quando me afastei um bocado dos meus companheiros, entrando na praia, encontrei dois Cristãos Portugueses, e disse-lhes: «ó Senhores *adondes la fortelezas de los Portogalesos»?* (90) Disseram aqueles dois Cristãos: *«Que ses vos Cristian»?* Respondi: «Sim Senhor, louvado seja *Dios*». E eles disseram: *«Donde veneis vos»?* Respondi: «Eu venho de Calecute». Então um dos companheiros disse ao outro: *«Andais vos* à feitoria, *que eu quero menar esto hombre a don Lorenzo»*, isto é, ao filho do Vice-Rei. E assim me conduziu ao castelo que dista da terra meia milha. E quando chegámos ao dito castelo o Senhor D. Lourenço estava a comer. Logo ajoelhei aos pés de sua Senhoria, e disse:

(90) O sublinhado é do texto.

«*Senhor, me recomiendo a vostra Senhoria que me salvais,* porque sou Cristão». Estando assim, ouvimos um grande tumulto na terra, por causa da minha fuga. E logo foram chamados os bombardeiros, para que carregassem todas as artilharias, receando que os da terra acometessem contra o castelo. Então, vendo o Capitão que os da terra não faziam nada, pegou-me pela mão e conduziu-me a uma sala, perguntando-me sempre acerca das coisas de Calecute, e por três dias quis que ficasse a falar com ele. Eu, desejoso da vitória dos Cristãos, informei-o sobre tudo o que se fazia em Calecute. Acabados os nossos colóquios, mandou-me depois ao Vice-Rei seu pai em Cochim, numa galé de que era Capitão um cavaleiro chamado João Serrano. O Vice-Rei mostrou gostar muito da minha chegada e dispensou-me muitíssimas honras, porque eu lhe dei aviso do que se fazia em Calecute. Disse-lhe ainda que se Sua Senhoria queria perdoar a João Maria e a Pedro António que estavam a fazer artilharia em Calecute, e dar-me segurança para eles, eu os faria voltar, e não continuariam a fazer contra os Cristãos o dano que faziam, embora contra a sua vontade; mas tinham medo de voltar sem um salvo-conduto. O Vice-Rei gostou muitíssimo disso, e ficou muito satisfeito, fazendo-me o salvo-conduto e prometendo, pelo Vice-Rei, os Capitães dos navios e o nosso vigário. Depois de três dias mandou-me novamente, com a dita galé, a Cananor, dando-me uma carta para o filho, na qual se dizia que me dessem tanto dinheiro quanto fosse preciso para pagar os espiões que queria mandar a Calecute. Quando cheguei a Cananor, encontrei um Gentio que me deu de refém a mulher e os filhos, e foi o que eu mandei a Calecute com cartas minhas para João Maria e Pedro António, a fim de os avisar que o Vice-Rei lhes tinha perdoado e que voltassem sem medo.

Saibam que mandei cinco vezes o espião para diante e para trás, escrevendo-lhes sempre que não se fiassem das mulheres nem do seu escravo, porque cada um deles tinha uma mulher, e João Maria tinha um filho e um escravo. Eles escreviam sempre que voltariam de muito boa vontade. À minha última carta assim responderam: «Lodovico, nós demos todas as nossas coisas a este espião; venham na tal noite com uma galé ou um bergantim onde estão os pescadores, não havendo guarda naquele local, e com a ajuda de Deus iremos ambos e todos os nossos». Eu, pelo contrário, escrevia-lhes que viessem só eles, deixando as mulheres, o filho, os bens e o escravo, e que trouxessem apenas as jóias e o dinheiro. Saibam que eles tinham um diamante que pesava trinta e dois quilates, que diziam valer trinta e cinco mil ducados, e uma pérola que pesava vinte e quatro quilates, e dois mil rubis que pesavam um quilate e meio cada um, e sessenta e quatro anéis com jóias engastadas, e mil quatrocentos pardaus. Queriam salvar, ainda, sete espingardas, três macacos, dois gatos de algalia e a roda para trabalhar as jóias, e foi assim que a sua miséria os fez morrer. O seu escravo, que era de Calecute, deu conta que eles queriam fugir, e logo foi ter com o Rei e disse-lhe tudo. O Rei não acreditou; todavia mandou cinco Naires a casa deles para ficarem em sua companhia. Vendo o escravo que o Rei não queria mandá-los matar, foi ter com o *cadí* da fé dos Mouros, dizendo-lhes as mesmas palavras que dissera ao Rei e acrescentando que acerca de tudo o que se fazia em Calecute eles avisavam os Cristãos. O *cadí* Mouro fez um conselho com todos os mercadores Mouros, juntando entre eles cem ducados que levaram ao Rei de Ioghe [91], o qual

[91] V. Pág. 93.

se encontrava em Calecute com três mil ioghes. A este Rei os mercadores disseram: «Senhor, tu sabes que, nos outros anos em que vieste aqui, nós te fizemos muito bem e te tributámos muitas mais honras do que fazemos agora; a causa é que estão aqui dois Cristãos inimigos da nossa e da vossa fé, os quais avisam os Portugueses de tudo o que se faz nesta terra. Por isso pedimos que tu os mates, e toma estes cem ducados. Logo o Rei de Ioghe mandou duzentos homens para matar os ditos Cristãos. Estes homens, quando se aproximaram da casa dos Cristãos, começaram em grupos de dez a tocar nas suas cornetas e a pedir esmola. Ouvindo isso, e vendo multiplicar-se tanta gente, os Cristãos disseram: «Outra coisa querem eles e não esmola!» E começaram a combater de forma tal que eles dois mataram seis e feriram mais de quarenta. Por fim estes ioghes arremessaram-lhes certos ferros feitos como rodelas que eles atiram com as fundas, atingindo na cabeça a João Maria e a Pedro António, de modo que ambos caíram no chão. Então lançaram-se-lhes em cima, cortaram-lhes as veias da garganta e beberam o seu sangue. A mulher de João Maria fugiu, juntamente com o filho, para Cananor, e eu comprei o filho por oito ducados de oiro, fi-lo baptizar no dia de S. Lourenço, e por isso lhe pus o nome de Lourenço; no termo de um ano morreu de mal francês. Saibam que eu vi doentes desta enfermidade a três mil milhas além de Calecute, onde lhe chamam *pua;* dizem que começou há dezassete anos mais ou menos, e que é muito mais maligno do que o nosso.

CAPÍTULO DA ARMADA DE CALECUTE

Em doze de Março de mil quinhentos e séis, chegou a notícia da morte destes Cristãos. No mesmo dia saiu uma

grandíssima armada de Panane, Calecute, Capocate, Pandarane e Tornopotam, tendo ela duzentas e nove velas, das quais oitenta e quatro eram navios grandes e o resto navios de remos, isto é, paraus. Nessa armada havia infinitos Mouros armados, com certas vestes vermelhas de teia estofada com algodão, certos barretes grandes também estofados e braçais e luvas cheios de algodão, muitíssimos arcos e lanças, espadas e rodelas, e artilharia grande e miúda, como a nossa. Quando nós vimos esta armada, sendo o dia dezasseis do dito mês, parecia-nos ver, por causa de tantos navios, um grandíssimo bosque; mas nós Cristãos esperávamos sempre que Deus nos ajudasse a confundir a fé pagã. O valentíssimo cavaleiro Capitão da armada, filho de D. Francisco de Almeida, Vice-Rei da Índia, estava aqui com onze navios, entre os quais havia duas galeras e um bergantim. Quando ele viu tanta multidão de navios, fez como valentíssimo capitão que era: chamou a si todos os cavaleiros e homens dos navios e começou a exortá-los e a pedir-lhes que pelo amor de Deus e da fé Cristã quisessem voluntàriamente expor-se a sofrer a morte, dizendo desta maneira: «Ó Senhores, ó irmãos, hoje é aquele dia em que todos nós nos devemos lembrar da paixão de Cristo e da pena que sofreu para nos redimir a nós, pecadores; hoje é o dia em que nos serão absolvidos todos os pecados. Por isso vos peço que acometais vigorosamente contra estes cães, esperando que Deus nos dará a vitória e não há-de querer que a sua fé seja vencida». O padre que estava no navio do dito Capitão, com o Crucifixo na mão, fez um lindo sermão, exortando-nos a fazer o que era nosso dever. Depois deu-nos a absolvição de pena e culpa, dizendo: «Vamos, meus filhos, vamos todos de boa vontade, porque Deus será connosco». E soube dizer tão bem que a maior parte de nós chorávamos

e pedíamos a Deus que nos fizesse morrer naquela batalha. No entanto, a grandíssima armada dos Mouros aproximava-se para passar. Nesse mesmo dia, o nosso Capitão saiu com dois navios e foi em direcção aos Mouros, e passou entre dois dos maiores navios da sua armada, saudando-se uns aos outros com grandíssimos tiros de artilharia, e isto fez o nosso Capitão para conhecer como eram esses dois navios, e de que forma combatiam, tendo eles muitíssimas bandeiras e sendo os navios capitães de toda a armada. Por aquele dia nada mais se fez. Na manhã seguinte, muito cedo, os Mouros começaram todos a desfraldar velas e a aproximar-se da cidade de Cananor, mandando pedir ao nosso Capitão que os deixasse passar e continuar a sua viagem, não querendo eles combater contra os Cristãos. O nosso Capitão respondeu que os Mouros de Calecute não deixaram voltar os Cristãos que ali estavam debaixo da sua fé, tendo morto quarenta e oito, aos quais roubaram, entre objectos e dinheiro, três mil ducados. E juntou: «Passem se puderem; mas antes conheçam o que são os Cristãos». Responderam os Mouros: «O nosso Mafoma defender-nos-á contra vós, Cristãos». E começaram todos com grandíssima fúria a querer passar, abrindo todas as velas, sempre navegando a oito ou dez milhas da terra. O nosso Capitão deixou que chegassem em frente da cidade de Cananor, e isso porque sabia que o Rei de Cananor estava a ver, e queria-lhe mostrar qual era o ânimo dos Cristãos. Quando foi a hora do almoço, o vento começou a arrefecer um pouco; então o nosso Capitão disse: «Vamos, irmãos, agora é o tempo de sermos todos bons cavaleiros». E dirigiu-se para aqueles dois grandíssimos navios. Não saberia dizer a grande variedade de instrumentos que eles começaram a tocar. O nosso Capitão atirou uma amarra ao navio maior dos Mouros, e

três vezes os Mouros lançaram ao mar a nossa amarra; à quarta vez ficaram acorrentados, e logo os nossos Cristãos saltaram dentro do navio em que estavam seiscentos Mouros, travando-se ali uma crudelíssima batalha, com grande efusão de sangue, ao ponto de não escapar nem um com vida, ficando o navio juncado de mortos. O nosso Capitão foi imediatamente à procura do outro navio grande dos Mouros, que estava já amarrado com outro navio nosso, travando-se também neste uma grandíssima batalha em que morreram quinhentos Mouros. O resto da armada dos Mouros, logo que foram tomados aqueles dois grandes navios, começou a fugir à debandada, ao passo que os nossos se puseram no seu encalço, de forma que havia navios dos nossos que tinham em volta, para combater, quinze ou vinte dos dos Mouros. E aqui foi um espectáculo magnífico ver combater um valentíssimo Capitão chamado João Serrano, que com uma galera fez tanta chacina de Mouros que seria impossível dizê-lo, e às vezes tinha em toda a volta cinquenta navios de remos e de vela, todos com artilharia. Pela graça de Deus, nem em galeras nem em navios foi morto nenhum Cristão, embora tivessem sido muitos os feridos naquela batalha que durou todo o dia. Uma vez o nosso bergantim afastou-se um pouco dos outros navios; logo foi circundado por quatro navios dos Mouros, de forma que teve de combater rudemente, estando às vezes sobre o bergantim quinze Mouros, de forma que os Cristãos se tinham retirado todos para a popa. Quando o valente Capitão chamado Simão Martins viu tantos Mouros no bergantim, saltou ao meio daqueles cães, e disse: «ó Jesus Cristo, dá-nos a vitória, ajuda a tua fé», e com a espada na mão cortou a cabeça a seis ou sete deles. Os outros atiraram-se ao mar, e fugiram por todos os lados. Quatro dos outros navios dos Mouros foram então

socorrer os seus. O Capitão do bergantim, vendo-os aproximar, pegou num barril em que tinha estado a pólvora, meteu na boca dele um pedaço de vela que parecia uma pedra de bombarda, e posto um punhado de pólvora sobre aquele barril, com o fogo na mão fez como se quisesse descarregar uma bombarda. Os Mouros, vendo isso, e acreditando que o barril fosse mesmo uma bombarda, voltaram atrás, enquanto o Capitão se retirava com o seu navio vitorioso para onde estavam os outros Cristãos. O nosso Capitão, no entanto, tinha-se metido no meio de todos esses cães, dos quais foram capturados sete navios carregados, parte de especiarias, parte de outras mercadorias, e nove ou dez foram metidos ao fundo por obra da artilharia, sendo, um deles, carregado de elefantes. Quando os Mouros viram ir pelo ar tantos deles, e viram perdidos os dois navios capitães da armada, começaram a fugir aqui e acolá, para a terra e para o mar, uns em linha recta para o porto e outros oblìquamente. Finalmente, vendo todos os nossos navios salvos, o nosso Capitão disse: «Louvado seja Jesus Cristo; prossigamos a nossa vitória contra esses cães». E assim todos juntos começámos a persegui-los. Na verdade, quem tivesse visto fugir aqueles cães, teria julgado que tivessem no seu encalço uma armada de cem navios. E este combate começou à hora do almoço e durou até à noite. E depois, em toda a noite foram perseguidos, de forma que toda esta armada foi desbaratada sem morte de nenhum Cristão. Os nossos navios que aqui ficaram perseguiram outro grande navio que se afastava para o mar alto. Finalmente o nosso navio foi mais valente do que o deles, o qual foi investido por nós de tal forma que todos os Mouros se atiraram à água, e nós perseguimo-los continuadamente, com o esquife, ferindo e matando com as bestas e as lanças, até a praia; mas muitos se salvaram

nadando. Eram umas duzentas pessoas que nadaram mais de vinte milhas, quer debaixo, quer ao cimo da água; algumas vezes julgávamos que tivessem morrido, quando surgiam longe de nós um tiro de besta, e quando chegávamos para matá-los, pensando que estivessem cansados, mergulhavam de novo, a ponto de nos parecer um milagre grandíssimo que eles aguentassem por tanto tempo a nadar. Afinal a maior parte deles morreu, e o navio foi ao fundo com dois tiros de artilharia. Na manhã seguinte, o nosso Capitão mandou as galeras e o bergantim com alguns outros contar. Entre os que estavam na praia e pelo mar, juntando os dos navios capturados, foram contados quatro mil e seiscentos cadáveres. Saibam ainda que muitos foram mortos quando se puseram em fuga, atirando-se ao mar. O Rei de Cananor, vendo toda esta guerra, disse: «Estes Cristãos são homens muito corajosos e valentes». E na verdade, eu, nos meus dias, encontrei-me em algumas guerras; mas não vi nunca gente tão corajosa como estes Portugueses. No outro dia voltámos ao nosso Vice-Rei, que estava em Cochim. Deixo-lhes imaginar quanta foi a alegria do Vice-Rei e do Rei de Cochim, que é um verdadeiro amigo do Rei de Portugal, vendo-nos voltar vitoriosos.

CAPÍTULO DE COMO FUI ENVIADO NOVAMENTE PELO VICE-REI A CANANOR

Deixemos a armada do Rei de Calecute, que ficou desfeita, e voltemos a mim. Passados três meses o Vice-Rei, por sua graça, deu-me um certo ofício que era a divisão das artes, e neste ofício fiquei ano e meio. Dali a alguns meses, o meu Senhor Vice-Rei mandou-me com um navio a Cananor, porque muitos mercadores de Calecute iam a Cananor e

pediam o salvo-conduto aos Cristãos, dando-lhes a entender que eram de Cananor, e que queriam passar com mercadorias dos navios de Cananor, o que não era verdade. O Vice-Rei mandou-me precisamente para identificar estes mercadores e descobrir esta fraude. Aconteceu nesse tempo que o Rei de Cananor morreu, sendo feito Rei depois dele, um muito nosso inimigo, porquanto o Rei de Calecute tinha-o induzido a isso por força de dinheiro, emprestando-lhe também vinte e quatro bocas de fogo. Começou assim, em mil quinhentos e sete, uma grande guerra que durou desde vinte e sete de Abril a vinte e sete de Agosto. Agora verão que coisa é a fé Cristã e que homens são os Portugueses. Indo um dia os Cristãos para buscar água, os Mouros assaltaram-nos por causa do muito ódio que lhes tinham. Os nossos retiraram-se para a fortaleza, que estava já preparada para a defesa, e naquele dia não nos fizeram nenhum mal. O nosso Capitão, que se chamava Lourenço de Brito, mandou comunicar esta novidade ao Vice-Rei, que estava em Cochim, e logo veio o Senhor D. Lourenço com uma caravela fornecida de tudo o que era preciso, e dali a quatro dias o dito D. Lourenço voltou para Cochim, ficando nós a combater contra aqueles cães. Não éramos mais de duzentos homens. Comíamos apenas arroz, açúcar e nozes, nem tínhamos no castelo água para beber, e era preciso, duas vezes por semana, ir buscar água a um poço que ficava distante do castelo um tiro de besta, e todas as vezes devíamos conquistar a água por força de armas, e o menor número de gentios que vinha contra nós era de vinte e quatro mil pessoas, e algumas vezes trinta, quarenta e cinquenta mil, armadas com arcos, lanças, espadas, rodelas e mais de cento e quarenta bocas de artilharia entre grossa e miúda; e tinham também alguma defesa em cima, como disse falando

da armada de Calecute. A sua maneira de combater era esta: vinham dois ou três mil por cada vez, trazendo instrumentos e fogos artificiais, e correndo com tanta fúria que na verdade teriam incutido medo a dez mil pessoas. Mas os valentíssimos Cristãos iam procurá-los além do poço, nunca os deixando aproximar da fortaleza dois tiros de pedra, embora fosse necessário cuidar da frente e da retaguarda, porque algumas vezes vinham alguns desses Mouros da parte do mar com sessenta paraus para nos tomarem no meio. Cada dia de batalha nós, apesar de tudo, matávamos dez, e quinze, e vinte e não mais, porque logo que viam alguns dos seus mortos, davam às pernas. Numa ocasião, uma bombarda chamada *serpe,* com um tiro matou dezoito dos seus, sem que eles matassem algum dos nossos. Diziam que nós tínhamos o diabo para nos defender. Esta guerra começou em vinte e sete de Abril e acabou em vinte e sete de Agosto. Depois veio a armada de Portugal, da qual foi Capitão o valentíssimo Capitão cavaleiro Tristão da Cunha, à qual, quando esteve à vista de Cananor, fizemos sinais de que nos encontrávamos em guerra. Imediatamente o prudente Capitão fez armar todas as lanchas dos navios e mandou-nos trezentos cavaleiros todos armados de armas brancas, com os quais (se não o tivesse proibido o nosso Capitão) queríamos ir queimar toda a cidade de Cananor. Pensem, ó benignos leitores, qual foi a nossa alegria vendo tal socorro, porque na verdade estávamos quase esgotados, e a maior parte feridos. Quando os Mouros viram chegar a nossa Armada, mandaram um embaixador que se chamava Mamal Maricar, o homem mais rico da terra, para pedir paz. Nós mandámos imediatamente perguntar ao Vice-Rei em Cochim o que se devia fazer, e o Vice-Rei mandou que logo se fizesse a paz, o que foi feito. Mandou isso só para poder carregar os

navios e mandá-los para Portugal. Passados quatro dias, vieram dois mercadores de Cananor que eram meus amigos antes de haver aquela guerra, e falaram-me desta maneira: «*Factore on maniciar inghene ballia nochignam candile ornal pa tu maniciar patance manciar hirivatu maniciar ciatu poi nal nur Malabari nochi ornal totu ille curapo*», isto é: «Ó feitor, mostra-me aquele homem que é uma braça maior do que nós e que num dia matou dez, quinze, vinte de nós, enquanto os Naires eram quatrocentos e quinhentos a atirar sobre ele sem o poder alcançar nem uma só vez». Eu respondi desta maneira: «*Idu maniciar nicandu inchene Ille Coccin poi*», ou seja, «Aquele homem não está aqui, mas foi a Cochim». Depois pensei que aquele homem era bem outra coisa do que um simples Cristão, e disse-lhes: «*Ciangalingaba ni manaton undo*». Respondeu um deles: «Undo». Eu disse: «*Idu maniciar nicando Portugal ille*». Respondeu ele: «*E indi*». Eu disse: «*Tamerani Portugal idu*». Respondeu: «*Tamerani ni patanga cioli ocha malamar parangnu idu Portugal ille Tamarani Portugal periga nammi*». Disse-lhe, em suma: «Meu amigo, vem cá, aquele cavaleiro que viste não é Português, mas é o Deus dos Portugueses e de todo o mundo». Ele respondeu: «Por Deus, que tu dizes a verdade, porque todos os Naires diziam que aquele não era Português, mas que era o Deus deles, e que o Deus dos Cristãos era melhor do que o seu, e eles não o conheciam». Assim a todos pareceu que fosse um milagre de Deus. Vejam que gente são: uma vez estavam dez ou doze homens a ver tanger um dos nossos sinos, e olhavam-no como coisa milagrosa; depois que o sino deixou de tanger, diziam assim: «*Idu maniciar totu Idu parangnu tot ille parangnu ille Tamarani Portogal perga mannu*», isto é: «Estes tocam naquele sino, e ele fala; deixam de tocar, e não fala mais;

este Deus de Portugal é muito bom». E ainda, alguns destes Mouros assistiam à nossa missa; quando era mostrado o Corpo de Cristo, eu dizia-lhes: «Aquele é o Deus de Portugal, dos Gentios e de todo o mundo», e eles diziam: «Tu dizes a verdade; mas nós não o conhecemos». Pelo que se pode compreender que eles pecam por simplicidade. Alguns deles são os maiores encantadores, e nós vimo-los dominar serpentes que basta que toquem em alguém para o fazer cair morto. Digo ainda que eles são os mais destros prestidigitadores que há, creio eu, em todo o mundo.

CAPÍTULO DO ASSALTO DOS PORTUGUESES CONTRA PANANE

Já seria tempo de voltar à minha pátria, tendo o Capitão da Armada começado a carregar os navios para a sua volta a Portugal. Por causa de ter estado sete anos fora da minha casa, pelo amor que tenho à minha pátria, e ainda pelo desejo de lhe trazer notícia de grande parte do mundo, fui obrigado a pedir licença ao meu Vice-Rei, que por sua graça ma deu, e disse que antes queria que eu fosse com ele onde agora saberão. Ele e todos os que estávamos com ele pusemo-nos em ordem e, armados de armas brancas, saímos de Cochim, onde ficou pouquíssima gente, para ir, em vinte e quatro de Novembro, assaltar o porto de Panane. Neste dia surgimos em frente da cidade; na manhã seguinte, duas horas antes do raiar do dia, o Vice-Rei mandou vir todas as lanchas dos navios com toda a gente armada e disse-nos que aquela terra era a que nos fazia mais guerra que qualquer outra da Índia, e por isso pedia que quiséssemos de boa vontade marchar ao assalto

e atacar aquele lugar que na verdade é o mais forte que existe naquela costa. Depois que o Vice-Rei acabara de falar, o padre fez um sermão tal que todos choravam e muitos pediam pelo amor de Deus para morrer ali. Pouco antes de raiar o dia começámos, assim, uma guerra muito cruel contra aqueles cães que eram aproximadamente oito mil, ao passo que nós éramos seiscentos, podendo empregar muito pouco as galeras, pelo facto de elas não se poderem encostar à terra como as lanchas. O primeiro cavaleiro a saltar na praia foi o valente D. Lourenço, filho do Vice-Rei; a segunda lancha foi a do Vice-Rei, na qual eu me encontrava, e o primeiro assalto foi muito cruel, sendo aqui a foz do rio muito estreita e estando postadas na praia grande quantidade de bombardas, das quais tomámos mais de quarenta. Neste assalto combateram quarenta Mouros, todos donos de navios, os quais tinham jurado morrer ou vencer, e descarregaram muitas bombardas contra nós; mas Deus ajudou-nos, porquanto não morreu aqui nenhum dos nossos, mas deles morreram cento e quarenta, dos quais o senhor D. Lourenço matou seis diante de mim, sendo ele ferido duas vezes e muitos outros também feridos. A batalha foi renhida; mas quando as nossas galeras estavam próximo da terra, aqueles cães começaram a retirar-se para trás. Por causa da maré começar a decrescer, não pudemos seguir mais adiante. Aqueles cães começaram a aumentar; por isso pegámos fogo aos seus navios, dos quais se incendiaram treze, na maior parte novos e grandes. O Vice-Rei fez reunir toda a gente numa extremidade da praia, e ali fez uns tantos cavaleiros, entre os quais, por sua graça, me fez a mim cavaleiro também, sendo meu padrinho o valentíssimo Capitão Tristão da Cunha. Feito isto, o Vice-Rei começou a fazer embarcar a gente, sempre continuando a

incendiar muitas casas do dito lugar, de modo que, com a graça de Deus, e sem a morte de nenhum de nós, seguimos para Cananor, e logo depois da nossa chegada, o Capitão fez abastecer o nosso navio.

Livro da Etiópia

Coisa alguma é mais necessária aos que às histórias ou à cosmografia querem dedicar-se, como muitas vezes aconteceu, para a comum utilidade e para contribuir para a imortalidade da afadigada vida, do que ser possuidor duma memória tenaz, a fim de que, quando antes se prometeu alguma coisa, se possa satisfazer à promessa sem que alguém tenha motivos para os repreender por negligência ou por pouca memória. Portanto, tendo no meu Proémio prometido, durante o meu regresso de tantas angústias procuradas, explicar-lhes parte da Etiópia, tendo agora a oportunidade de cumprir a promessa, fá-lo-ei brevemente, a fim de que possam chegar ao fim da obra e eu descansar na minha pátria.

CAPÍTULO DE VÁRIAS ILHAS DA ETIÓPIA

Em seis de Dezembro dirigimo-nos para a Etiópia e atravessámos o golfo aproximadamente de três mil milhas,

até chegar à ilha de Moçambique, que pertence ao Rei de Portugal; antes de ali chegarmos, vimos muitíssimas terras que estão submetidas ao meu Senhor Rei de Portugal, e nas quais o Rei tem boas fortalezas, especialmente em Melinde, que é Reino; o Vice-Rei meteu Mombaça a ferro e fogo. Há uma fortaleza em Quiloa e estão fazendo uma em Moçambique; em Sofala há ainda uma fortaleza muito boa. Eu não direi o que fez o valente Capitão Tristão da Cunha, que durante a volta da Índia tomou as cidades de Gogia, Pate, e a fortíssima ilha de Brava e a óptima Socotará, em que o dito Rei tem boas fortalezas. A guerra que foi feita não a relato, porque não me encontrei nela. Não falo, ainda, acerca de muitas lindas ilhas que encontrámos pelo caminho, entre as quais está a linda ilha de Cumere, com seis outras ilhas em volta, onde nasce muito gengibre, muito açúcar e muitos frutos singulares e carne de toda a espécie em abundância. E nem sequer falo de outra linda ilha chamada Penda, que é amiga do Rei de Portugal e é fertilíssima.

CAPÍTULO DA ILHA DE MOÇAMBIQUE E DOS SEUS HABITANTES

Voltemos a Moçambique, donde o Rei de Portugal (como da ilha de Sofala) traz grande quantidade de ouro e de óleo, que vem da terra firme. Ficámos nela quinze dias aproximadamente e encontrámo-la pequena; os habitantes são negros e pobres, e têm pouca comida, chegando ali tudo da terra firme, que não fica muito longe; há aqui um porto muitíssimo bom. Às vezes íamos à terra firme de passeio para ver o país, e ali encontrámos uma raça de gente toda preta e nua: os homens usam para ocultar as partes pudibundas uma casca de árvore e as mulheres uma folha diante

e uma atrás. Têm os cabelos crespos e curtos, os lábios tão grossos como dois dedos, o rosto grande, os dentes grandes e brancos como a neve. São muito medrosos, especialmente quando vêem homens armados. Vendo nós que aqueles selvagens eram poucos e cobardes, eu e outros quatro ou cinco homens bem armados de espingardas tomámos um guia na dita ilha que nos acompanhasse para vermos o país, e andámos uma boa jornada em terra firme. Encontrámos ao longo do caminho muitos elefantes em tropel, por causa dos quais o que nos guiava nos fizera trazer certos ramos secos, acesos, que sempre levantavam chamas; quando os elefantes viam o fogo, fugiam, salvo uma vez que encontrámos três elefantes fêmeas com os filhos atrás, e estas perseguiram-nos até um monte em que nos salvámos. Andámos pelo dito monte bem dez milhas, e depois descemos do outro lado, encontrando ali umas quantas cavernas onde se refugiam os ditos negros que falam duma maneira que a grande custo vos poderei dar a entender. Esforçar-me-ei por fazê-lo com um exemplo, o melhor que puder, e direi que falam como quando os arrieiros da Sicília que vão atrás dos machos produzem com a língua debaixo do palato um certo som e um certo ruído com o qual fazem andar os seus bichos; não é de outra forma o falar desta gente, que faz, ainda muitos gestos, e assim se entendem. O nosso guia perguntou-nos se queríamos comprar vacas ou bois, que eram muito baratos; respondemos que não tínhamos dinheiro, receando que ele se entendesse com aqueles selvagens para nos roubar. Disse ele: «Não precisam dinheiro para isso, tendo eles mais ouro e prata do que vós, porque eles vão encontrá-los aqui perto, onde nascem». Perguntámos, então, ao guia: «Pois que querem?» Disse: «Eles querem algumas tesoiras pequenas e um pouco de pano para atarem em volta deles; gostam

muito de algum guizo pequeno para os seus filhitos, e ainda de alguma navalha». Respondemos nós: «Daremos parte dessas coisas, se eles nos conduzirem as vacas à montanha». Disse o guia: «Eu farei que lhas conduzam até ao cume da montanha, mas não além, porque eles nunca vão mais adiante. Digam o que querem dar». Um nosso companheiro bombardeiro disse: «Eu darei uma boa navalha e um guizo pequenino»; eu, para conseguir carne, tirei a camisa e disse que daria aquela. Então o guia, vendo o que nós queríamos dar, disse: «Quem vai, depois, conduzir tanto gado até ao mar? «Respondemos nós que nos dessem tanto quanto nós pudéssemos conduzir. Ele pegou nas coisas de que falei, deu-as a cinco ou seis daqueles homens, e pediu trinta vacas por elas. Os animais fizeram sinais de querer dar quinze vacas. Nós respondemos que aceitávamos e que eram muitas, na condição de não nos enganarem. Imediatamente vieram os negros para nos conduzirem até ao cume da montanha quinze vacas; mas, quando nos tínhamos afastado um bom bocado, os que tinham ficado nas cavernas começaram a fazer ruído, pelo que, receando que nos quisessem atacar, deixámos as vacas e pusemo-nos todos em armas. Os dois negros que conduziam as vacas deram-nos a entender por certos sinais que não havia razão para ter medo; o nosso guia disse que talvez estivessem brigando, porque cada um deles devia querer para si aquele pequeno guizo. Nós retomámos as ditas vacas e chegámos até ao cume da montanha; os dois negros voltaram para o seu caminho. Durante a nossa descida para chegar ao mar, atravessámos um pequeno bosque de cubebas, depois de cinco milhas aproximadamente, e ali encontrámos parte daqueles elefantes que encontrára-mos à ida. Foi tal o medo, que fomos obrigados a deixar parte das vacas, que fugiram para onde estavam os negros,

voltando nós, depois disso, à ilha. Quando a nossa armada foi abastecida do que era preciso, tomámos caminho para o Cabo da Boa Esperança, e passámos entre a terra firme e a ilha de S. Lourenço, que dista da terra firme oitenta léguas e que creio que em breve será também do Rei de Portugal, tendo os Portugueses conquistado e metido a ferro e fogo duas terras. Pelo que eu vi da Índia e da Etiópia, creio que o Rei de Portugal, com a ajuda de Deus e continuando a ter vitórias como teve no passado, será o Rei mais rico do mundo. E ele merece na verdade todos os bens, porque na Índia, e especialmente em Cochim, em cada dia de festa se baptizam dez e doze Gentios e Mouros na fé Cristã, que todos os dias, por causa do dito Rei, vai aumentando; por isso é de crer que Deus lhe deu vitória e que *in futurum* contìnuamente o fará prosperar.

CAPÍTULO DO CABO DA BOA ESPERANÇA

Voltando, agora, para o nosso caminho, passámos o Cabo da Boa Esperança. A duzentas milhas aproximadamente do cabo, começou a soprar vento contrário, e isto porque à esquerda há a ilha de S. Lourenço e muitas outras, das quais veio uma grande tempestade de ventos que durou seis dias; todavia, com a graça de Deus, saímos a salvo da tal tempestade. Depois de navegar ainda duzentas léguas, outra tempestade grandíssima nos colheu, que dispersou os navios da armada, uns aqui, outros acolá. Cessada a tempestade, retomámos o nosso caminho, e até Portugal nunca mais nos vimos. Eu ia no navio de Bartolomeu Florentino, que habitava em Lisboa; chamava-se o navio «Sancto Vincentio», e trazia sete mil cântaros de especiarias de toda a espécie. Passámos perto de outra ilha chamada Santa Helena,

onde vimos dois peixes, cada um deles do tamanho duma casa. Estes peixes quando estão debaixo de água levantam uma espécie de viseira com a largura de três passos, julgo eu, e abaixam-na quando querem andar debaixo da água. Ficámos a tal ponto amedrontados com o ímpeto com que esses peixes andavam, que descarregámos toda a artilharia. Encontrámos, depois, outra ilha chamada Ascensão, na qual havia certos pássaros grandes como patos, que se pousavam sobre o navio, e eram tão estúpidos e ingénuos que se deixavam agarrar com as mãos; só depois de serem apanhados pareciam bravos e ferozes, enquanto, antes, nos olhavam como uma coisa milagrosa. Isto provinha do facto de eles nunca terem visto Cristãos, não havendo nesta ilha senão peixes, água e estes pássaros. Passada a dita ilha, depois de navegarmos uns dias, recomeçámos a ver a estrela Polar; e todavia muitos dizem que, não se vendo a estrela Polar, não se pode navegar senão com o polo antárctico. Deixem-me dizer que os Portugueses navegam sempre com a estrela Polar, embora por uns certos dias a dita estrela seja invisível, porque a calamita faz o seu ofício e é submetida ao Polo árctico. Depois duns dias chegámos a um lindo país, isto é, às ilhas dos Açores, as quais são do Rei de Portugal; e primeiro vimos a ilha do Pico, e depois a do Corvo, a ilha das Flores, a de S. Jorge, a Graciosa, a ilha de Faial, até chegar à ilha Terceira, na qual ficámos dois dias. Estas ilhas são muito ricas. Depois que saímos daqui fomos para Portugal, chegando em sete dias à nobre cidade de Lisboa, a qual é uma das nobres e boas cidades que eu tenho visto. O prazer e a alegria que eu tive, chegado que fui em terra firme, deixo-o imaginar a vós, ó meus benignos leitores. Não estando o Rei em Lisboa, pus-me imediatamente a caminho e fui visitá-lo a uma

cidade chamada Almada, que é em frente de Lisboa. Logo que cheguei, fui beijar a mão de Sua Majestade, que me dispensou muitas gentilezas e me fez demorar alguns dias na sua corte para saber as coisas da Índia. Passados alguns dias, mostrei a Sua Majestade a carta de cavalaria que me dera o Vice-Rei da Índia, pedindo-lhe (se assim o queria) que ma quisesse confirmar, assinar de sua própria mão e pôr o selo das suas armas. Depois de ler a dita carta, disse que o faria, e assim mandou que me dessem um privilégio em pergaminho assinado por sua mão, com as suas armas, e registado. Depois pedi licença a Sua Majestade, e fui para a cidade de Roma.

FIM DE ITINERÁRIO

LAUS DEO

ÍNDICE

ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
14	2	*vuatmã*	*vuartmã*
21	2	*Crsitão*	*Cristão*
33	20	passos e Ptolomeu	passos de Ptolomeu
104	3	chamava-se	chamava-me
126	4	requíssimos	riquíssimos
180	1	Ternasserim	Tenasserim
183	3	requíssimos	riquíssimos
186	5	bergatim	bergantim
190	13	ilha, o qual	ilha, a qual
203	6	oito mil milhas	oito mil ilhas